

UNIVERSIDADE DO ALGARVE

FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

A MISERICÓRDIA DE FARO

Luís Filipe Aparício Fernandes dos Santos

Mestrado em História da Arte

Especialização em História da Arte Portuguesa

FARO

2009

NOME: Luís Filipe Aparício Fernandes dos Santos

DEPARTAMENTO: História, Arqueologia e Património

ORIENTADOR: Professor Doutor José Eduardo Capa Horta Correia

DATA: Abril 2009

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: A Misericórdia de Faro

JÚRI:

PRESIDENTE: Doutor Francisco Manuel de Almeida Correia Teixeira,
Professor Auxiliar da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do
Algarve.

VOGAIS: Doutor José Eduardo Capa Horta Correia, Professor Catedrático
Jubilado da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve, na
qualidade de orientador

Doutora Maria de Lurdes Anjos Craveiro, Professora Auxiliar da
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Agradecimentos

Fazendo, umas vezes por opção outras por vicissitudes, um percurso solitário na vida, não deixo de ter um punhado de amigos de estratos diversos com os quais consigo enriquecer o meu Saber.

Na conclusão deste Mestrado alguns estiveram por perto, pelo que justamente devem ser referidos:

-Professor Doutor J. E. Horta Correia que começou ‘apenas’ como professor e acabou como amigo.

-a minha amiga prof. Lígia Arruda com o seu português melhor que o meu, tornou a forma literária deste trabalho mais consentânea com a arte do bem escrever.

-docentes diversos desta faculdade que de uma forma ou de outra ajudaram/incentivaram ‘o mais velho’, com justa referencia ao Prof. Luís Oliveira (e aí começa a lista de *Luíses*).

-ao Designer Luís Pereira que com saber e perseverança nos deu imagens nunca delineadas.

-ao Luís Branca e o seu computador sempre disponível.

-ao meu único filho Luís Miguel que soube empurrar seu pai tantos anos depois, de novo para a Universidade e encetar uma disputa académica salutar.

Obrigado a estes e outros tantos que acreditam nas palavras partilhar e solidariedade.

Resumo

Esta dissertação aborda o conjunto Hospital/Igreja da Misericórdia de Faro, desde os seus antecedentes mais remotos até 1815 data da conclusão do citado hospital.

Começando com as primeiras edificações hospitalares, não perdendo de vista a sua relação com a igreja frequentemente anexa, analisa-se a evolução da arquitectura hospitalar até Fabri.

Trata-se de um percurso que parte de um enquadramento tipológico europeu para encontrar a categorização do exemplar de Faro.

Procura-se fazer uma história da evolução do Hospital e Igreja, num conjunto lógico e indissociável, sem nunca esquecer o enquadramento temporal da forma construtiva.

Palavras-chave: Hospital, Igreja, arquitectura hospitalar e Misericórdia.

Faro Clemency

Abstract

This essay concerns the whole Hospital/Faro Clemency Church, since their most distant antecedents till the date of the conclusion of the mentioned hospital, 1815.

Beginning with the first hospitable edifications and keeping his connection with the joined church, we analyse the evolution of the hospitable architecture till Fabri.

It is a way that starts from a general European framing to find the rank of Faro model.

We try to accomplish a history of the Hospital and Church evolution, in a logical and not dissociable assemblage, never forgetting the temporal framing of the constructive form.

Tags: Hospital, Church, hospitable architecture and Clemency.

Índice

Agradecimentos	iii
Resumo	iv
Abstract	v
Índice	vi
Índice de Ilustrações	viii
1. Introdução	1
2. Razões do estudo da Igreja e o Hospital da Misericórdia	5
3. Evolução da Arquitectura Hospitalar e localização de Igreja anexa	8
3.1. Caracterização tipológica	9
3.2. Evolução da Arquitectura Europeia	16
3.3. A relação entre Hospital e Igreja	27
3.4. O hospital de matriz cruciforme	47
3.5. A evolução em Portugal	61
3.6. Os Hospitais Algarvios	80
4. Origens do conjunto Igreja/Hospital da Misericórdia de Faro	85
5. O Hospital de João Dias	89
6. A Igreja do Espírito Sancto	101
7. A Igreja de planta centralizada	110
8. A Misericórdia de Faro e suas figura chave no conjunto em apreço	118
8.1. D. Afonso Castel-Branco	119
8.2. D. Francisco Gomes de Avelar	122
9. Francisco Xavier Fabri: Vida, obra e papel no conjunto	125
10. A campanha de Fabri no conjunto da Misericórdia Farensense	135

11. Conclusões	159
12. Bibliografia	162
13. Documentação anexa	177
14. Adenda	207

Índice de Ilustrações

Ilustração 1: Faro: planta do Instituto Geográfico Português.....	4
Ilustração 2: Pormenor da Planta do Instituto Geográfico Português.....	4
Ilustração 3: Identificação de Albergaria.....	10
Ilustração 4: Identificação de Mercearia.....	11
Ilustração 5: Hospitais de Isolamento.....	13
Ilustração 6: Planta da Gafaria de Leiden.....	14
Ilustração 7: Centro da Cidade de Corinto.....	18
Ilustração 8: Planta de Lerna e Aesklepion de Corinto.....	19
Ilustração 9: Planta e foto recente de Lerna.....	20
Ilustração 10: Ex-votos em Corinto.....	20
Ilustração 11: Planta de Roma de Piranesi.....	22
Ilustração 12: Idem - pormenor com evidência do Hospital (?) do Porto de Roma.....	23
Ilustração 13: Pianta dell'Isola Tiberina e dei due ponti che ad essa conducono- planta da ilha tiberina e das duas pontes que a ela conduzem.....	23
Ilustração 14: O Maristan de Granada.....	26
Ilustração 15: O Complexo do Mosteiro de S. Gall.....	28
Ilustração 16: Hospital de Soutra Aisle (Midlothian), Escócia.....	30
Ilustração 17: Hospício de Stolckalper de Simplon, Suíça.....	31
Ilustração 18: Hospital de Schwabisch Hall, Alemanha.....	32
Ilustração 19: Hospital Biloke, Gent.....	33
Ilustração 20: Hospital St. Mary, Grã-Bretanha (1269/1290).....	34
Ilustração 21: Hospital Heiliggeist, Alemanha (c. 1280).....	35
Ilustração 22: Hospital Medieval (interior).....	38

Ilustração 23: Tratamentos numa Enfermaria Monástica	39
Ilustração 24: "Hotel-Dieu" de Paris.....	40
Ilustração 25: O Hospital de Tonnerre.....	42
Ilustração 26: Localização da gafaria de Évora.....	44
Ilustração 27: Complexo de Fountains Abbey.....	45
Ilustração 28: Planta do Hospital de S. Maria Nuova de Florença.....	48
Ilustração 29: Hospital dos Inocentes, Florença.....	49
Ilustração 30: Ospedale Maggiore, Milão.....	50
Ilustração 31: Planta do Ospedale Maggiore, Milão.....	51
Ilustração 32: Ospedale Maggiore de Milão.....	51
Ilustração 33: Ospedale Maggiore de Milão.....	52
Ilustração 34: Esquisso do Hospital Real de Santiago de Compostela.....	53
Ilustração 35: Hospital Geral de Santiago de Compostela.....	54
Ilustração 36: Hospital Real de Santiago de Compostela.....	55
Ilustração 37: Hospital Real de Santiago de Compostela.....	56
Ilustração 38: Ospedale di S. Maria della Pace, Nápoles (Campania).....	57
Ilustração 39: Hospital Geral de Valência.....	58
Ilustração 40: Hospital de Heiliggeist, Augsburg, Alemanha.....	58
Ilustração 41: Alçado do Hospital Geral de Madrid.....	59
Ilustração 42: Planta do Hospital Geral de Madrid.....	60
Ilustração 43: Exemplo de pequenos hospitais medievais.....	62
Ilustração 44: Outro exemplo de hospitais medievais.....	63
Ilustração 45: Esquisso simplificado da planta do Hospital Real.....	66
Ilustração 46: Alçado frontal e planta do 1º piso do antigo Hospital da Luz de Carnide no final do século XIX.....	68

Ilustração 47: Planta do Antigo Hospital da Luz de Carnide.	69
Ilustração 48: Planta do Antigo Hospital da Luz de Carnide.	69
Ilustração 49: Exemplo de interior de Hospital do século XVII: Hospital da Caridade de Paris.	71
Ilustração 50: Exemplo de interior de Hospital do séc. XVIII: Hospital de S. João de Bruges.	72
Ilustração 51: Plantas do Projecto inicial de John Carr.	74
Ilustração 52: Planta do piso 2 do Hospital de Santo António do Porto.	75
Ilustração 53: Planta com localização da Capela assinalada, no piso 4.	75
Ilustração 54: Alçado da Igreja do Hospital de Santo António do Porto.	77
Ilustração 55: Planta da Igreja do Hospital de Santo António do Porto.	78
Ilustração 56: Portal de entrada do Hospital da Misericórdia de Loulé.	81
Ilustração 57: Planta do Primeiro Hospital das Caldas de Monchique.	83
Ilustração 58: Planta hipotética do conjunto Ermida do Espírito Sancto e Hospital João Dias.	95
Ilustração 59: Vistas hipotéticas Sul, Poente, Norte, e Nascente do conjunto Ermida do Espírito Sancto e Hospital João Dias.	96
Ilustração 60: Perspectivas hipotéticas Poente/Norte e Poente/Sul do conjunto Hospital João Dias e Ermida do Espírito Sancto.	97
Ilustração 61: Perspectivas hipotéticas Sul do conjunto Ermida/Hospital.	97
Ilustração 62: Perspectiva hipotética sul/nascente do conjunto Ermida/Hospital.	97
Ilustração 63: Perspectiva hipotética norte/poente do conjunto Ermida/hospital.	98
Ilustração 64: Perspectiva hipotética sul/nascente do conjunto Ermida/Hospital.	98
Ilustração 65: Perspectiva hipotética nascente/norte do conjunto Ermida/Hospital.	99

Ilustração 66: Perspectiva hipotética ponte/sul do conjunto Ermida do Espírito Sancto/Hospital de João Dias	99
Ilustração 67: Cantaria do lintel da Igreja do Espírito Sancto de Farão	102
Ilustração 68: Cantaria do lintel da Igreja do Espírito Sancto de Farão	103
Ilustração 69: Planta da Ermida do Espírito Santo; conjectura: vista 1	105
Ilustração 70: Idem; conjectura: vista 2	106
Ilustração 71: Idem; conjectura: vistas 3 e 4	106
Ilustração 72: Idem; conjectura: vista 5	107
Ilustração 73: Idem; conjectura: vista 6	107
Ilustração 74: Idem; Conjectura: vista 7	108
Ilustração 75: Idem; Conjectura: vista 8	108
Ilustração 76: Alçado da Igreja da Misericórdia de Faro	112
Ilustração 77: Planta da Igreja da Misericórdia de Faro	113
Ilustração 78: Planta da Igreja da Misericórdia de Faro	113
Ilustração 79: Cúpula da Igreja da Misericórdia de Faro	114
Ilustração 80: Interior da Igreja da Misericórdia de Faro	116
Ilustração 81: Pia de água benta	117
Ilustração 82 Portal da Igreja da Misericórdia de Faro	120
Ilustração 83: Igreja da Misericórdia em 2008	121
Ilustração 84: Mapa da cidade de Faro em 1872 (Hospital da Misericórdia construído).	139
Ilustração 85: Pormenor da imagem anterior	140
Ilustração 86: Parte da planta do Ospedale Maggiore de Milão apresentado acima no texto	141
Ilustração 87: Tecto em reixa de inspiração algarvia	142

Ilustração 88: Enfermaria das Mulheres.	143
Ilustração 89: Interior da Igreja da Misericórdia de Faro.	144
Ilustração 90: Pormenor do referido vão de ligação á Enfermaria das Mulheres.	145
Ilustração 91: Plano de Faro de Sande Vasconcelos.....	147
Ilustração 92: Pormenor do plano de Faro de Sande Vasconcelos	148
Ilustração 93: Pormenor do Plano de Sande Vasconcellos.....	149
Ilustração 94: Vista de Faro em 1793.	150
Ilustração 95: Faro, Praça da Rainha1884.	151
Ilustração 96: Praça da Rainha 1910.....	152
Ilustração 97: Conjunto da Misericórdia no início do Século XX (Hospital, Igreja e Recolhimento).....	152
Ilustração 98: Retrato póstumo do bispo D. Francisco Gomes de Avelar.....	154
Ilustração 99: pormenor da ilustração anterior.	155
Ilustração 100: Conjunto da Misericórdia - 2008.	155
Ilustração 101: Conjunto da Misericórdia - 2008.	156
Ilustração 102: Hospital + Misericórdia de Faro.	156
Ilustração 103: Interior da arcaria frontal – 2008.	157

1. Introdução

A principal motivação deste trabalho pode colocar-se sob a forma de um questionamento.

Como olhar, de uma outra maneira mais abrangente, a Misericórdia de Faro?

Localizado no emblemático Jardim Manuel Bivar, na actual baixa fareense, o conjunto da misericórdia local ocupa lugar de destaque nesta sala de visitas cidadina. De entre os vários edifícios, dois, adossados e virados à actual doca de recreio, merecem particular atenção: o Hospital e a Igreja da Santa Casa da Misericórdia de Faro. Com um modelo arquitectónico pluricentenário induzem naturalmente várias perguntas relativas à sua edificação.

Hospital desde quando? E sempre com a mesma forma? E a Igreja sempre aqui existiu? Anterior ou posterior ao Hospital? De quem é o projecto?

Num minuto de reflexão, qualquer espírito atento poderá colocar inúmeras perguntas, para as quais nem sempre existem respostas fáceis.

Este trabalho pretende, pois, abordar a génese próxima e remota do conjunto, bem como as pessoas que nele estiveram envolvidas.

Naturalmente que na tentativa de enquadramento de pessoas e obras se expandiu a nossa viagem por estudos biográficos e por evoluções de estilos arquitectónicos

Através dos tempos sempre houve uma relação estreita entre igreja e hospital, quer nos tempos das Misericórdias como maior prestador de cuidados médicos, quer em tempos anteriores. No caso fareense, igreja e hospital sempre andaram espacialmente

ligados mesmo em edifícios já não existentes e em localizações não completamente coincidentes com as actuais.

Com origens que remontam a tempos de expansão urbana para fora do núcleo inicial da Vila Adentro, na alvorada da primavera quinhentista, iremos encontrar nesse conjunto uma parte interessante da história da cidade.

O conjunto actual da Santa Casa da Misericórdia de Faro (Igreja e Hospital), de marcada importância na constituição de uma frente cidadina face à ria, vale uma viagem histórica ao tempo do bispo D. Francisco Gomes de Avelar, altura em que, face a uma conjuntura favorável à sua edificação, (onde avulta a figura do Arquitecto Francisco Xavier Fabri), se deu corpo a uma realidade ainda hoje patente.

Tal como nas circunstâncias anteriores, Fabri teve também o seu projecto condicionado pela ligação entre a igreja e o hospital, ligação esta que procurámos abordar neste trabalho. Neste sentido, procuramos analisar diversos factores que convergem os seus resultados no conjunto da Santa Casa da Misericórdia de Faro, tendo em conta quer os intervenientes humanos (o bispo-provedor da Misericórdia e o arquitecto), quer os factores mais propriamente arquitectónicos e espaciais (modelos construtivos, localização na malha urbana, etc. ...)



Ilustração 1: Faro: planta do Instituto Geográfico Português.

Ilustração fornecida no ano de 2008 como actualizada: artigo SCDCRA4SC



Ilustração 2: Pormenor da Planta do Instituto Geográfico Português.

2. Razões do estudo da Igreja e o Hospital da Misericórdia.

(Origem, importância e ausências de estudos anteriores)

O actual Jardim Manuel Bívar, antiga praça da Rainha, na Baixa Farense, apresenta ao longo do seu maior eixo duas frentes distintas: uma aproximadamente para poente - a frente ribeirinha e, para nascente, uma frente urbana, na qual sobressai um conjunto de edificações diversas constituindo o quarteirão da Misericórdia local. Nesta frente urbana são peças chave: a sul, a igreja da Misericórdia e, adossada a esta, para norte, o antigo Hospital da mesma Misericórdia.

A Igreja tem uma fachada de três panos, escondendo por detrás de si uma planta centralizada em forma de cruz grega de projecto quinhentista.

O Hospital apresenta uma arcada virada ao jardim, alinhada com a frente da igreja, tendo por detrás uma estrutura de duplo pátio interno.

Presentemente, ao olharmos para este conjunto sujeito a múltiplos acrescentos, com alterações mais ou menos profundas ao longo dos séculos, somos necessariamente levados a viajar no tempo até dois patamares temporais: séc. XVI e final do século XVIII/ princípio do século XIX, datas de grandes modificações arquitectónicas do local onde se erguem Igreja e Hospital. As modificações processadas nestas épocas na Praça da Rainha com um novo ordenamento urbano face à ria, são indissociáveis deste conjunto da Misericórdia Farense que, na formulação actual, ainda tem por detrás de si as figuras de Francesco Saaverio Fabri (Francisco Xavier Fabri) e de Francisco Gomes de Avelar.

Por isso há que fazer a História, para ordenar e compreender factos e analisar as preexistências, os múltiplos condicionantes com que se depararam bispo e arquitecto. São eles, a par das obras, o objecto deste trabalho (uma abordagem justificada por um património secular com tanto interesse).

Também neste trabalho procuraremos fazer uma sùmula das tipologias construtivas hospitalares até ao século XVIII, no final do qual Fabri edificou este Hospital de Misericórdia introduzindo com ele um novo estilo arquitectónico – o neoclássico, num Algarve periférico.

Sendo de momento possível recuar documentalmente até às origens deste conjunto (1501) e às relações existentes já nesse tempo entre Hospital e Igreja torna-se interessante fazer a história prévia do conjunto actual. Dado que podemos conjugar novas datações para a Misericórdia parece-nos interessante ordenar dados e fazer uma história actualizada do conjunto.

Muitas Igrejas houve por Faro, mas esta - adossada a um hospital - moldou a forma do hospital, fruto de condicionalismos espaciais locais. Por outro lado, os cânones construtivos para os Hospitais, sobretudo os de propriedade das Misericórdias, obrigavam a peculiaridades construtivas próprias. De facto um Hospital de Misericórdia está, via de regra, sempre associado de alguma forma a uma Igreja, havendo mesmo quantas vezes comunicação física.

Acerca da Igreja da Santa Casa da Misericórdia de Faro e do Bispo D. Francisco Gomes do Avelar há diversos estudos; no entanto, raros sobre o Hospital da Misericórdia, e, sobre o conjunto: Hospital e Igreja não encontramos qualquer publicação. Por isso, focámos a nossa atenção sobre as quatro vertentes convergentes no conjunto: Hospital, Igreja, Bispo D. Francisco Gomes do Avelar e Arquitecto Francisco Xavier Fabri.

3. Evolução da Arquitectura Hospitalar e localização de Igreja anexa

3.1. Caracterização tipológica

Desde tempos imemoriais que se pretende que cada palavra corresponda a um só conceito, daí que, frequentemente, se encontre de uma maneira ou de outra um glossário de leitura em obras que podem abordar conceitos latos ou por vezes polémicos. Com o avançar do conhecimento científico, foram-se criando conceitos mais estritos para antigos vocábulos de significado mais lato.

Os termos hospital, hospício, albergue, entre outros, foram tendo significados diversos ao longo dos tempos, pelo que se nos afigura imperioso começar por uma história de conceitos, prévia a uma história de objectos.

O termo Hospital deriva da palavra latina *hospes* hóspede, e, portanto, estes locais, primórdios dos hospitais modernos, não eram mais que lugares de permanência de indigentes, idosos, no fundo ‘os sem abrigo’ da altura; além de serem também locais de abrigo para peregrinos e doentes. No fundo, o critério de admissão era a incapacidade de subsistência do homem, ou a necessidade de assistência e não a sua doença, essa, tarefa de familiares. É, no entanto, esta vertente de acolhimento e tratamento de enfermos que se vem a desenvolver, pese embora, como bem nota Leistikow “ a admissão por período limitado, com o propósito de cura de certas doenças, era desconhecida.”¹.

¹ Leistikow; 1967; pag 9.

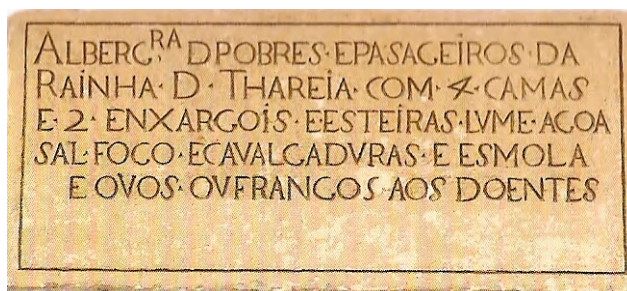


Ilustração 3: Identificação de Albergaria

In Pereira; 2005; pag 62.

Até aos nossos dias sempre houve (e ainda persiste...) uma marcada incorrecção no uso de termos como Albergarias, Hospedarias, Mercearias², Hospitais e Gafarias, pelo que aqui se deixa uma caracterização plausível, a do Professor Gonçalves Ferreira³; ainda que eventualmente com uma visão mais próxima da verdade Médica que da Historiográfica, parece-nos credível e didáctica ao pretender ser exhaustiva, num livro de referência para o estudo da História da Medicina nas respectivas Faculdades e que resumidamente deixamos na Documentação anexa (ver Documento nº 1). No entanto, importa referir que a clarificação, a diferenciação rigorosa destes termos só tardiamente se vem a dar; Conde refere mesmo que essa definição (embora ainda não a sua correcta aplicação...) só se vem a dar no início de Quatrocentos⁴. Este autor contemporâneo e com uma formação académica diferente, que não médica, dá-nos uma opinião diferente para os mesmos vocábulos.

² Mercearias: (a designação deriva de mercê, graça; favor; benefício) – Pereira; 2005; pag 86.

³ Ferreira; 1990; pag 63 e 64.

⁴ Conde; 2004; pag 24.



Ilustração 4: Identificação de Mercearia

In Pereira; 2005, pag 88.

Por mero exemplo o termo *Mercearia* não significa exactamente o mesmo para autores diversos; assim, define Manuel Conde como recolhimento para “pessoas honestas, em geral de idade superior a 50 anos, carecidas do essencial para viver”, que tivessem tido de seu e o tivessem perdido “não por maus feitos que fizessem, nem por más manhas, nem por maus costumes que houvessem”⁵ e Moniz Pereira como espécie de asilos destinados a pessoas pobres, principalmente mulheres (viúvas ou solteiras de mais de 50 anos, de boa fama, virtuosas e honradas), que eram sustentadas, vestidas e agasalhadas, à custa de rendas legadas pelos instituidores que estabeleciam ainda que, em missas diárias às horas canónicas e em orações, rezassem pelas suas almas⁶. (Há referência a uma no Algarve junto ao Hospital da confraria de S.^a Maria Nova e S. Brás de Tavira, como “casas para residência de mulheres viúvas recolhidas”⁷).

Hospedarias seriam estabelecimentos de acolhimento de pessoas, habitualmente mais de forma transitória, e pressupondo um pagamento.

⁵ Conde 2004; pag 32

⁶ Pereira; 2005; pag. 86

⁷ Correia, 1954, pag 445: citando Damião de Vasconcelos.

Hospitais, no entanto, seriam estruturas de acolhimento de pessoas incapazes de se bastarem a si próprias mas, fundamentalmente, também carentes de cuidados de saúde. Conde precisa que “(...)No português medievo, o termo referia-se a qualquer estabelecimento onde se desse hospedagem e/ou tratamento gratuito a pobres, doentes ou peregrinos (...)”⁸.”

Gafarias também chamadas Lazaretos eram conjuntos mais ou menos fechados onde se retinham em clausura perpétua pessoas pressupostamente afectadas da doença de Hansen ou Lepra.

Uma qualquer tentativa de sistematização dos Hospitais existentes no nosso País, num universo temporal que vai até ao final do século XVIII, poderá agrupar, segundo critérios ou especificidades, vários tipos, nesse sentido passamos a referir alguns mais interessantes:

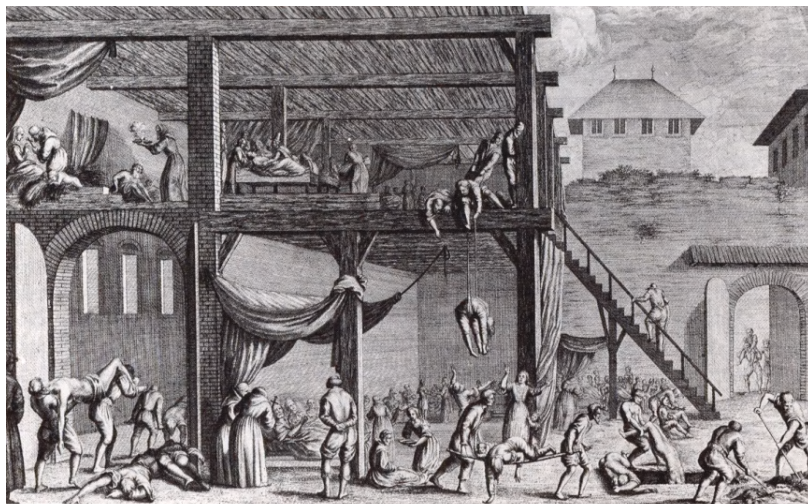
Hospitais de Acolhimento⁹: destinados ao tratamento de doentes e feridos vindos das costas de África; exemplos: Hospital do Espírito Santo de Tavira - instituição que era primitivamente uma Albergaria e que foi ‘promovida’ a Hospital em 1430 por D. João I; outro um pouco posterior (1471), o de Loulé, fundado por D. Afonso V¹⁰.

⁸ Conde; 2004; pag 23.

⁹ A estes Hospitais num espírito de Estado Novo eram apelidados de Hospitais Coloniais por Fernando Correia.

¹⁰ Correia; 1944; pag 349.

Hospitais de Isolamento: Mary Lindemann atribui-lhes uma datação europeia do meio do século XIV¹¹; é exemplo em Portugal o Hospital de S. Brás de Évora construído para tratamento das vítimas da peste¹².



LODOVICO BURNACINI.
*Hospital for the Plague-Stricken
Vienna*. c.1679. Copperplate
engraving, 9¼ × 14½ in.
(23.5 × 36.8 cm).
© Historisches Museum der
Stadt Wien, Vienna.

Ilustração 5: Hospitais de Isolamento.

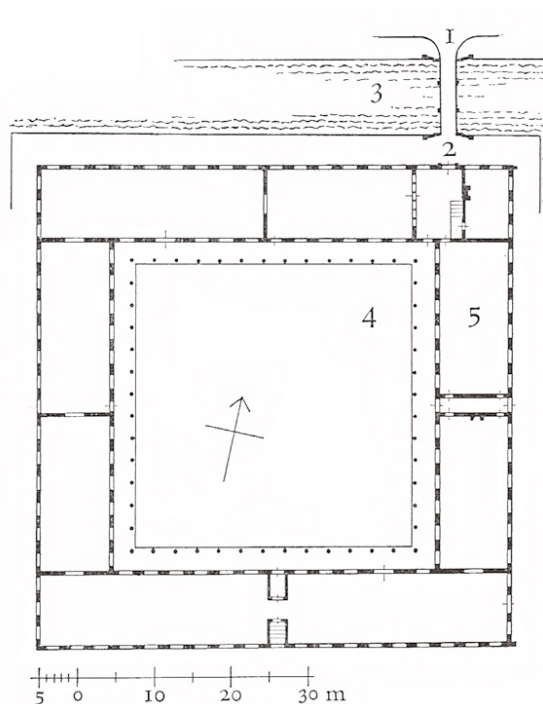
In *Medicine in Literature and Art*; 1991; pag 104.

Gafarias: inúmeras. Estas instituições não poderão ser consideradas verdadeiros Hospitais à época, pois nelas se fazia, de um modo geral, apenas o isolamento dos indivíduos considerados leprosos (quantas vezes vítimas de ‘diagnósticos’ incorrectos...). Estas instituições eram frequentemente muradas, localizadas perto de um curso de água, viradas para o seu interior e constituídas por pequenas casas construídas sob o uso local e da época, tinham no conjunto terreno cultivável, no sentido de tornar auto-suficiente a gafaria. Quanto ao tratamento efectivo ele só viria no século XX...No

¹¹ Mary Lindemann, 2002, pag. 129: em Geerttruidenberg (Holanda), em 1356, em Dubrovnik, em 1377; em Marselha em 1383, em Veneza em 1423 e em Milão em 1488.

¹² Correia; 1944; pag. 427: de madeira e começado a construir em 1482.

Algarve poder-se-á citar a título de exemplo a gafaria de Lagos com datação de 1490¹³, ou uma outra em Tavira junto da Ermida de S. Lázaro ou de N.ª S.ª do Livramento, para Este da Ponte¹⁴.



11. Leiden. Ehem. Pesthaus. Grundriß
(vor Veränderungen des 19. Jh.), nach Inventar.
1 Brücke, 2 Portal, 3 Wassergraben, 4 Hof, 5 Krankensäle.

Ilustração 6: Planta da Gafaria de Leiden.

In Leistikow; 1967; pag 58¹⁵.

¹³ Carvalho, Silva; história da Lepra em Portugal; pag 26, citado em Correia; 1944; pag.367.

¹⁴ Leal; Pinho; Vasconcelos, Damião de; citado em Correia; 1944; pag 442.

¹⁵ Interessante que neste caso particular e não como regra geral não há capela integrando este conjunto...

Hospital de Meninos ou de Inocentes: o mais antigo dos quais localizado na Mouraria de Lisboa e fundado pela mulher de D. Afonso III a Rainha D. Beatriz em 1321¹⁶. Pese embora a sua denominação tratar-se-ia com mais propriedade de um orfanato do que um hospital, tendo em vista a sua funcionalidade; mas fica aqui a referência, visto que, historicamente, assim ficou denominado. No nome e no internamento diferenciado, ele deve, no entanto, ser associado aos primórdios dos Hospitais Pediátricos. Estes ‘hospitais’ forneciam comida, dormida, roupa, médico e medicamentos...no entanto estas crianças ‘enjeitadas’ estavam ao cuidado de amas até aos três anos e após os sete colocados a aprender um ofício para aos doze (!) poderem viver autonomamente.¹⁷

Hospitais para Regeneração de Mulheres: cuja referência mais pertinente será a de uma instituição fundada pela Rainha Santa Isabel e que a exemplo da anterior não teria grandes intenções curativas do corpo antes do espírito... ; este situar-se-ia em Torres Novas¹⁸.

Hospitais do Espírito Santo: criados pela Irmandade do Divino Espírito Santo sob um compromisso próprio e grande difusão por toda a Europa.

¹⁶ Conde; 2004; pag 33

¹⁷ Conde; 2004; pag.33

¹⁸ Conde; 2004; pag. 34

3.2. Evolução da Arquitectura Europeia

O reconhecimento do tratamento da doença como uma necessidade colectiva é mais recente que a fundação dos primeiros hospitais. Ao procurarmos recuar até às referências mais antigas de algo a que possamos chamar com alguma propriedade ‘Hospital’, a dado passo deparamo-nos com a manifesta dificuldade de podermos aplicar esse termo com algum rigor, habituados que estamos a padrões precisos da prática médica que em boa verdade não são transponíveis para um tempo mais recuado, de prática não verdadeiramente científica. Desse modo, e com as devidas ressalvas, poderemos cair nos templos da Aesculapio da Grécia Antiga, os quais obviamente não poderemos chamar Hospitais ‘*sensu estrictu*’ embora aí se praticassem rituais de cura. Há efectivamente recolhimento de pessoas em locais específicos nos quais se faziam algumas práticas tendentes ao bem-estar físico e psicológico dos que aí acorriam. Banhos, massagens, chás etc. só poderão ser classificados como práticas médicas com um conceito de Medicina bastante lato, e adaptado ao tempo em que se praticavam. Daí que talvez só com muito boa vontade possamos chamar a esses edifícios de hospitais. Mas o início seria este. Os doentes, em particular os não indigentes e com família, eram observados e tratados em casa¹⁹, daí a maior vertente de apoio social que de apoio médico nos locais de acolhimento de pessoas, eventualmente enfermos.

” O Hospital é verdadeiramente uma instituição do cristianismo”²⁰, dentro de um espírito de realização de obras de caridade, alojando e tratando dos sem abrigo bem

¹⁹ Correia; 1944; pag. 328.

²⁰ Carmona; 1954; pag 22.

como os peregrinos e viajantes. Mas em Portugal será muito mais tarde, no século XVI, (D. Manuel I) que se tenta, por ordenação régia acolher apenas doentes em Hospitais²¹.

Dentro desta linha de busca dos precursores dos hospitais, Lindemann aponta mesmo estes *asklepieia* (antigos templos gregos de cura), e os *valetudinária* romanos (para soldados e escravos), como os cabeças de série. Para esta autora, no Império Romano verdadeiros hospitais de inspiração cristã, só por volta do século IV.²²

Aqueles aqui apresentados (Corinto) tem uma datação para 5º_4º sec. A.C. .

²¹ Tavares; 1989; pag. 126.

²² Lindemann; 2002; pag 123

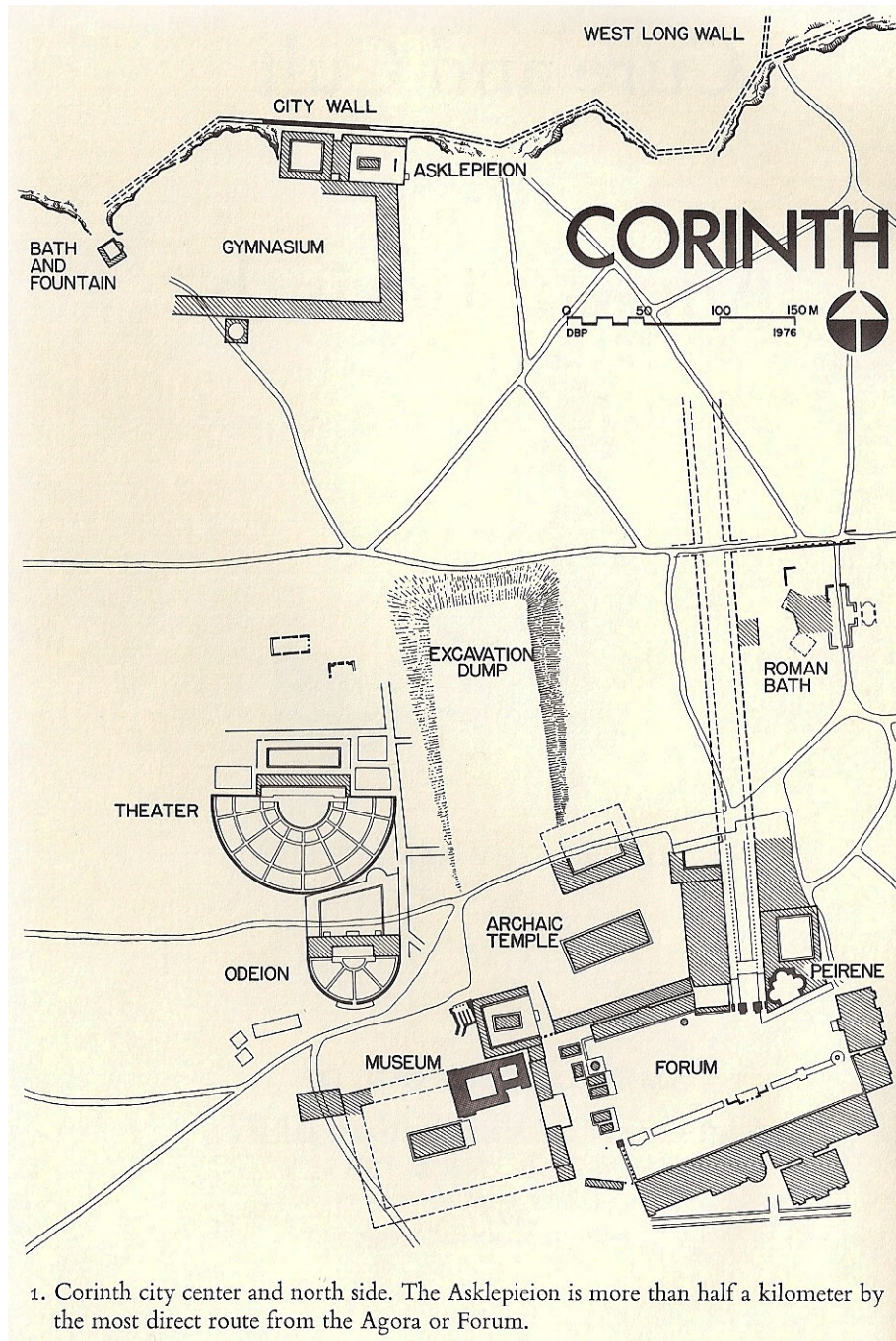


Ilustração 7: Centro da Cidade de Corinto.

In Cure and Cult in Ancient Corinth; 1977; pag.2.

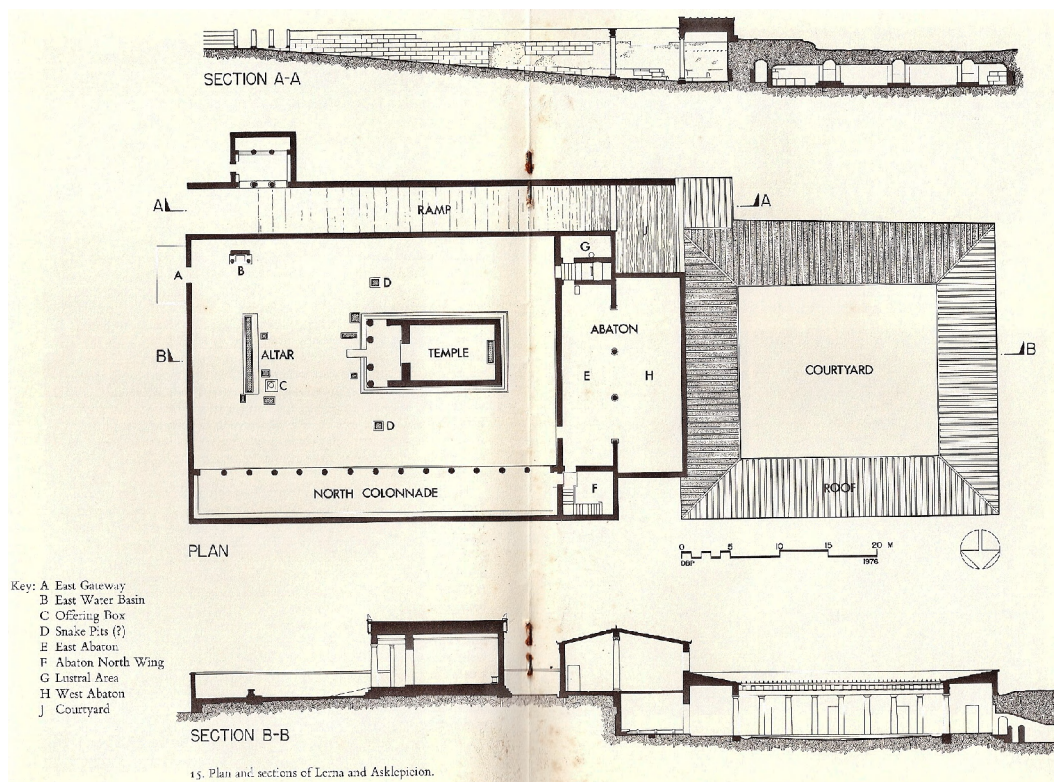


Ilustração 8: Planta de Lerna e Aesklepion de Corinto.

In Cure and Cult in Ancient Corinth; 1977; pag 15 e 16.

Parece-nos interessante reter, desde já, a forma especial do pátio circundado ao seu redor de colunas, pormenor recuperado uma e outra vez através dos séculos.

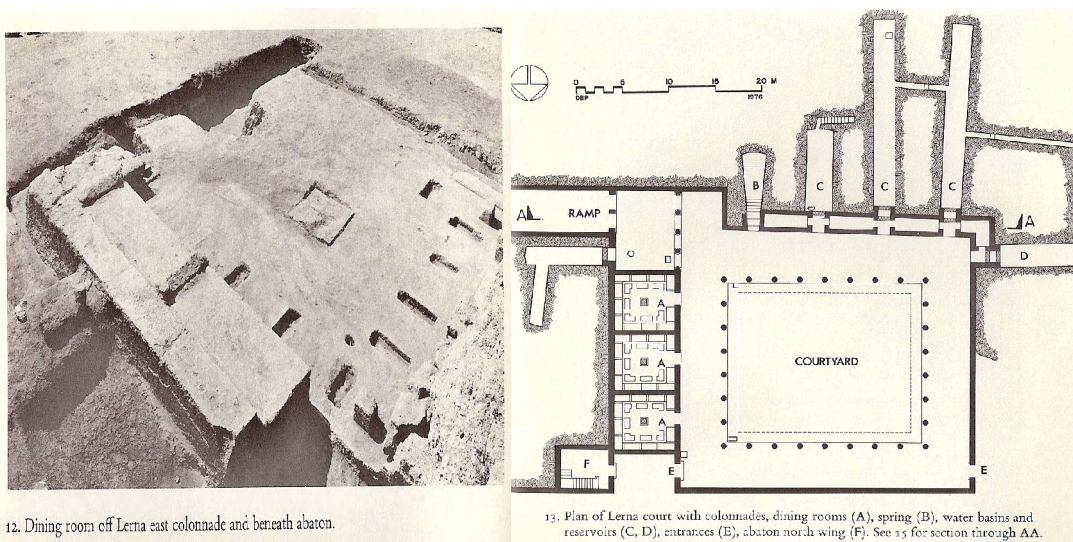


Ilustração 9: Planta e foto recente de Lerna.

In Culture and Cult in Ancient Corinth; 1977; pag 12 e 13.

De qualquer forma o conjunto de ex-votos aqui patentes não nos deixará muitas dúvidas em relação aos benefícios físicos aqui pedidos e eventualmente obtidos.

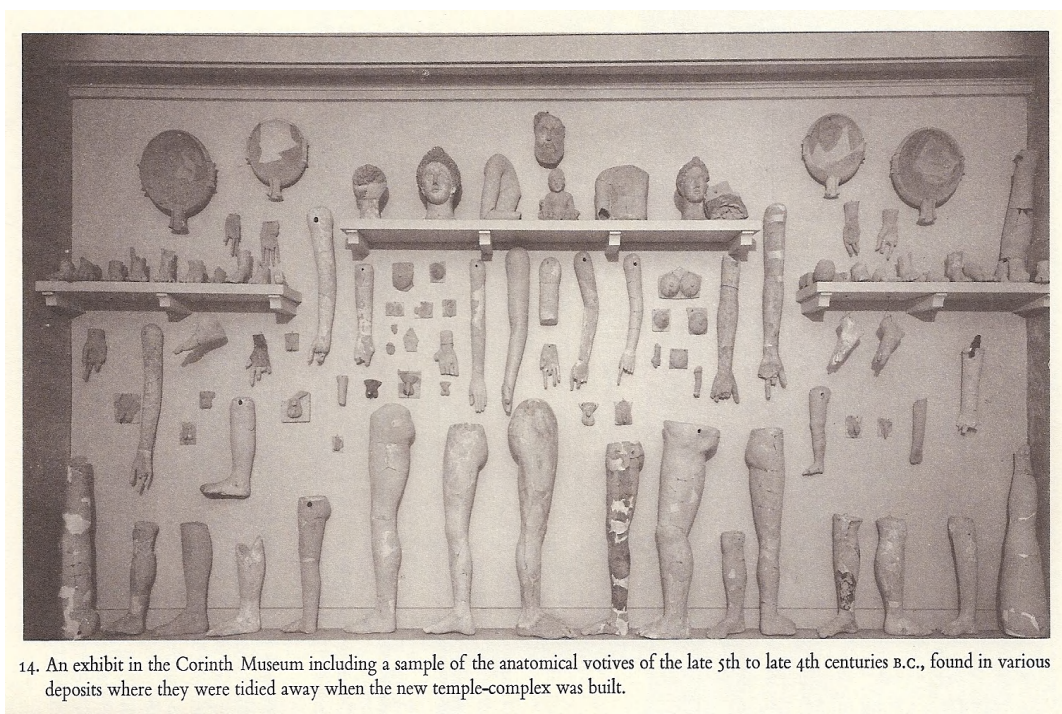


Ilustração 10: Ex-votos em Corinto.

In Cure and Cult in Ancient Corinth: 1977; pag.14.

Falando-nos da Arte de curar grega, Fernando da Silva Correia diz-nos que “havia locais destinados a receberem doentes para tratamento, ou junto dos *iatreion* e dos templos, ou em outros lugares, correspondendo aos modernos hospitais”²³.

Quando a Grécia foi conquistada pelos Romanos, a Medicina Grega invadiu a capital do Império e o antigo culto de Apolo, Marte e Salus foi substituído pelo de *Asklépios* (Aesculapio) sendo que os seus templos eram verdadeiras clínicas, com camas para doentes, construindo-se mesmo um Hospital junto do templo da ilha do Tibre em 291²⁴. No entanto, se avançarmos até Roma ao ano 398 da nossa era e analisarmos o *Xenodochium* de Pammachius no *Porto* (porto de Roma), aí iremos encontrar o que desde há muito tempo tem vindo a ser citado como o primeiro edifício Hospitalar cristão; uma basílica de três naves com um atrium de entrada e quartos (?) rectangulares atrás de colunas de um pátio quadrado²⁵. Numa recente exposição em Haarlem (entre 9 de Fevereiro e 19 de Maio de 2008) o Teylers Museum apresentou uma exposição temática temporária sobre a figura de Giovanni Battista Piranesi (1720-1778) tendo presente uma planta de Roma atribuível a este autor, e onde, ao vivo, era reconhecível, no rio Tibre, por baixo do Monte do Capitólio, uma pequena ilha com algumas edificações para as quais a legenda anexa atribuía o nome de Hospital. Não temos dados suficientes para confirmar ou infirmar o que se encontra ali representado, só que existe alguma correspondência espacial entre o representado graficamente e aquilo que tradicionalmente se atribui a ter existido nessa localização, numa data semelhante e com funções idênticas...

²³ Correia; 1954; pag. 108.

²⁴ Correia; 1954; pag 135 e seg.

²⁵ Leistikow; 1967; pag 10

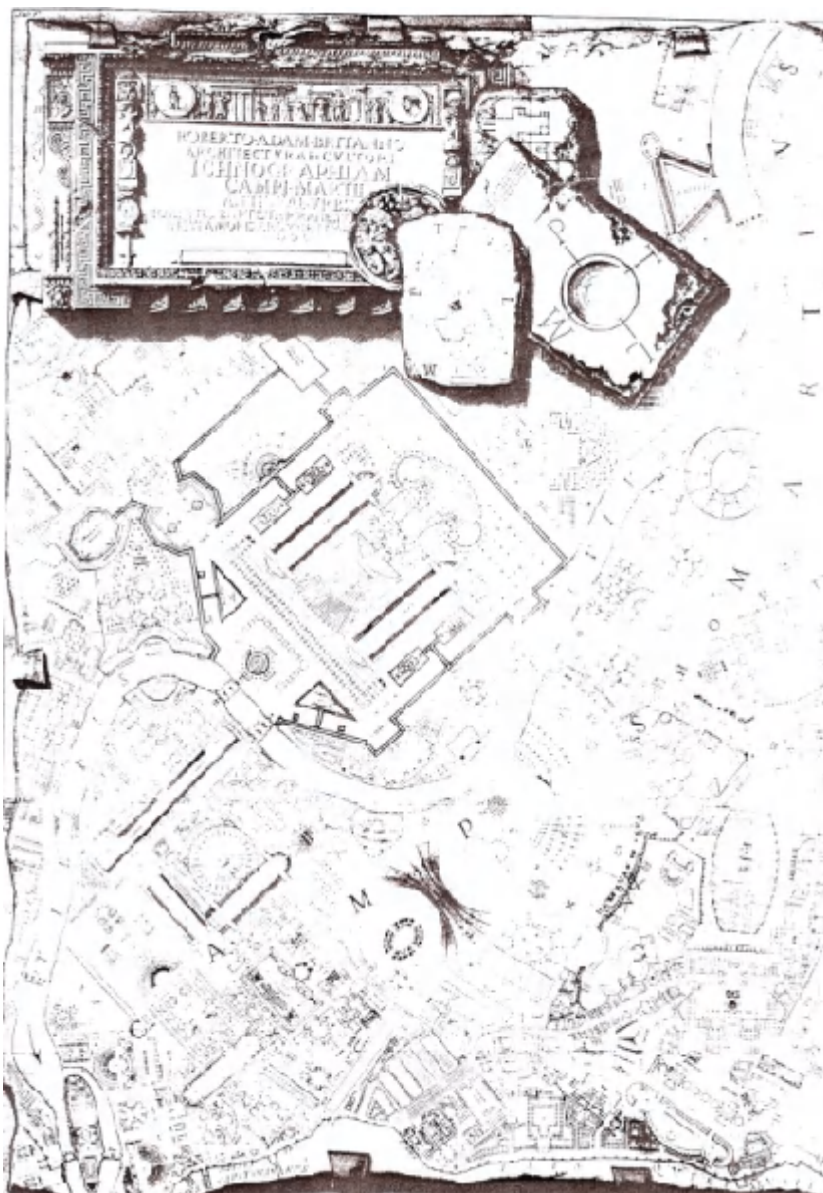


Ilustração 11: Planta de Roma de Piranesi.

In Catálogo da Exposição sobre Piranesi no Tyleres Museum; Haarlen, Holanda; 2008.



Ilustração 12: Idem - pormenor com evidência do Hospital (?) do Porto de Roma.

In Catálogo da Exposição sobre Piranesi no Tyleres Museum; Haarlen, Holanda; 2008.

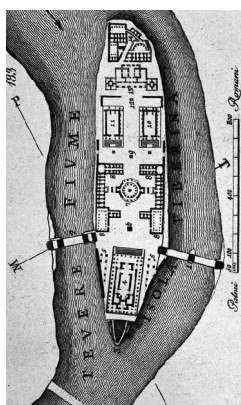


Ilustração 13: Pianta dell'Isola Tiberina e dei due ponti che ad essa conducono- planta da ilha tiberina e das duas pontes que a ela conduzem.

University of Tokyo Library's *Kamei Collection* Vol. 4 Page 15 b²⁶.

²⁶ http://www.coe.l.u-tokyo.ac.jp:8080/FMPro?-db=sougouwebcp.fp5&-format=detail_cdml_e.html&-max=1&file_no=4016&-find=

Com algumas excepções, tais como os Hospitais de campanha romanos, os Hospitais não tinham médicos prestando serviço em permanência²⁷, antes eram chamados quando julgado necessário pelos hospitaleiros. De qualquer forma, para além do citado ‘Hospital’ no *Porto* de Roma, não havia hospitais na Roma Imperial, mantendo-se a regra do tratamento domiciliário dos doentes.

Não obstante, estes conhecidos Hospitais de campanha dos exércitos Romanos que sendo na forma tendas estruturalmente alinhadas, dariam lugar, por vezes, a conjuntos de edificações multifuncionais²⁸. À boa maneira do habitual correcto planeamento romano, tratava-se de edifícios de planta rectangular com um número de acomodações proporcional às centúrias que serviam entre um mínimo de 2,5 a 10 % dos efectivos em combate segundo Majno²⁹ ou 2,5 a 5% segundo Nutton³⁰.

Quanto à cultura islâmica, esta tinha uma forma díspar de abordar esta problemática. Assim, quando estudamos a Medicina no al-Andaluz verificamos que começou por haver espaços extra-urbanos definidos para os enfermos da própria cidade³¹.

²⁷ Carmona; 1954; pag.32: (...) a partir do séc. XVI é que os hospitais da Europa começaram a ter médicos residentes (...) em contraste com o que sucedera em hospitais árabes, onde havia uma grande assistência de médicos, dos quais alguns ali tinham residência(...).

²⁸ Nutton ; 2004 ;pag 178

²⁹ Majno; 1985; pag 383.

³⁰ Nutton; 2004; pag 179.

³¹ Diz Francisco Franco Sánchez em La Medicina en al. al-Andaluz pag. 141 (...) a Sociedade islâmica gerou uns *espacios urbanos* diferenciados e extramuros afastados do contacto directo

Nesta cultura encontramos não o hospital-instituição, nem o hospital-casa de beneficência privada, antes o hospital-bairro; não um edifício, antes um *espaço urbano*³². As referências a estruturas físicas semelhantes a hospitais: *Bimaristan* (bimar = enfermo + stan = lugar de) são característicos da época abássida. Estes espaços físicos, que na sua base pretendiam ser uma obra de regime e afirmação de centralidade de poder, surgiram em todo o mundo islâmico a partir do séc. IX.³³ Encontramos nesta cultura referência a um templo de oração, como parte do grande conjunto do Hospital oriental, estando a mesquita a par com a biblioteca, a farmácia, os quartos, ou a residência do pessoal etc.³⁴. Em Córdoba há referência à construção de espaços habitáveis para portadores de doenças não “impurificantes”³⁵, na época nazari. No ocidente muçulmano o primeiro hospital-instituição referido data de 1190 e situava-se em ‘Marrakus’³⁶. No al-Andaluz o maristan mais antigo terá sido o de Granada do século XIV³⁷.

com as gentes; em comum entre eles estavam perto de uma qualquer porta da cidade para poder receber alimentos e para poder entrar em contacto com a urbe ou refugiar-se dentro dela se necessário (...).

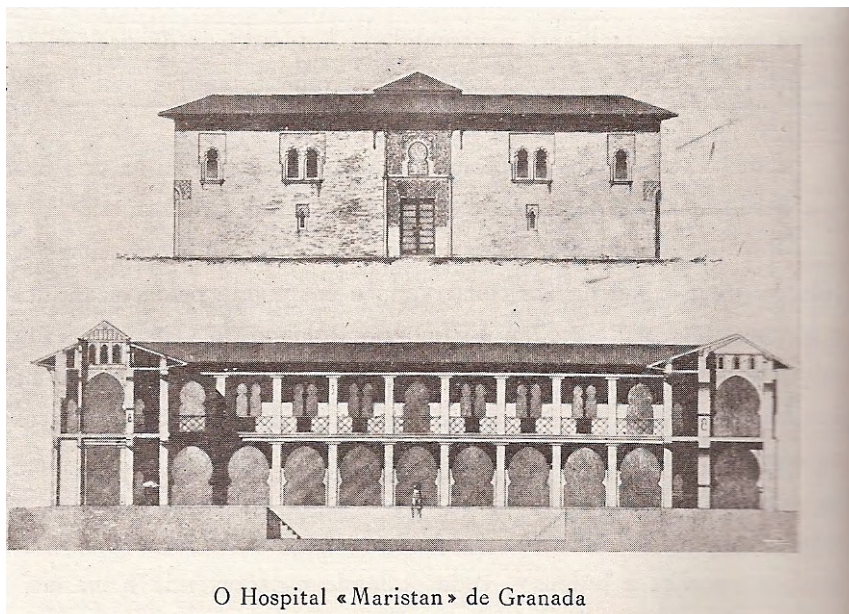
³² Sánchez; 1999; pag 142.

³³ Sánchez em obra citada. refere a pag. 143 que o maristan surge como meio para o controle da administração da Medicina, da formação dos médicos e centralização dos recursos sanitários das já grandes cidades orientais.

³⁴ Sánchez; 1999; pag 144. Interessante este paralelismo que aqui se pode estabelecer com os hospitais do mundo cristão.

³⁵ Sánchez; 1999; pag.152: afastando os que á luz dos conhecimentos médicos da época seriam portadores de doenças infecto-contagiosas provavelmente restava lugar para aqueles que receberiam asilo e talvez não tratamento eminentemente médico.

³⁶ Sánchez; 1999; pag. 146.



O Hospital «Maristan» de Granada

Ilustração 14: O Maristan de Granada.

In Carmona; 1954; pag.24.

A estrutura arquitectónica do Maristan de Granada apresenta planta rectangular com pátio interior de 38,3x26, orientado na direcção norte/sul, com galeria paralela e possuindo 26 quartos em dois andares. Os pilares que serviam de suporte a esse andar superior eram quadrangulares ou octogonais, e, à semelhança do resto do edificio, encontravam-se recobertas por azulejo árabe policromado.

~

³⁷ Sánchez; 1999; pag. 150.

3.3. A relação entre Hospital e Igreja

A análise correcta de toda esta problemática das construções hospitalares envolvendo três vertentes como Arquitectura, Medicina e Cristianismo deixa os historiadores perplexos ³⁸.

Voltando ao início da criação do Hospital no mundo ocidental de orientação cristã, teremos necessariamente de analisar Hospital e Igreja e as suas relações mútuas. Na análise dessa relação entre Hospital e Igreja poderemos constatar as importantes mudanças havidas até aos nossos dias: bem interessante é a sua história.

Pensamos que uma abordagem realista da problemática da permanência de carenciados por doença ou invalidez, incapacidade física ou monetária de se bastar a si próprio, no fundo a essência da criação de edifícios com funções assistenciais, radica na generalização dos mosteiros, com a sua abertura aos leigos, dos cuidados que prestavam aos regulares ³⁹.

³⁸ Mary Lindemann; 2002; pag. 127: “(...) Saber exactamente que cuidados médicos e cirúrgicos eram oferecidos pelos hospitais medievais (e do início da modernidade) aos seus internados, é uma questão que continua a deixar perplexos os historiadores. Esta questão pode-se revelar inadequada, uma vez que os cuidados médicos nunca foram a *raison d’être* de um Hospital. (...)”.

³⁹ Carmona; 1954; pag.25 “(...) Nos mosteiros das ordens religiosas (a primeira grande fundação é a de S. Bento em Monte Cassino em 529) havia enfermarias destinadas aos monges doentes o que logo se tornou extensivo à população e nas caves, subterrâneos e criptas, alojamentos para os viajantes, prestando-se-lhes assistência quando enfermos (...)”.

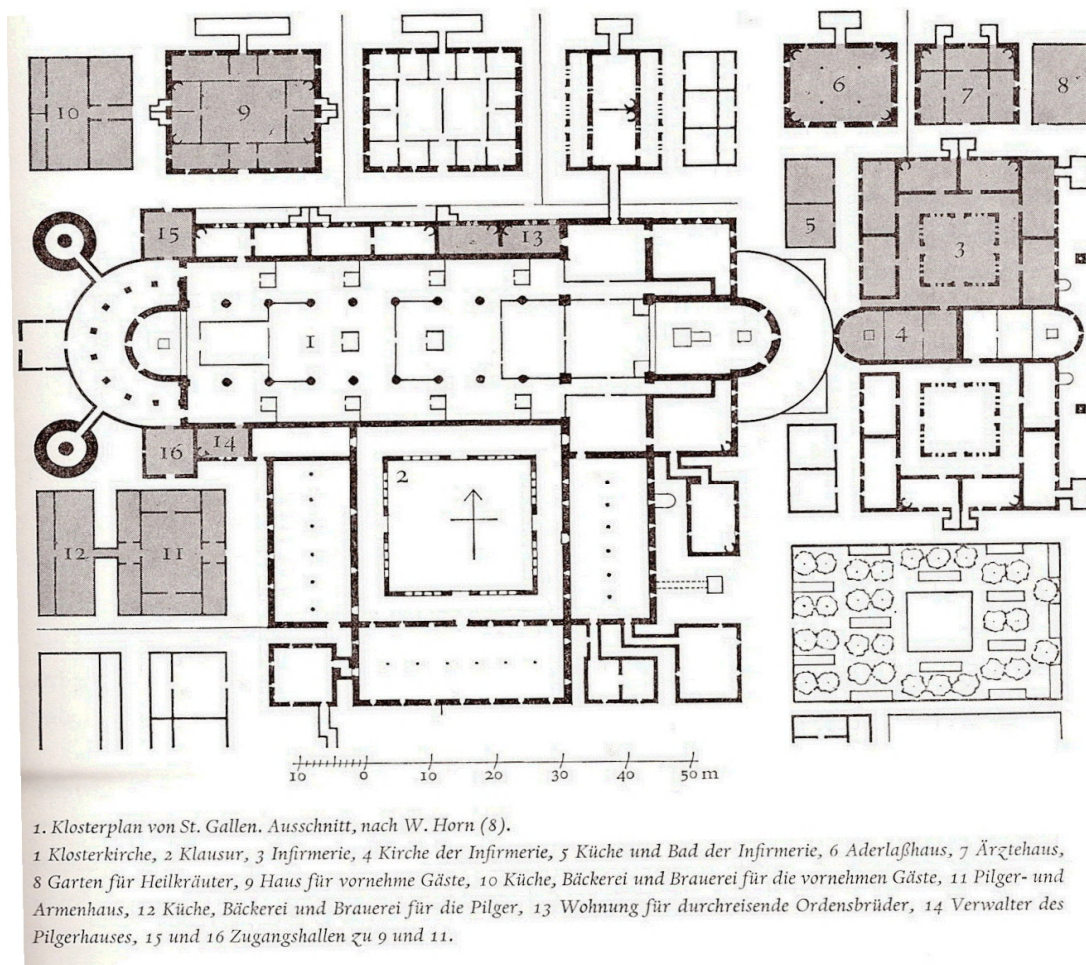


Ilustração 15: O Complexo do Mosteiro de S. Gall.

In Leistikow; 1967; Pag.13⁴⁰.

Nesta análise da evolução da arquitectura hospitalar fazemos referência ao Mosteiro de S. Gall, um dos mais antigos e notáveis exemplos dos primeiros estádios deste tipo de arquitectura (hospitalar). Ao fazê-lo, temos bem a noção que este conjunto seria exemplar único, mas que infelizmente nunca se efectivou, numa tipologia grandiosa dada a multiplicidade de edifícios em presença. Chegou até aos nossos dias,

⁴⁰ Nesta ilustração a correspondência dos números apostos será a seguinte: nº1 Igreja monástica, nº2 claustro, nº 3 enfermaria com sua capela (nº 4), nº 7 a casa do médico com o jardim anexo (nº 8) das plantas medicinais.

uma planta datada de 820 e constituída por cinco pergaminhos cuidadosamente unidos e que nos mostra claramente os diversos edificios que rodeiam esta casa de Beneditinos. Diversos edificios com funções específicas a par de um pequeno horto para cultivo de ervas, tudo aqui tinha o seu próprio espaço, e por isso não é estranho encontrar aqui um ‘Hospital dos Monges’ (chamado infirmarium, infirmitórium, ou infirmeria)⁴¹, que era uma versão reduzida do mosteiro. À volta de um pátio quadrangular, com um fontanário central, dispunha-se um conjunto de edificios rodeados de arcaria. Neste caso, a ala sul era constituída por uma ‘dupla’ igreja, simétrica a partir do seu meio e ligada ao Hospital por uma das suas extremidades. Aqui viviam os monges incapazes de viver segundo a regra, quer por velhice quer por doença⁴².

A reter então, neste ponto de partida arquitectónico específico medieval, um conjunto edificado à roda de um pátio interior, e a estreita articulação com uma igreja adstrita. Era esta a *forma claustral* que iria perdurar mesmo depois do renascimento e para além de outras formas construtivas⁴³.

Encontramos referências a grandes mosteiros Cistercienses com três complexos hospitalares adstritos: o hospital dos monges, o hospital dos irmãos leigos; e o hospício à entrada com capela própria para peregrinos e viajantes, podendo haver alojamentos próprios para visitantes nobres⁴⁴.

⁴¹ Leistikow; 1967; pag. 14.

⁴² idem

⁴³ Leistikow; 1967; pag. 15.

⁴⁴ Leistikow; 1967; pag 20.

Leistikow aponta nos “Comentários da Regras do Monge Hildemar” (meados do séc. IX), regulamento de prestação de cuidados aos internados, que o Hospital deve ter o seu lugar próprio de oração de forma que os doentes possam ouvir missa e comungar⁴⁵.

Quando começaram a surgir os primeiros mosteiros, alguns localizar-se-iam fora de portas, frequentemente em rotas de peregrinação (vide ilustração nº 18), outras vezes em locais inhóspitos, arrastando consigo a fundação de hospitais para esses lugares solitários...



Ilustração 16: Hospital de Soutra Aisle (Midlothian), Escócia⁴⁶.

In Leistikow; 1967; pag 83.

⁴⁵ Leistikow; 1967; pag17.

⁴⁶ Pequeno Hospital em Soutra Hill, num local isolado a 35kms de Edimburgo, fundado em 1164: em Leistikow o.c. pag 100.

...ou para passos de montanha, sendo propriedade de um clero regular; clero este, que, na época medieval, era o estrato social mais letrado⁴⁷ e com melhor acesso aos poucos livros de Medicina circulantes, podendo-os ler e copiar.



04. Simplon (Valais/Wallis), Hospice Stokchalper

Ilustração 17: Hospício de Stolckalper de Simplon, Suíça⁴⁸.

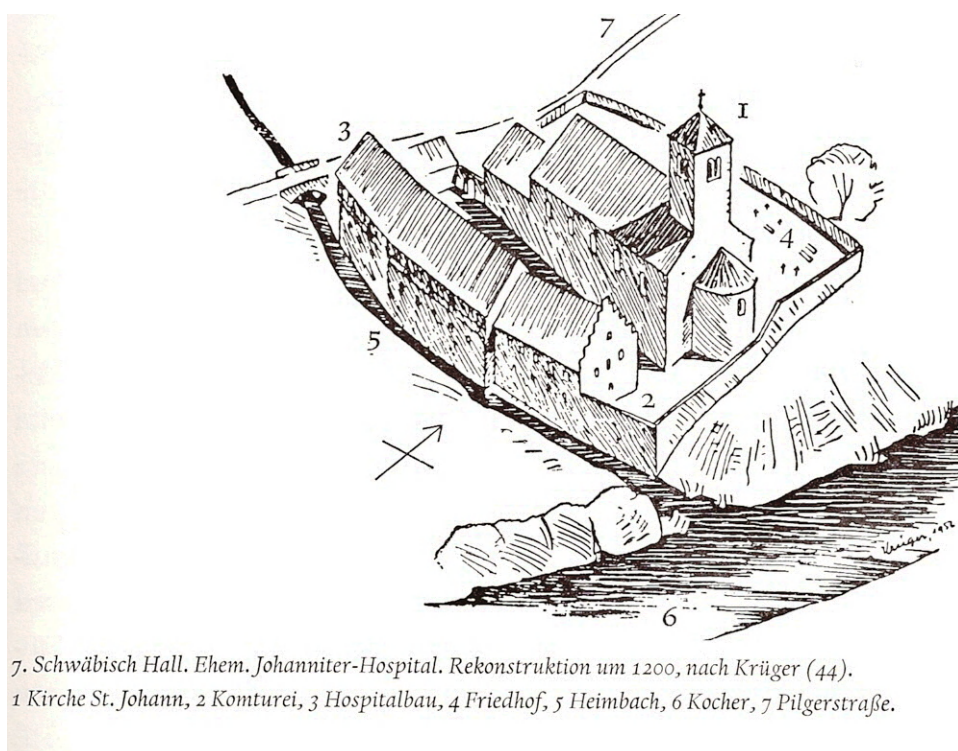
In Leistikow; 1967; pag 204.

⁴⁷ “(...) eram os eclesiásticos, sobretudo os regulares, que detinham o privilégio da instrução(...)” In Peres; 1932; vol. IV; pag 535.

⁴⁸ Tem como data de fundação: 1235: Leistikow; 1967; pag110.

Pela inevitabilidade da evolução da vida quando se dava o aparecimento de doenças debilitantes ocasionais, ou geriátricas, não se tornava desejável a contiguidade desses clérigos regulares debilitados e incapacitados de cumprirem os preceitos da ordem, junto de outros. Assim, promovendo essa separação, teriam de ser criados novos espaços para os ‘minusválidos’.

De início estas *enfermarias dos monges* copiavam em menor escala o próprio mosteiro ao qual ficavam adstritas, como se de uma ala menor do mosteiro se tratasse.



7. Schwäbisch Hall. Ehem. Johanniter-Hospital. Rekonstruktion um 1200, nach Krüger (44).
1 Kirche St. Johann, 2 Komturei, 3 Hospitalbau, 4 Friedhof, 5 Heimbach, 6 Kocher, 7 Pilgerstraße.

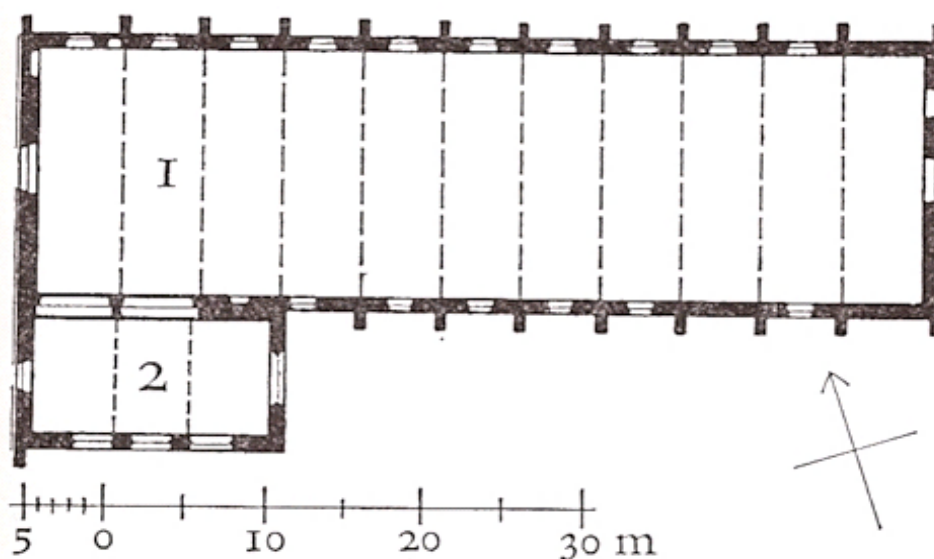
Ilustração 18: Hospital de Schwabisch Hall, Alemanha⁴⁹.

In Leistikow; 1967; pag 39⁵⁰.

⁴⁹ Situado em Baden-Wutenberg e propriedade dos Cavaleiros da Ordem dos Hospitalários desde uma data anterior a 1228 (em Leistikow; o.c. ; pag 39)

⁵⁰ Nesta ilustração o nº1 representa a Igreja, o nº 3 o Hospital e o nº 7 o caminho de peregrinação!

Mas tratando-se de monges, imperioso se tornava a manutenção da ligação aos ‘ofícios divinos’; assim, ou criava-se uma ligação á igreja do mosteiro ou então criava-se uma nova igreja. Assim, iremos ver ligações igreja/capela longitudinal, paralela (ex. Ghent Biloke Hospital),,



4. *Gent. Hospital Biloke,
Grundriß, nach van Puyvelde (33).
1 Hospitalhalle, 2 Kapelle.*

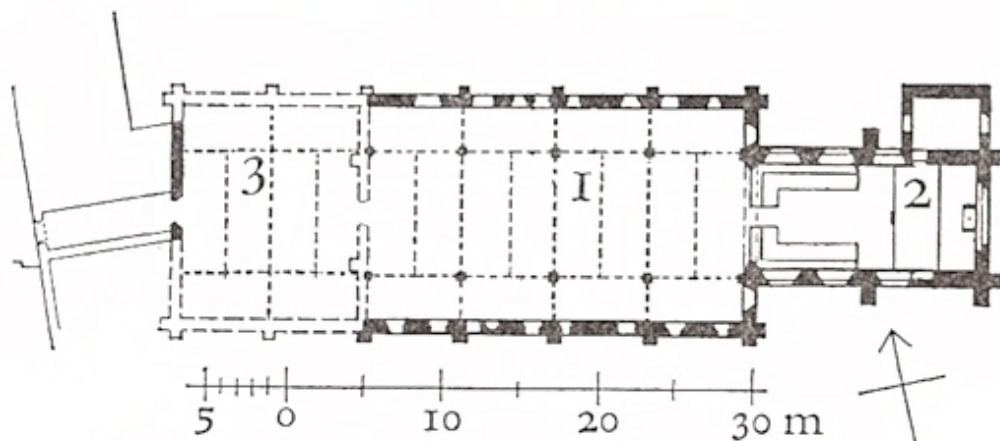
Ilustração 19: Hospital Biloke, Gent⁵¹.

In Leistikow; 1967; Pag.28⁵².

⁵¹ Propriedade de Cistercienses datado de 1228.

⁵² Legenda: 1. Hospital 2. Igreja.

ou em continuidade (Chichester, St. Mary's Hospital),



5. Chichester. St. Mary's Hospital.

Grundriß, nach Godfrey (29).

1 Hospitalhalle, 2 Kapelle, 3 Abgebrochener Teil,
heute Vorhof.

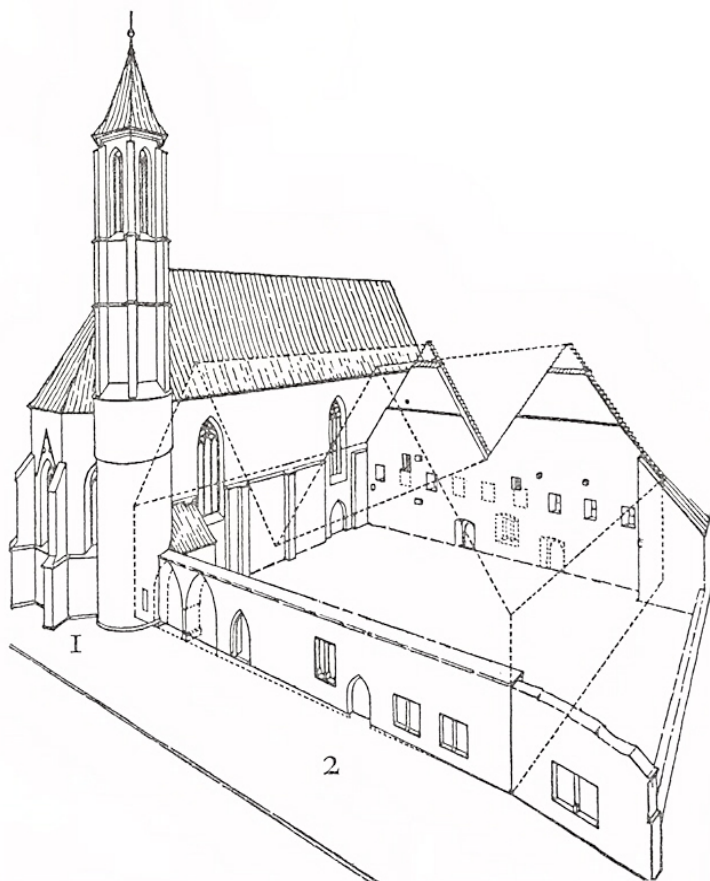
Ilustração 20: Hospital St. Mary, Grã-Bretanha (1269/1290).

In Leistikow; 1967; pag 30⁵³.

⁵³

Legenda: 1. Hospital 2. Igreja.

ou capela e Hospital em paralelo (Heiliggeist-Hospital em Rothenburg),



9. Rothenburg o. d. Tauber. Heiliggeist-Hospital. Ansicht und
Rekonstruktion, nach Ress (58).
1 Kirche, 2 »Alte Pfründe«.

Ilustração 21: Hospital Heiliggeist, Alemanha (c. 1280).

In Leistikow; 1967; pag 54⁵⁴.

⁵⁴

Legenda: 1. Igreja, 2. Hospital.

em conexão transversal, ou de canto ou inclusivamente em ângulo agudo (Heresbruck na Baviera).

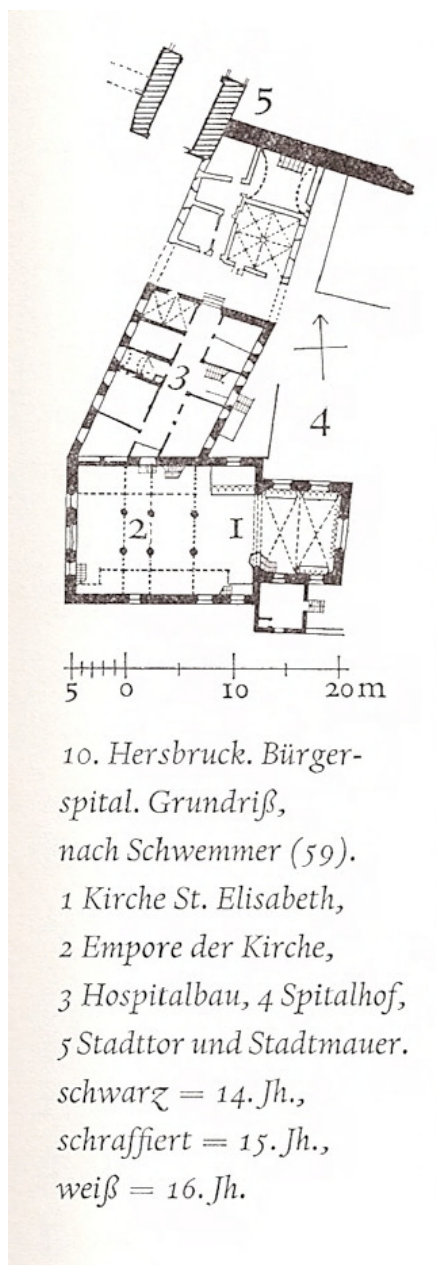


Ilustração 23: Hospital de Hersbruck, Alemanha⁵⁵.

In Leistikow; 1967; pag 55⁵⁶.

⁵⁵

De fundação civil, na Baviera e datado do século XIV.

Podemos efectivamente encontrar referências a todos os tipos possíveis de conexões de Hospital e capela até à de uma capela de Hospital Circular⁵⁷...

Mas para uma cabal compreensão destas formas construtivas será fundamental deixarmos aqui referência às determinações do Concílio de Aquisgran (Aix-la-Chapelle), que se realizou nos anos de 816-817⁵⁸, e que irá ditar uma condição estruturante para a concepção de todos os hospitais a construir desde aí: a sua ligação física com uma igreja⁵⁹!

Com a excepção notável do Hospital anexo ao Mosteiro de S. Gall, que acima foi referido, os Hospitais Medievais tinham frequentemente uma estrutura bem mais simples, apenas compreendendo uma grande sala, parente remota das grandes enfermarias do século passado, e pouco mais. Este espaço não dividido, podia ou não, da mesma forma que as igrejas da época, ter várias naves.

⁵⁶ Legenda: 1. Igreja 3.Hospital.

⁵⁷ Leistikow; 1967; pag 56.

⁵⁸ Carmona; 1954;pag. 26 onde se lê : “(...) **No concílio de Aquisgran (Aix-la-Chapelle) 816-817, ficou bem determinado que o Hospital deveria estar na proximidade da catedral ou dos conventos e nas enfermarias deveria haver um altar, dispendo-se as camas de maneira aos enfermos poderem seguir os ofícios divinos. Era necessário dar uma grande importância à capela e reservar espaço para os túmulos dos benfeitores e administradores da obra. (...)**”.

⁵⁹ Num trabalho que irá avançar até á Misericórdia Farense vale a pena deixar desde já um alerta a esta ‘determinação’ que seguramente terá influenciado a disposição espacial do conjunto Igreja/Hospital.



Ilustração 22: Hospital Medieval (interior).

Cânon de Medicina; de Avicena, séc. XIV. Biblioteca Laurenziana, Florença⁶⁰

Funcionalmente, este espaço global comportava-se como não dividido, correspondendo ao que Leistikow refere como ‘todas as funções essenciais debaixo de um mesmo tecto’⁶¹. A ideia inicial era de dar aos internados tudo o que necessitavam: comida, dormida, convívio mútuo, tratamento do físico e do espírito⁶².

⁶⁰ *in* Pereira; 2005 ; pag. 110

⁶¹ Leistikow; 1967; pag. 25.

⁶² Idem.



Ilustração 23: Tratamentos numa Enfermaria Monástica.

Reception and Treatment of the Impoverished Sick in a Monastery Infirmary. 13th century. Manuscript illustration. 5¹⁵/₁₆ × 4¹⁵/₁₆ in. (15.1 × 12.5 cm). Bibliothèque Nationale, Paris. Medieval hospitals offered charitable relief, not medical care, although here prayers help to cure a possessed patient of his demons.

In *Medicine in Literature and Art*; 1991; pag 68.

Efectivamente, ao topo, ocupando um dos lados menores do rectângulo que constituía a forma mais usual do desenho de implantação destes edifícios, havia um altar, em geral concebido de forma a impor a sua presença. A existência de nave única, ou de várias, dependia das capacidades construtivas do momento, no entanto, quando havia pilares ou colunas na sala, esse elemento condicionava a disposição dos leitos. Inicialmente, eles eram colocados de forma a que o acamado ficasse encarando o altar, sendo suficientemente largas para receber mais do que um indivíduo⁶³. Só mais tarde,

⁶³ Mary Lindemann; 2002; pag. 127.

numa fase ulterior, e por falta de espaço se colocaram os leitos perpendiculares ao eixo maior do Hospital⁶⁴...



Ilustração 24: "Hotel-Dieu" de Paris.

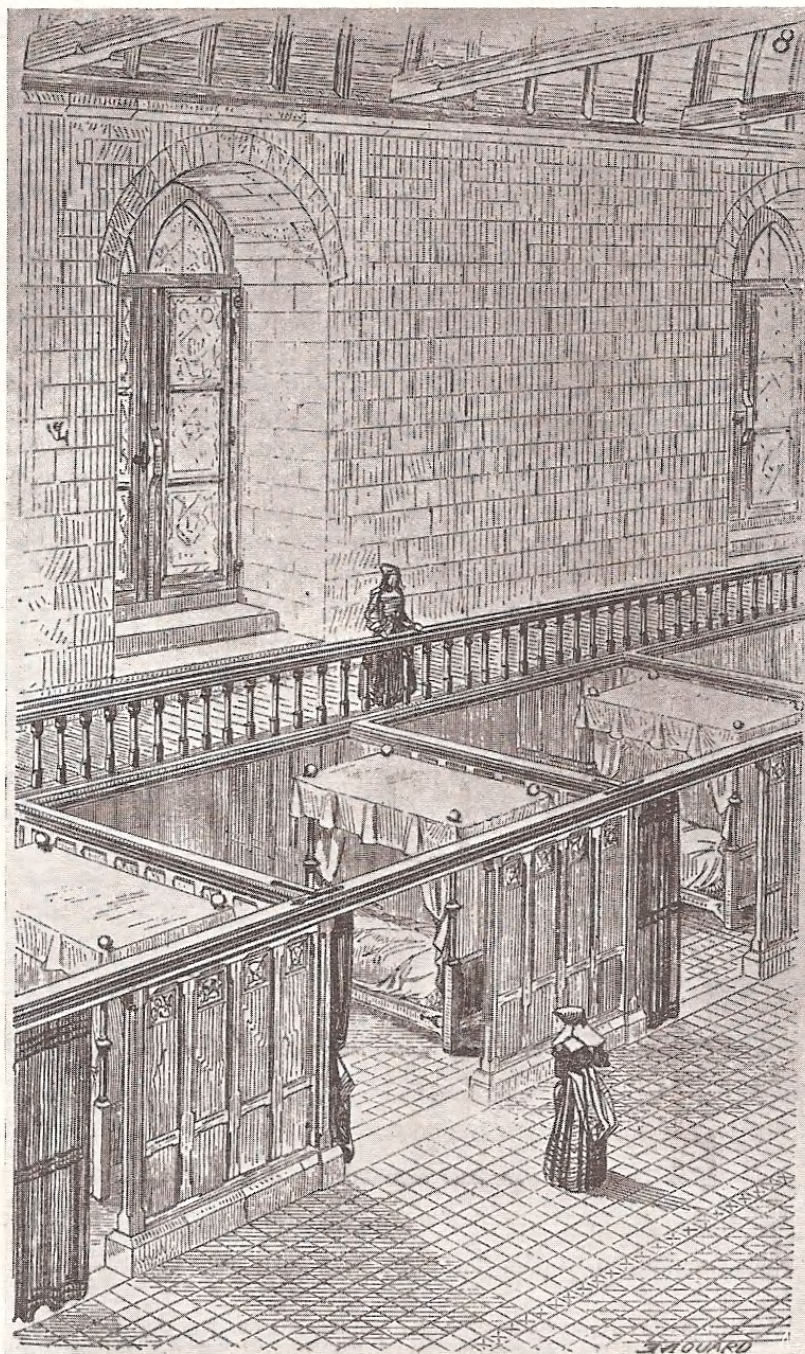
In Carmona; 1954; pag 32.

Esta ilustração do *Hôtel-Dieu* em *Paris* com uma edificação que remonta a 829 D.C. (teria obras posteriores, mas, no entanto, as primitivas salas S. Denis e S. Tomás tem uma datação de c. 1200) é exemplificativa do modo construtivo em espaço aberto, que era o reflexo de uma comunhão de interesses: o tratamento do corpo e da alma, e a facilidade de acesso a ambos; daí a comunicação estreita com o altar ou igreja. Também é patente a existência de mais de um doente por leito.

⁶⁴ Leistikow; 1967; pag 25

Outros pormenores construtivos, para os quais apenas encontramos referência no séc. XIII⁶⁵, são as grandes janelas de ventilação, por vezes dispostas a vários níveis e que se irão associar ao caminho de ronda: esse artifício que constituía uma pequena passadeira ao longo da enfermaria que permitia, simultaneamente, vigiar doentes e abrir e fechar janelas de ventilação.

⁶⁵ Carmona; 1954; pag 27; este autor aponta aqui uma data para a fundação do Hospital de Tonnerre: 1293.



Sala do Hospital de Tonnerre

Ilustração 25: O Hospital de Tonnerre⁶⁶.

In Carmona; 1954; pag 27.

⁶⁶ Fundado em 1293: in Carmona; 1954; pag 28.

Durante a Idade Média punha-se um cuidado especial, quando se tratava de construir um edifício novo, não só na arquitectura – o Hospital participa das tendências da arquitectura da época – mas também na localização⁶⁷. Parece então haver um recordar dos ensinamentos romanos para a colocação dos hospitais de campanha e desta forma iremos encontrar hospitais junto a rios.

Quanto à localização dos hospitais dentro ou fora do recinto urbano amuralhado teremos: os hospitais comuns dentro do recinto citadino e as gafarias fora, por motivos óbvios, de receio de contágio.

⁶⁷ Conde ; 2004 ; pag 42.

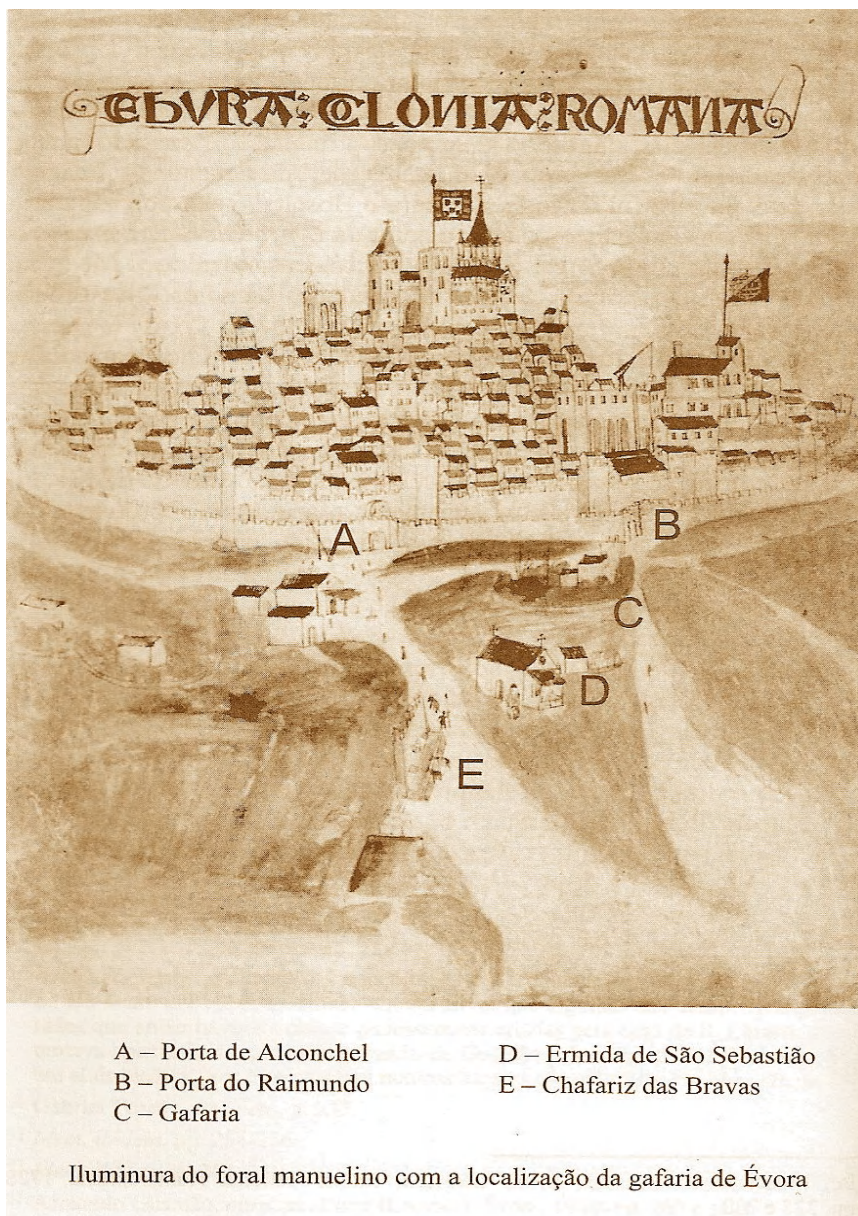
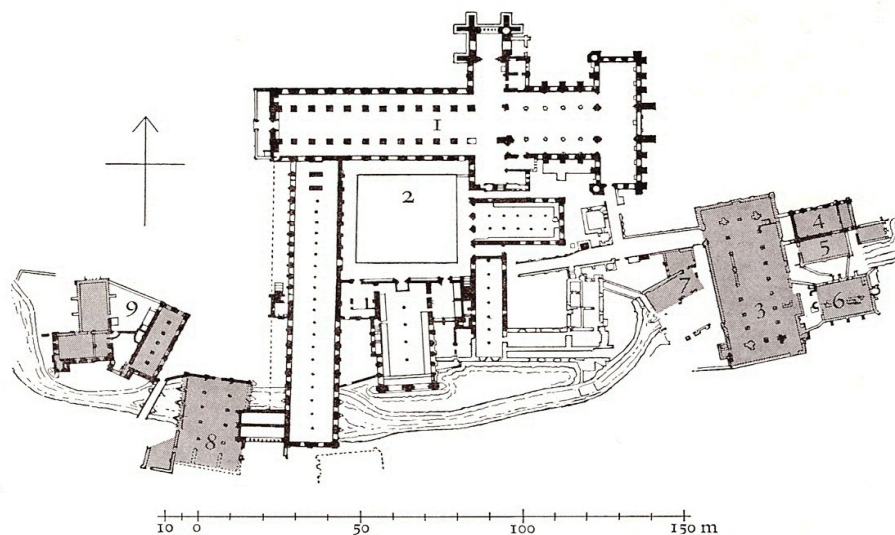
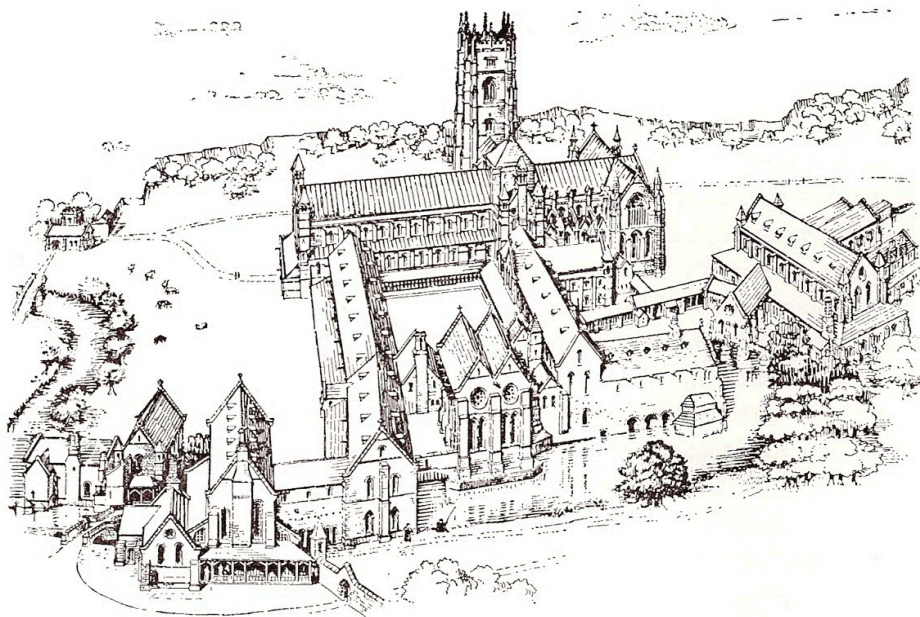


Ilustração 26: Localização da gafaria de Évora.

In Beirante; 2008; pag 252.

Interessante, pois, quer pela sua complexidade, quer por obediência a princípios Vitruvianos de localização salutar, temos, por exemplo, Fountains Abbey (Yorkshire), (1132), que é exemplo de uma adaptação de um Mosteiro inglês com Hospital e outros edifícios próximos a um vale, com edificações sobre um curso de água.



3. Fountains Abbey. Grundriß und Ansicht (Rekonstruktion), nach Fletcher (82).
1 Klosterkirche, 2 Klausur, 3 Infirmerie der Mönche, 4 Raum des Infirmarius (darunter Keller), 5 Kapelle, 6 Küche, 7 Misericord,

Ilustração 27: Complexo de Fountains Abbey.

In Leistikow; 1967; pag.22⁶⁸

Um interessante exemplo da multiplicidade de pequenos estabelecimentos de acolhimento quer de doentes, quer de peregrinos, quer simplesmente de idosos

⁶⁸ Legenda: 1. Igreja monástica, 2. Claustro, 3. Enfermaria monástica, 5. Igreja.

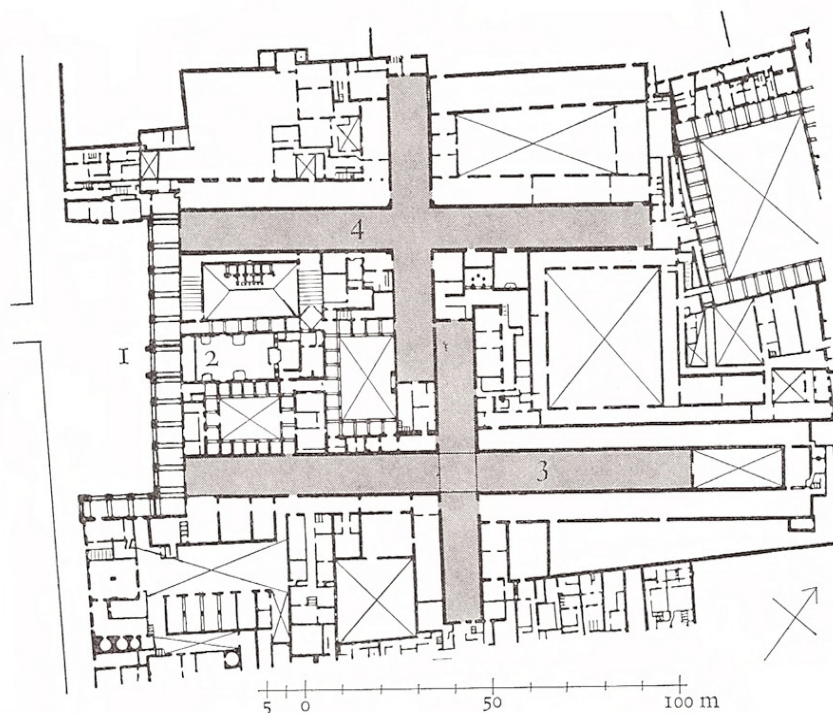
encontram-se por toda a Holanda, de que é mostrado aqui o exemplo de Groningen, cidade importante do norte (perto da Dinamarca) onde coexistem conservados/habitados fazendo parte das referências dos passeios turísticos pedestres do centro da urbe, hospícios dos séculos XIII, XV, e XVI, respectivamente o Hospício do Espírito Santo, Santa Gertrudes e Santo António, (este na época, fora da cerca amuralhada e destinado a pragas e doentes mentalmente insanos.). De uma forma geral tratava-se de edifícios de desenho simples, de disposição geral quadrangular, com pátio central interno, com inúmeros vãos, aparentado apenas um piso ainda que funcionalmente fossem dois: pois que no interior dos telhados de duas águas de ângulo muito fechado, havia o aproveitamento de um piso mais, iluminado por um vão rasgado no telhado. Fazendo parte deste conjunto habitacional de características assistenciais havia habitualmente uma capela.

3.4. O hospital de matriz cruciforme

Difícil hoje, separar a mera assistência na velhice, da assistência na doença, nestes conjuntos, ao tempo da sua fundação.

No entanto em Itália, Florença, e num tempo anterior ao Concílio de Trento, vamos encontrar “...o primeiro Hospital Ocidental no sentido moderno da palavra, uma instituição organizada segundo finalidades terapêuticas e dedicada exclusivamente ao tratamento dos doentes, sendo dirigida por membros laicos da profissão médica. (...) um dos principais hospitais de Florença, Santa Maria Nuova é o mais antigo antepassado directo dos grandes Hospitais que conhecemos hoje.”⁶⁹. O Hospital tendo sido fundado em 1288, por Falco Portinari (pai de Beatriz, a amada de Dante...) foi sendo objecto de obras sucessivas dando-lhe por volta de 1500, a organização cruciforme doravante multicopiada. Obviamente que um pequeno hospital, fruto de uma doação singular, não reproduziria uma tal complexidade arquitectónica...

⁶⁹ Park; 1991; pag 169.



12. Firenze. Hospital S. Maria Nuova. Lageplan (Rekonstruktion), nach Paatz (22).
1 Zugang mit Loggia, 2 Kirche S. Egidio, 3 Männersaal, 4 Frauensaal.

Ilustração 28: Planta do Hospital de S. Maria Nuova de Florença.

In Leistikow; 1967; pag.62.

Um exemplo de complexo hospitalar particularmente interessante, contemporâneo do anterior, é o Ospedale degli Innocenti de Filipe Brunelleschi com a sua arcaria no hall de entrada. Neste caso o arquitecto tratou a galeria como um elemento arquitectónico independente colocando a entrada para o claustro no eixo central⁷⁰.

⁷⁰ Leistikow ; 1967 ; pag. 65.



Ilustração 29: Hospital dos Inocentes, Florença.

In Leistikow; 1967; pag 210.

Torna-se evidente que, com o advento do Renascimento, a volumetria hospitalar começava a ganhar um maior peso em relação às igrejas a que estavam anexas e iria encontrar uma forma construtiva própria que se iria perpetuar por vários séculos.

Assim caracterizando:

- o progressivo aparecimento de uma estrutura ‘palaciana’ poligonal de quatro corpos enquadrando um pátio interior com uma arcaria à sua volta,
- o enquadramento das enfermarias numa disposição cruciforme,
- o aparecimento de galeria.

Onde vem a nascer o protótipo desta nova forma construtiva?

Em Milão: o Ospedale Maggiore! Aqui podemos encontrar a forma palaciana com os pátios interiores, com a sua arcaria, as enfermarias de disposição cruciforme e o emprego de galerias. À época dois arquitectos eram referidos como os maiores teóricos desta nova forma construtiva: Leon Battista Alberti (1404-1472) e António Arvelino dito Filarete (1400-1469). Deve-se, fundamentalmente, a este último, o desenho deste Hospital começado por volta de 1456, que se tornou um marco na História dos Hospitais⁷¹.



Ilustração 30: Ospedale Maggiore, Milão.

In Leistikow; 1967; pag 212.

⁷¹ Leistikow; 1967; pag.61

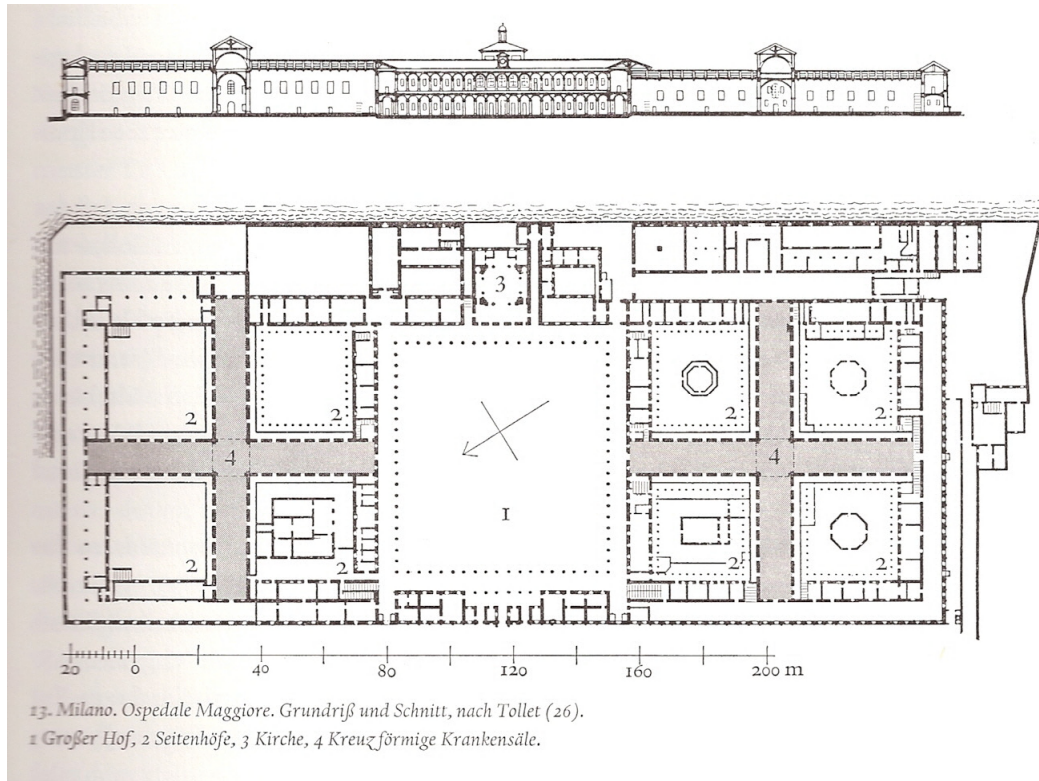


Ilustração 31: Planta do Ospedale Maggiore, Milão.

In Leistikow; 1967; pag 63.



1213. Milano (Lombardia), Ospedale Maggiore

Ilustração 32: Ospedale Maggiore de Milão.

In Leistikow; 1967; pag 63.



214. Milano (Lombardia), Ospedale Maggiore

Ilustração 33: Ospedale Maggiore de Milão.

In Leistikow; 1967; pag 63.

Tratava-se de um imenso edifício de 235 metros de frente por 94 de profundidade, e apresentava uma composição simétrica de um largo corpo central, com dois corpos laterais, terminando num torreão de canto. Estes dois corpos laterais estavam divididos ao meio, por uma estrutura externa indicadora de uma subdivisão interna, que no fundo mais não era que a terminação da estrutura cruciforme das enfermarias. Estas delimitavam oito pátios internos com uma forma claustral. Se na frente encontrávamos as arcadas e as galerias, ao fundo no corpo central estava a capela.

Um interessantíssimo exemplo de Hospital de matriz cruciforme é o de Santiago de Compostela fundado pelos Reis Católicos com igreja e enfermarias convergindo em

cruz, mas aqui como especificidade temos o altar-mor com uma cúpula acima que permitia ser avistado, através de janelões, por todos os internados.

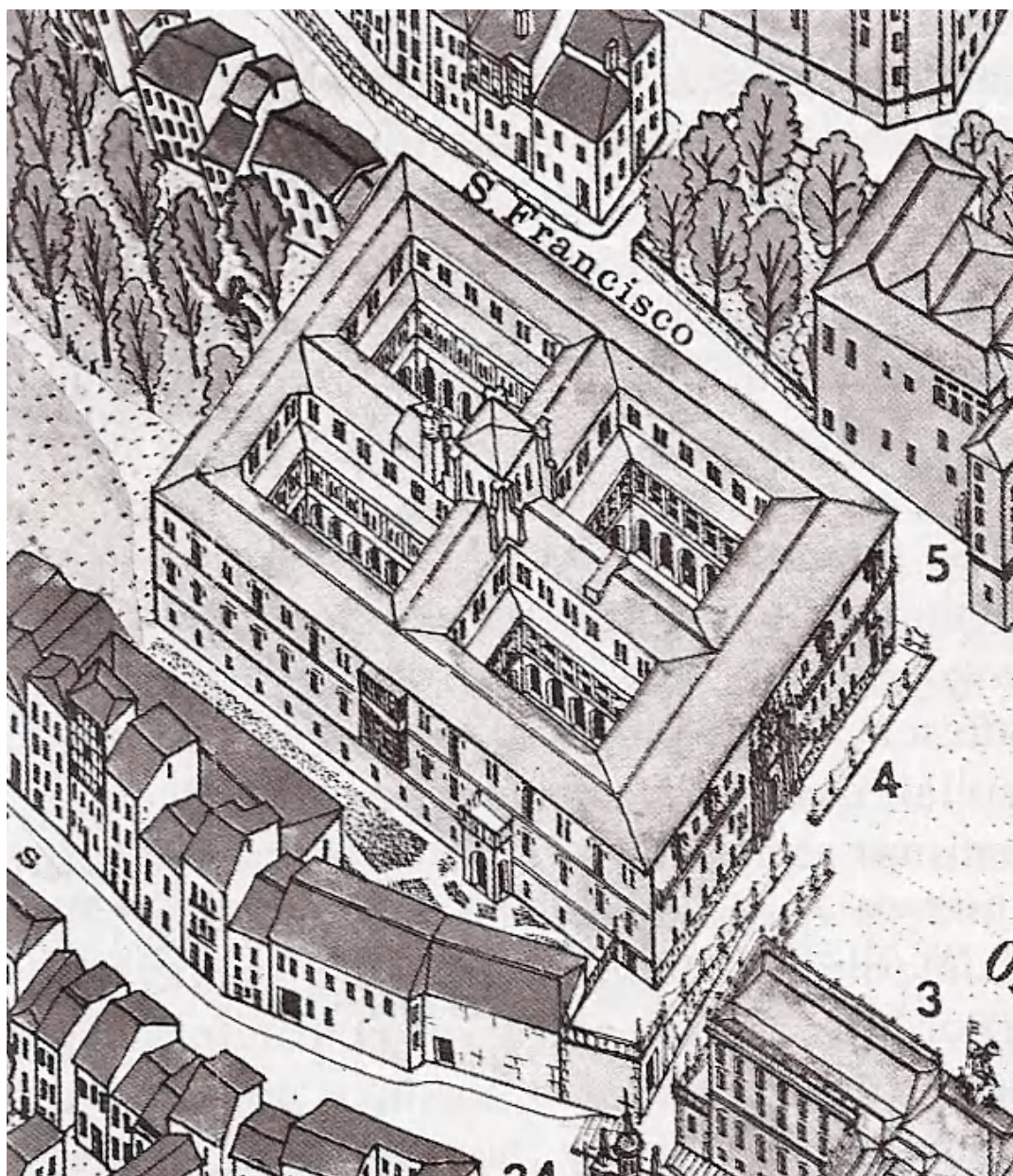
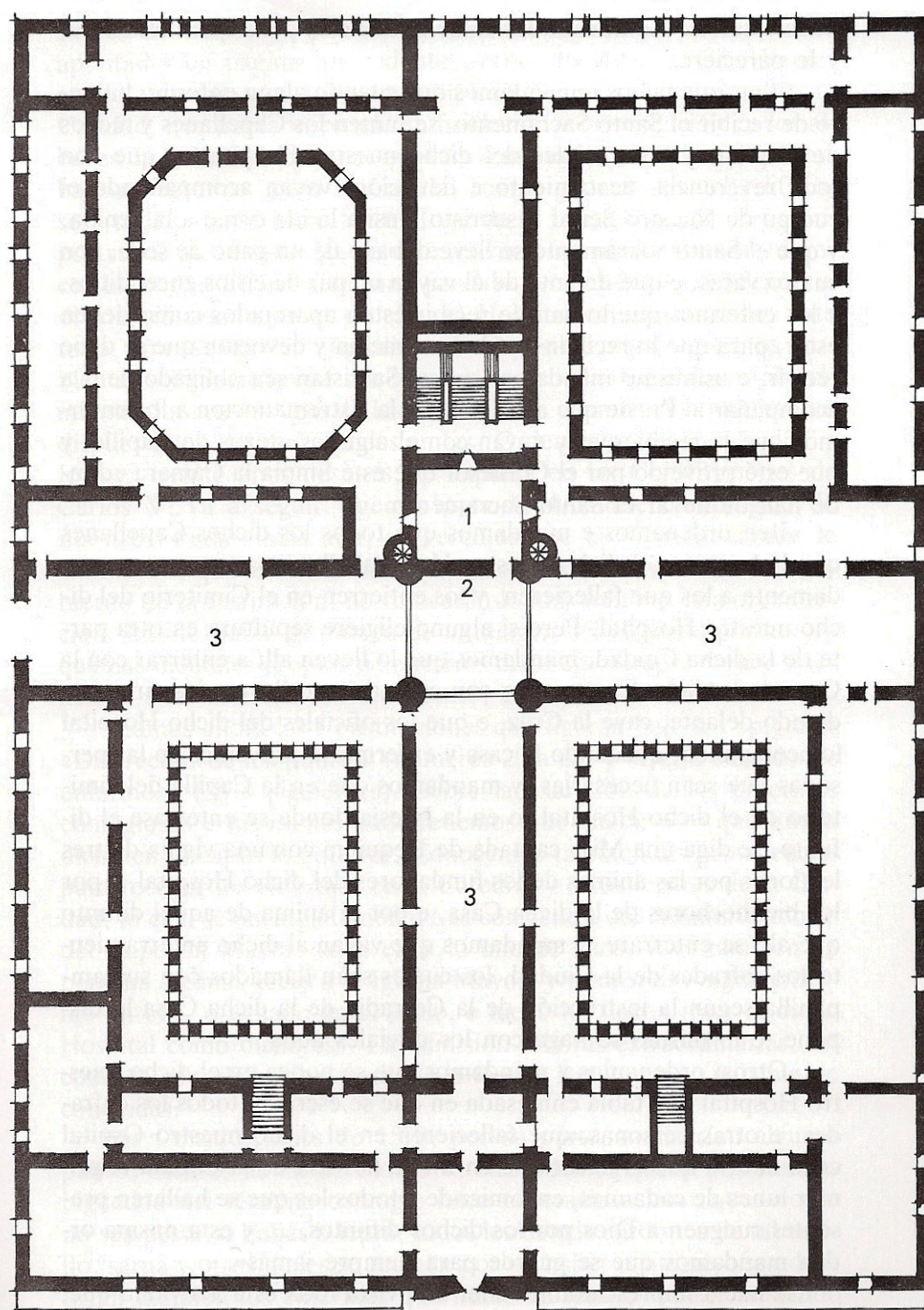


Ilustração 34: Esquisso do Hospital Real de Santiago de Compostela.

In Guerra; 1983; pag 267.



Planta noble del Hospital Real. La Sacristía Alta (1) daba acceso al altar (2) donde se celebraba la Misa para las enfermerías (3). (Reproducción esquemática.)

Ilustração 35: Hospital Geral de Santiago de Compostela.

In Guerra; 1983; pag 159.



Ilustração 36: Hospital Real de Santiago de Compostela.

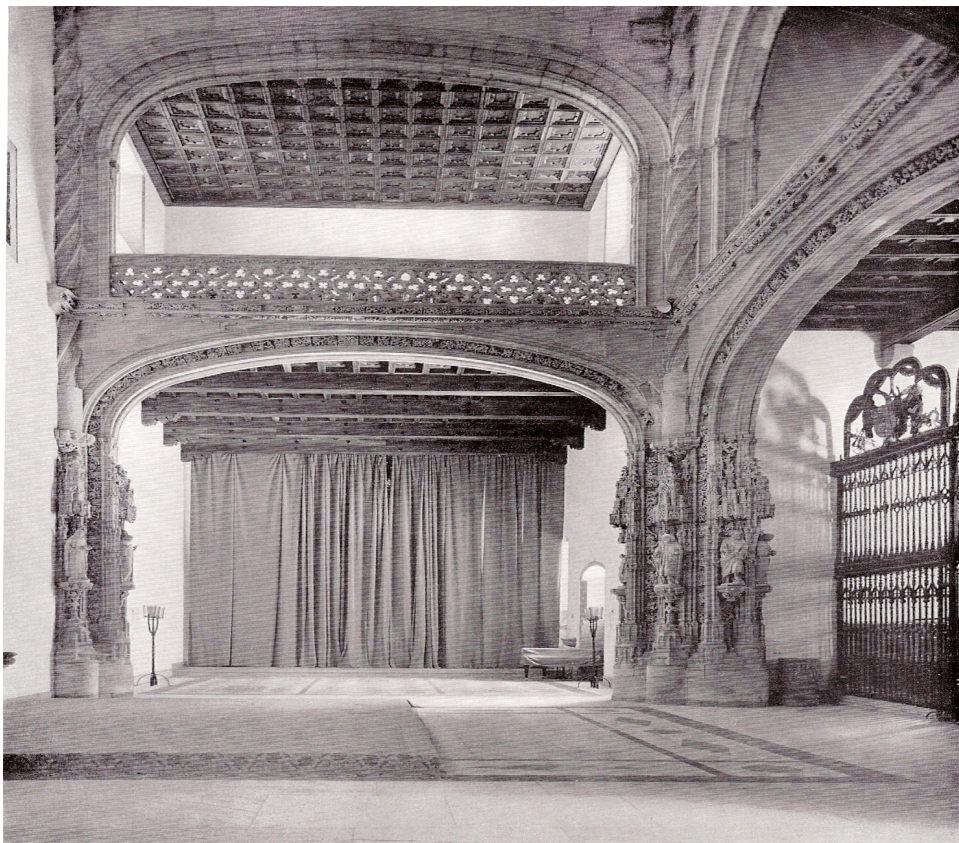
In Leistikow; 1967; pag 171.

Este “Hospital de peregrinação” tinha 175 camas para peregrinos doentes e 44 para peregrinos sãos e, nesta crónica datada de 1546, refere que havia 131 camas para doentes onde na altura da redacção desse testemunho estavam 154 doentes⁷², factos esses que levavam o autor a referir, claramente, mais adiante que “ o habitual era que cada leito acolha mais de um doente, dois em geral, número que podia elevar-se durante as epidemias” (...) Este costume de colocar ocasionalmente dois doentes numa mesma cama continuou vigente no Hospital Real de Santiago durante o século XVII.” É uma

⁷² Guerra; 1983; pag 167.

ordenação de Carlos II de 1697 que fixa “que não consinta o Administrador que se ponha dois enfermos numa cama”⁷³.

A atestar a grandeza deste hospital, para a época, havia de uma forma permanente dois médicos, um cirurgião e um boticário com a sua botica privativa⁷⁴.



175. Santiago de Compostela (La Coruña), Hospital Real

Ilustração 37: Hospital Real de Santiago de Compostela.

In Leistikow; 1967; pag 172.

O concílio de Trento, que decorreu entre 1545 e 1563, veio criar alterações formais na prática do catolicismo, o que se veio a acompanhar de uma renovação das

⁷³ Guerra, 1983, pag 169.

⁷⁴ Idem..

práticas caritativas através da criação de novos estabelecimentos de assistência. São exemplo o Ospedale di Carità em Turim (1629) e um Hospício em Zamora⁷⁵.

Em tempo pós-tridentino aparece-nos uma outra forma construtiva bem à maneira das Igrejas de nave única: o Hospital de sala única: geralmente uma enfermaria única podendo ter naves laterais, mas em espaço aberto não dividido. Num primeiro tempo, não haveria tabiques de madeira e os doentes - em regra dois por cama - eram dispostos longitudinalmente. De resto é o próprio Leistikow que nos sugere essa associação à igreja de nave única⁷⁶.



Ilustração 38: Ospedale di S. Maria della Pace, Nápoles (Campania)⁷⁷.

In Leistikow; 1967; pag. 215

⁷⁵ Não se tratava de um exclusivo dos católicos pois os protestantes também o faziam como bem refere Lindemann (° c. pag 131).

⁷⁶ Leistikow; 1967 ; pag 26.

⁷⁷ Originalmente um palácio convertido em mosteiro que combinava capela e hospital: abriu em 1620.



Ilustração 39: Hospital Geral de Valência

In Leistikow; 1967; pag 179.

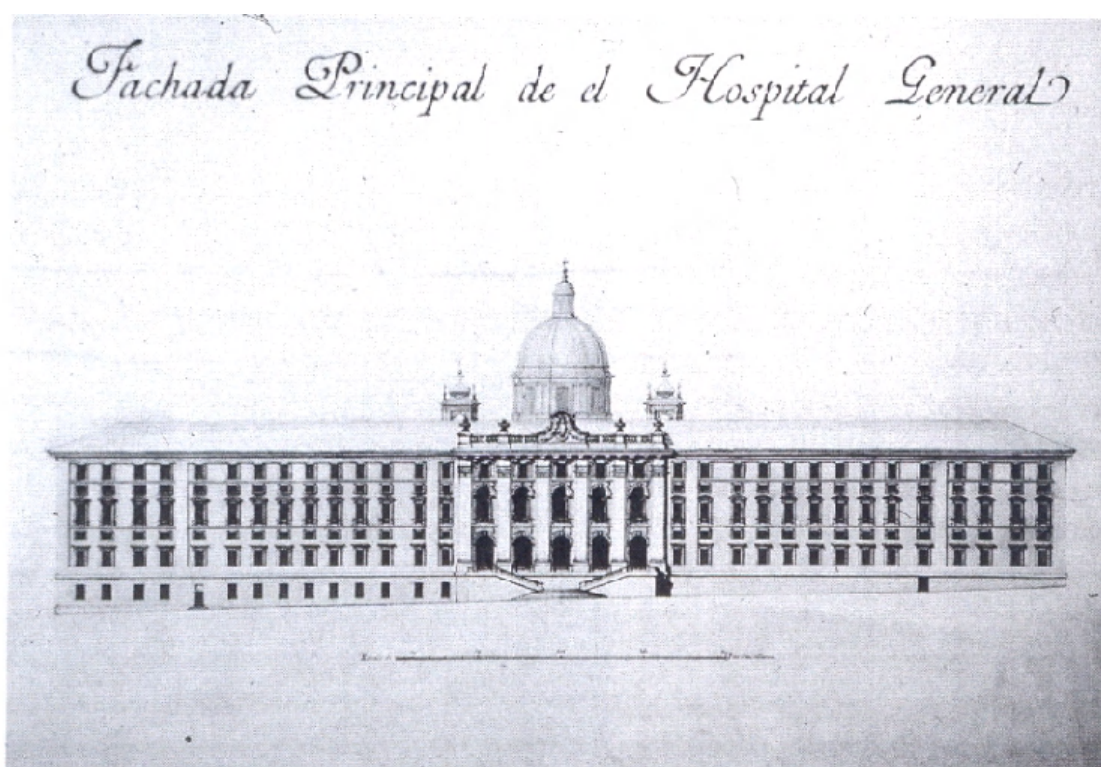


4. Augsburg (Bayern), Heiliggeist-Hospital

Ilustração 40: Hospital de Heiliggeist, Augsburg, Alemanha

In Leistikow; 1967; pag.4.

Na Europa, a matriz cruciforme vai-se mantendo embora com envolvências diferentes, fruto de novas tendências arquitectónicas. Assim, se respigarmos Juan Calatrava veremos que aqui ao lado (Espanha), se iria construir um novo hospital de Madrid (1769-1797), de datação próxima da Misericórdia Farense, de autoria de Francisco Sabatini, no qual está patente uma ordem nova de construção hospitalar, mas onde se conserva um rigor e diferenciação espacial bem marcados por um eixo regulador axial⁷⁸



Lám. 99. *F. Sabatini, Hospital General de Madrid, fachada, 1769-1797. (Archivo General del Palacio Real de Madrid).*

Ilustração 41: Alçado do Hospital Geral de Madrid.

In Calatrava; 1999; pag 316.

⁷⁸ Calatrava; 1999; Cap.11 pag. 299

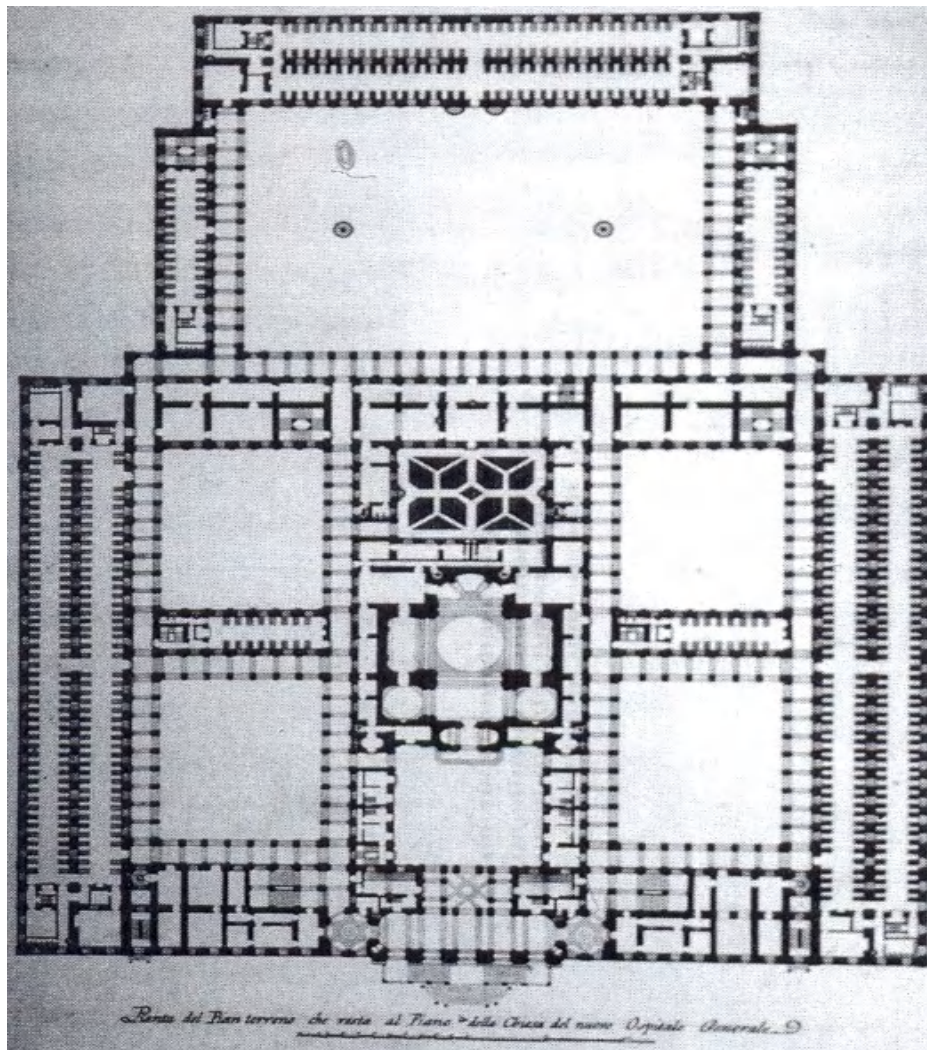


Ilustração 42: Planta do Hospital Geral de Madrid.

In Calatrava; 1999; pag 315.

3.5. A evolução em Portugal

E em Portugal qual foi a evolução?

Em Portugal, um Hospital que é apontado como o mais antigo é o de Penacova, datado de 1097 e fundado pelo presbítero Pedro, para o qual, no entanto, são apontadas funções ao mesmo tempo de albergaria e de Hospital. Um pouco mais tarde, D. Afonso Henriques, aquando da tomada de Lisboa aos Mouros (1147), criou um Hospital/barraca para tratamento de doentes e feridos resultantes dessa conquista.⁷⁹ Gonçalves Ferreira (Historiador e Médico), refere, por outro lado, que o primeiro estabelecimento destinado de raiz a hospital, e de que está documentada localização e a arquitectura, parece ter sido mandado construir pela Rainha Santa Isabel, em Coimbra (1328), com a designação de Hospital de Santa Elisabeth⁸⁰.

Vale a pena recordar que, na Idade Média, a assistência na doença era, regra geral, domiciliária e apenas institucional aos passantes (peregrinos ou outros), e aos sem abrigo, e, muitas vezes mesmo, em edifícios do clero regular⁸¹.

Em relação à sua estrutura quer interna quer externa, “é muito pouco o que de seguro, se pode apresentar sobre a arquitectura dos hospitais, das albergarias e de outros organismos assistenciais portugueses medievos. (...) Hospitais e Albergarias raramente eram construídos de raiz, preferindo-se antes adaptar àquelas funcionalidades moradias

⁷⁹ Correia; 1944; Pag.332.

⁸⁰ Ferreira; 1990;. Pag.70

⁸¹ Carvalho; 1989; Pag.73.

comuns; térreas ou sobradadas, ou paços. Verdadeira arquitectura funcional raramente se vê, a não ser em construções do fim de Quatrocentos”⁸².

Assim, quando se aborda a temática das instituições hospitalares, por vezes, deparamo-nos com múltiplos estabelecimentos ditos hospitalares de dimensão reduzida e obra de um único fundador, que muitas vezes deixavam um pequeno edifício adaptado á prestação de alguns cuidados ‘médicos’, suportados por rendimentos para esse fim legados. Obras pias para salvação das almas mas pouco funcionais.

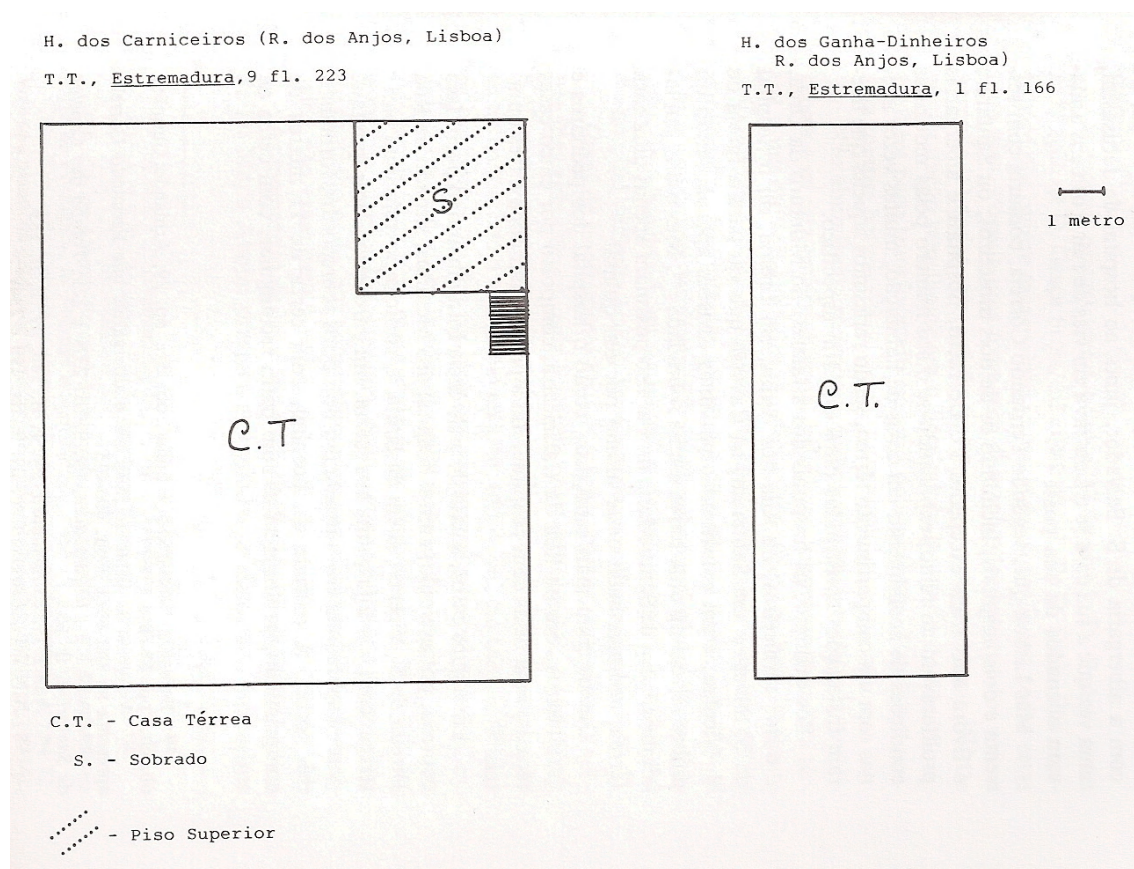


Ilustração 43: Exemplo de pequenos hospitais medievais.

In Tavares; 1989; pag 139.

⁸² Conde; 2004;. pag 41 e 42.

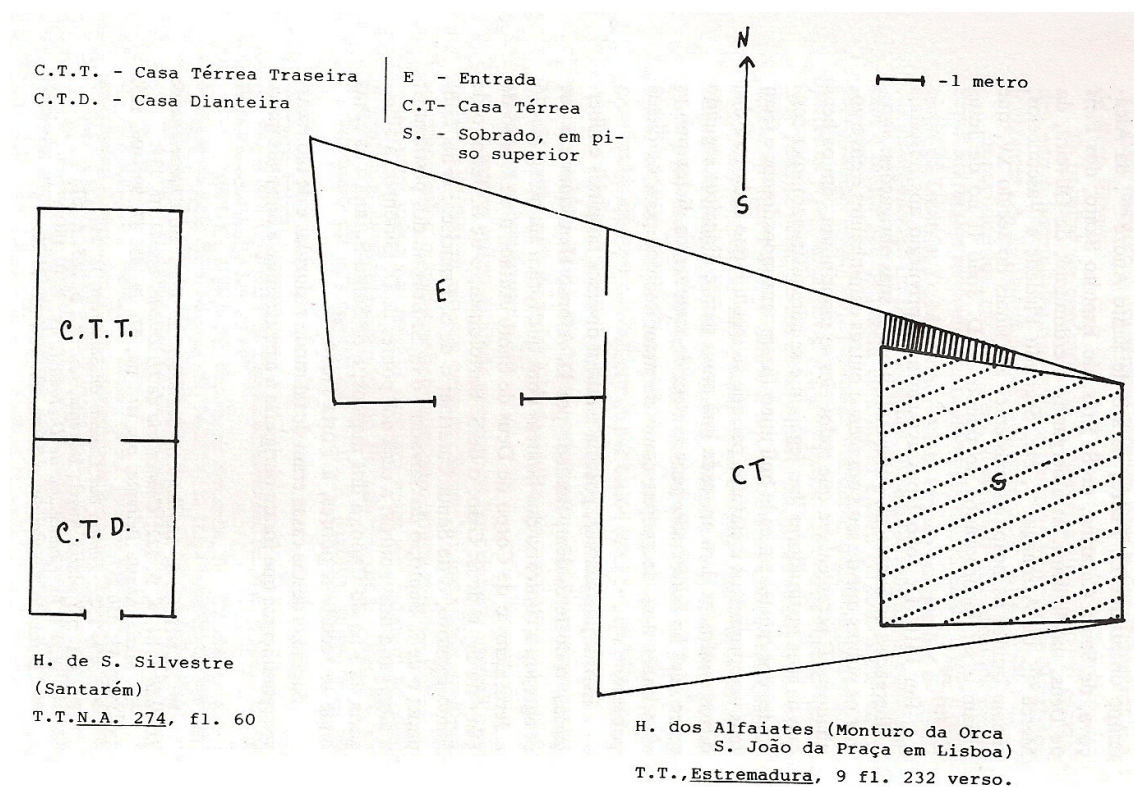


Ilustração 44: Outro exemplo de hospitais medievais.

In Tavares; 1989; pag. 138.

No entanto, a 27 de Fevereiro de 1485 a Bula do Papa Inocêncio VIII *Injunctum nobis, desuper*, autoriza D. João II a reunir em Lisboa, num só hospital todos os legados pios desses pequenos hospitais extinguindo-os. O rei sugere até que se faça o mesmo noutras cidades, anexando a um único hospital maior os haveres dos mais pequenos⁸³. Em Évora, por exemplo, é D. João II que ao mandar construir o Hospital do Espírito

⁸³

Carmona; 1954; pag 51.

Santo reúne aí diversos hospitais⁸⁴ entre os quais o bem mais antigo Hospital de S. João de Jerusalém fundado por D. Afonso Henriques⁸⁵.

A função de curar doentes atribuída aos hospitais, não o é desde sempre, e a corroborar tal facto vimos a encontrar uma carta de D. Manuel I a tentar clarificar tal situação afirmando que “...porquanto ho fim principal dos espritaes deve ser aguassalhar os enfermos, e cura llos e prove llos...”, proibindo a permanência nele, para além de duas noites aos pedintes⁸⁶. Os hospitais, tinham sido quase sempre pequenas instituições, dependendo de intenções ditas caritativas individuais ou colectivas (irmandade, mosteiros ou outras); estes estabelecimentos tinham, por via de regra, uma capela anexa onde os hóspedes indigentes desses espaços ‘pagavam’ a estadia com orações por alma do fundador...Não havia pessoal próprio capaz de tratar algum problema físico recorrendo-se, por isso, a profissionais estranhos ao estabelecimento.

Uma das curiosidades científicas que um médico poderá encontrar nas formas construtivas hospitalares ao longo dos séculos, é sem dúvida a adequação da forma à função, na sua época construtiva; por isso, quando se revê a estrutura de um hospital como o Hospital de Todos-os-Santos (ou Hospital Real), o mais completo da sua época em Portugal, não espanta a afirmação de Silva Correia: “...Não há referência alguma a

⁸⁴ Beirante; 1996; pag 47.

⁸⁵ Leal; 1996; pag 19.

⁸⁶ Tavares; 1989; pag 126.

qualquer sala especial para operações, como não há *Banco...*”⁸⁷. Era a medicina da época...⁸⁸

A estrutura em cruz⁸⁹, forma mais actualizada de tipologia hospitalar, surge-nos aqui na sua mais concreta afirmação, sendo que para poente (Praça do Rossio) estava o braço da cruz correspondente à igreja, cujo altar-mor era a intersecção dos braços dessa mesma cruz estando as enfermarias de S. Cosme, S. Vicente, e de Santa Clara nos outros braços da cruz sucessivamente de norte para sul.

⁸⁷ Correia; 1944; pag 531.

⁸⁸ Damião Peres dá-nos opinião oposta ao citar Francisco Monzon (Dr.) dizendo “no Hospital de Todos-os-Santos havia banco, onde se davam consultas e remédios aos pobres”(sic); in Peres 1932; pag 559.

⁸⁹ Pais da Silva (Silva; 2004; pag 62), apresenta-nos a par com uma datação de 1492 para a sua fundação, e uma filiação em Brunneleschi segundo o testamento do rei (?).

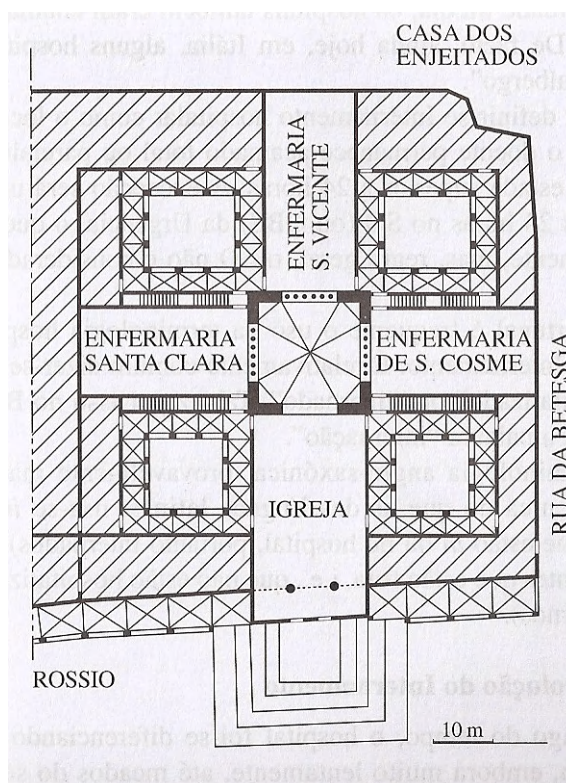


Ilustração 45: Esquisto simplificado da planta do Hospital Real.

In Caetano; 2002; pag 6⁹⁰.

Graficamente bastante elucidativo é o esquema que o Arq. Alberto Camacho nos deixa no livro do Eng. Eduardo Caetano: *O internamento em hospitais*⁹¹. As enfermarias eram, como era habitual nesta época no primeiro andar, sendo que no andar térreo além de outras dependências de apoio estava localizado uma Albergaria⁹². Uma

⁹⁰ Embora o Eng. Caetano não faça referencia ao facto achamos bastantes pontos comuns com a estampa XXVI pag 209 de Carmona; 1954; bastante anterior...

⁹¹ Caetano; 2002: nesta obra o autor analisa a tipologia de hospitais contemporâneos e as suas necessidades construtivas fazendo um pequeníssimo preambulo histórico que nos presenteia com esta reinterpretção da planta do Hospital de Todos-os-Santos.

⁹² Correia; 1944; pag 527.

excepção à localização das enfermarias no andar não térreo, em hospitais de mais de um piso, era o Hospital das Caldas da Rainha, provavelmente pela especificidade de se tratar de um Hospital Termal.

Outro hospital de tipologia interessante e um pouco posterior é o Hospital da Luz, em Carnide, tendo sido uma obra póstuma que ‘a sereníssima Iffante dona Maria filha Del Rei dom Manoel d’ gloriosa memória fundou junto ao mostrº de nossa Sñora da Luz em Carnide’ fundação social, entregue aos frades de Cristo e que deveria ter uma traça e um Regimento inspirados no Hospital Termal das Caldas da Rainha (obra de sua tia)⁹³. O Hospital concluído em 1618, foi começado depois da morte de D. Maria segundo desenho de Baltazar Álvares ⁹⁴ Aqui é patente a atenção que a princesa dava às construções Hospitalares, pois, segundo é citado na obra atrás referida, está escrito no seu testamento que “no cabo da enfermaria, ou enfermarias aja uma capela fechada com suas portas, as quaes abertas, possão os doentes de seus leitos em que jouuerem ver a Deos (Parágrafo 37 do seu testamento).

À planta Hospitalar, se bem que tem dois longos corredores unidos por uma capela, parcialmente semelhante a uma planta cruciforme, é-lhe acrescentada, por Baltazar Álvares, um claustro de dois andares. A Igreja de planta em duplo quadrado, tem cobertura em cúpula rematada por lanternim e assente sobre tambor. O conjunto é classificado dentro de uma tipologia de Hospital-panteão por Miguel Soromenho

⁹³ Pinto; 1998; pag.112.

⁹⁴ Pinto; 1998; pag. 112.

associando esta obra a outras que diz que tiveram largo sucesso em Espanha no século XVI.⁹⁵

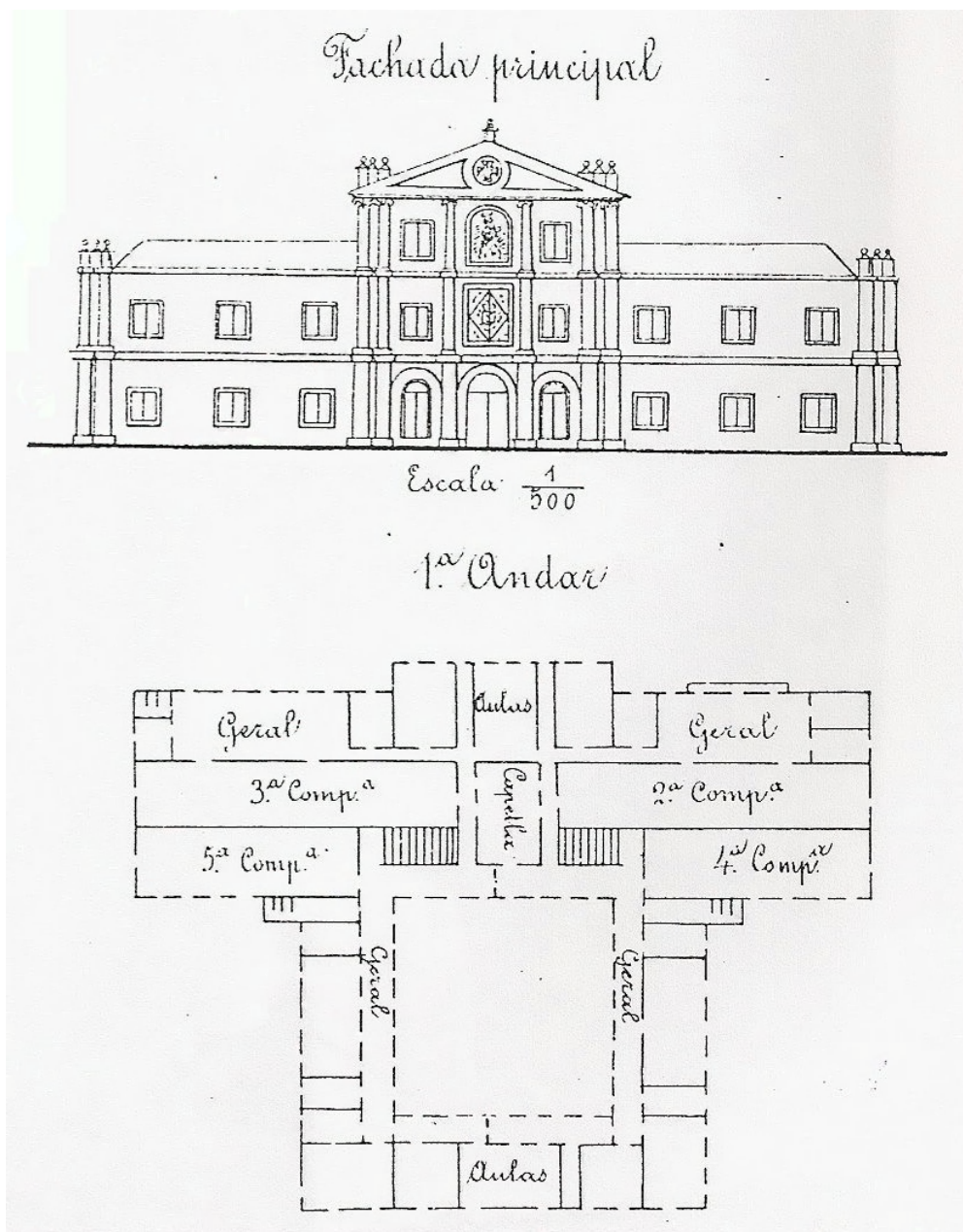


Ilustração 46: Alçado frontal e planta do 1º piso do antigo Hospital da Luz de Carnide no final do século XIX.

Maya; 1903; citado em Gomes; 1998; II vol; pag. s/n.

⁹⁵

Soromenho; 1995; pag. 389.

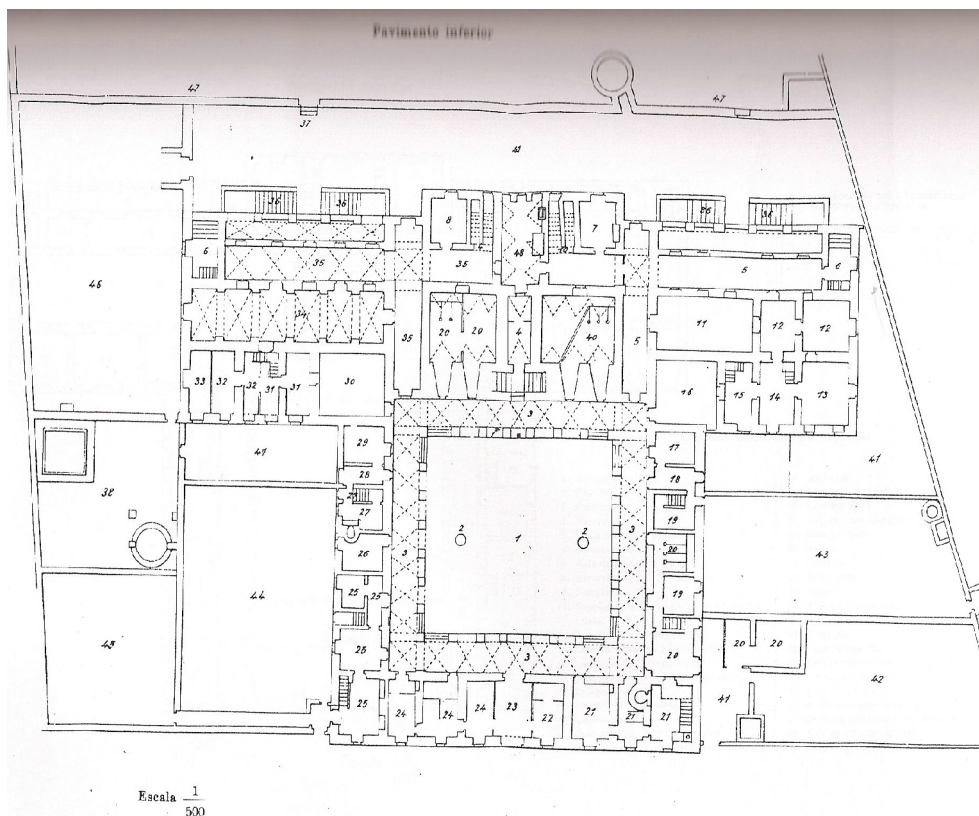


Ilustração 47: Planta do Antigo Hospital da Luz de Carnide.

Maya; 1903; citado em Gomes; 1998; II vol; pag. s/n.

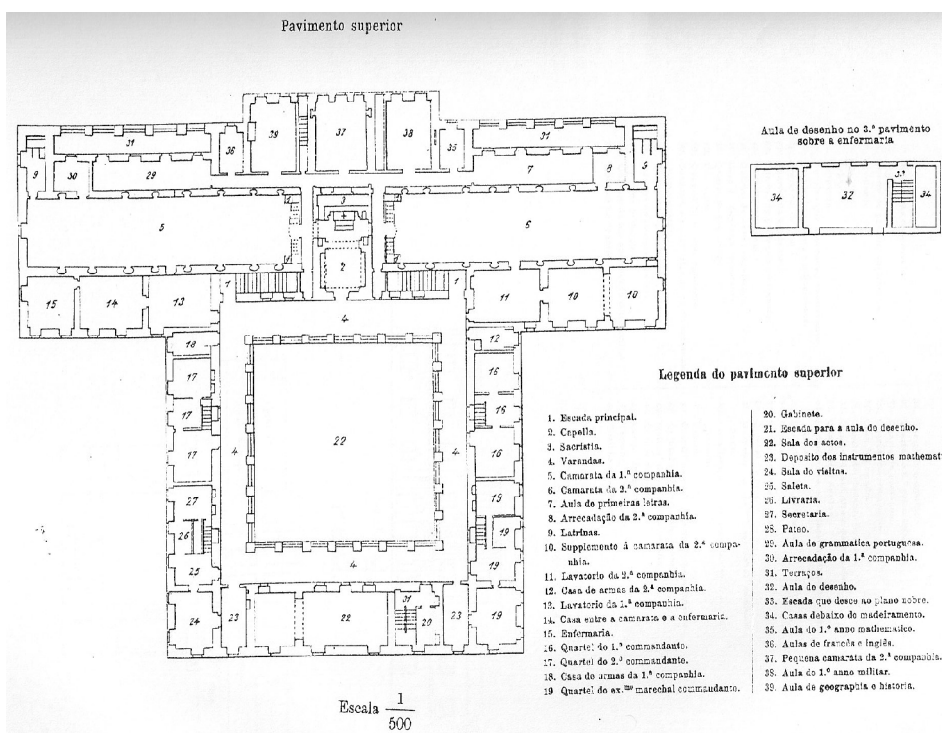


Ilustração 48: Planta do Antigo Hospital da Luz de Carnide.

Maya; 1903; citado em Gomes; 1998; II vol; pag. s/n.

O Hospital Termal das Caldas da Rainha, apresentado por alguns como o primeiro Hospital Termal do Mundo⁹⁶, sendo começado em 1485⁹⁷, já funcionava em 1488, bem antes do Hospital de Todos-os-Santos⁹⁸. Aquele Hospital, cuja traça inicial se atribui a Mestre Mateus Fernandes (pai)⁹⁹, era de grandes dimensões para a época tendo o autor atrás citado (Correia) encontrado referência no respectivo regimento a cem camas para homens e mulheres, vinte para pessoas de mais categoria (“pessoas honradas”) e as restantes para peregrinos, servidores e escravos do hospital.¹⁰⁰ Dada a sua dimensão e importância, também aqui já encontramos um conjunto de pessoal técnico importante (médico, cirurgião, boticário, hospitaleiro, hospitaleira, 2 enfermeiros, uma enfermeira, barbeiro-sangrador e cristaleira – pessoa encarregada de dar os clisteres). Na sua arquitectura, revela também uma forte articulação com a igreja anexa, com comunicações entre as enfermarias e o templo aquando dos serviços religiosos. A sua disposição global radica nas obras italianas renascentistas, de planta cruciforme mormente *O Ospedale Maggiore de Milão* de Filarete. Ele será como que

⁹⁶ Correia, 1954,pag. 519

⁹⁷ “ Assy que por coniecturas e inferências se pode afirmar que em 22 dias de Janeiro do anno de 1485 se lançou a primeira pedra no majestoso edificio deste Hospital das Caldas “ Jorge de S. Paulo – *O Hospital das Caldas até ao ano de 1656* ; Lisboa; Academia das Ciências de Lisboa, 1967 (edição impressa do manuscrito de 1656) Tomo I, pag 95. in

⁹⁸ Correia, 1954; pag, 503.

⁹⁹ Moreira; Rafael; 1993; pag 23.

¹⁰⁰ Correia; 1954; pag.506.

um ensaio para a nossa obra mais notável: o Hospital Real de Todos-os-Santos¹⁰¹. Os condicionalismos estruturais locais, quer de tipo de terreno, quer de nascentes e respectivas piscinas, criam vários problemas técnicos de adaptabilidade do padrão cruciforme¹⁰². Há diversas campanhas de obras que alteraram a fisionomia inicial do conjunto, mercê do desenvolvimento natural da procura e da adequação da modernidade terapêutica; assim há uma campanha importante: a joanina que terá lugar de 1747 a 1750 com direcção e planta entregue a Manuel da Maia, o qual terá nomeado como primeiro inspector e executor Eugénio dos Santos, e Pedro Gualter da Fonseca como inspector e executor “actual”¹⁰³.



ABRAHAM BOSSE. *Infirmery of the Charity Hospital, Paris*. c.1635. Etching. 8¼ × 12⅝ in. (22.2 × 32.1 cm). Philadelphia Museum of Art, SmithKline Beckman Corporation Fund. 17th-century hospitals offered charitable relief; during the 18th century they grew and assumed medical purposes.

Ilustração 49: Exemplo de interior de Hospital do século XVII: Hospital da Caridade de Paris.

In *Medicine in Literature and Art*; 1991; pag 127

¹⁰¹ Rafael Moreira;1993; .pag 27

¹⁰² Duarte, Miguel; 2008; tese de mestrado Univ. Nova.

¹⁰³ Oliveira; Maria Leonor; 2007; vol I pag 475.

Quando se vai abordar um aspecto construtivo há que analisar o dito estado da arte nesse tempo, e no final do século XVIII surge uma nova ordem social neste século das luzes, com novas preocupações higienistas e novas exigências construtivas. Assim há por essa Europa fora a criação de uma rede de abastecimento de água, bem como de uma rede de esgotos e assistência hospitalar: é o higienismo em múltiplas facetas, a medicina quer como ciência, quer como serviço à disposição do homem comum. É um maior rigor, uma maior eficácia construtiva com uma utilidade em vista: o bem-estar dos cidadãos...Vamos encontrar, por agora, uma maior separação de hospitais e hospícios, assumindo um maior rigor por parte dos hospitais na aceitação tendencialmente exclusiva de doentes e pondo de lado a sua vocação caritativa de acolhimento dos não enfermos. Já ia longe o tempo de D. Manuel I e suas propostas, mas seria apenas aqui que se cumpririam.



COLORPLATE 64

JOHANNES BEERBLOCK. *View of the Old Sick Ward of St. John's Hospital, Bruges, 1778*. Oil on canvas. 32¼ × 60¼ (81.9 × 153 cm). Memlingmuseum, Bruges. Beerblock captures details of the varieties of medical and charitable care in large 18th-century hospitals, a time of impressive growth in the number and size of hospitals.

Ilustração 50: Exemplo de interior de Hospital do séc. XVIII: Hospital de S. João de Bruges.

In *Medicine in Literature and Art*; 1991; pag.209.

Se nos quisermos balizar pela Europa de então teremos de admitir que o fenómeno do neoclassicismo esteve presente desde meados do séc. XVIII até finais do séc. XIX, muito embora em Portugal ele só tivesse uma entrada real mesmo nos finais do séc. XVIII. Quando nos questionamos quanto às origens culturais do neoclassicismo, encontramos os avanços da arqueologia concreta e as viagens dos arquitectos, e, por outro lado, o renascer do interesse das técnicas do passado¹⁰⁴ Ou como afirma Monnier: “O neoclassicismo na arquitectura deriva, simultaneamente, de uma reacção dos intelectuais e dos homens de estado, de natureza histórica e tecnológica, erudita e moral, contra os “excessos” de uma arquitectura sem princípios, de uma vontade de modernizar as referências do passado”¹⁰⁵. Deixaremos aqui uma referencia curiosa de Ayres de Carvalho que remete para Servandoni com a fachada da Igreja do S. Sulpício, em Paris (c. 1733) “o fim do barroco, e anuncia o neoclassicismo no emprego das colunas livres e sobrepostas em duas ordens, a primeira dórica e a segunda jónica”¹⁰⁶.

Em Portugal, construído de raiz e já de traça neoclássica, é o Hospital Geral de Santo António da cidade do Porto, projecto do arquitecto inglês Jonh Carr, datado de 1769.

Traçado de dimensões extravagantes para a época pois o seu perímetro exterior teria, se tivesse sido integralmente construído, três mil cento e oitenta palmos,

¹⁰⁴ Monnier; 2000; pag 107.

¹⁰⁵ Monnier *ob. cit.* pag 113

¹⁰⁶ Carvalho; 1979; pag. 39.

patenteando um desenho quadrangular com um pátio interior onde se situaria uma igreja de cruz grega com uma altura de cerca de duzentos palmos¹⁰⁷.

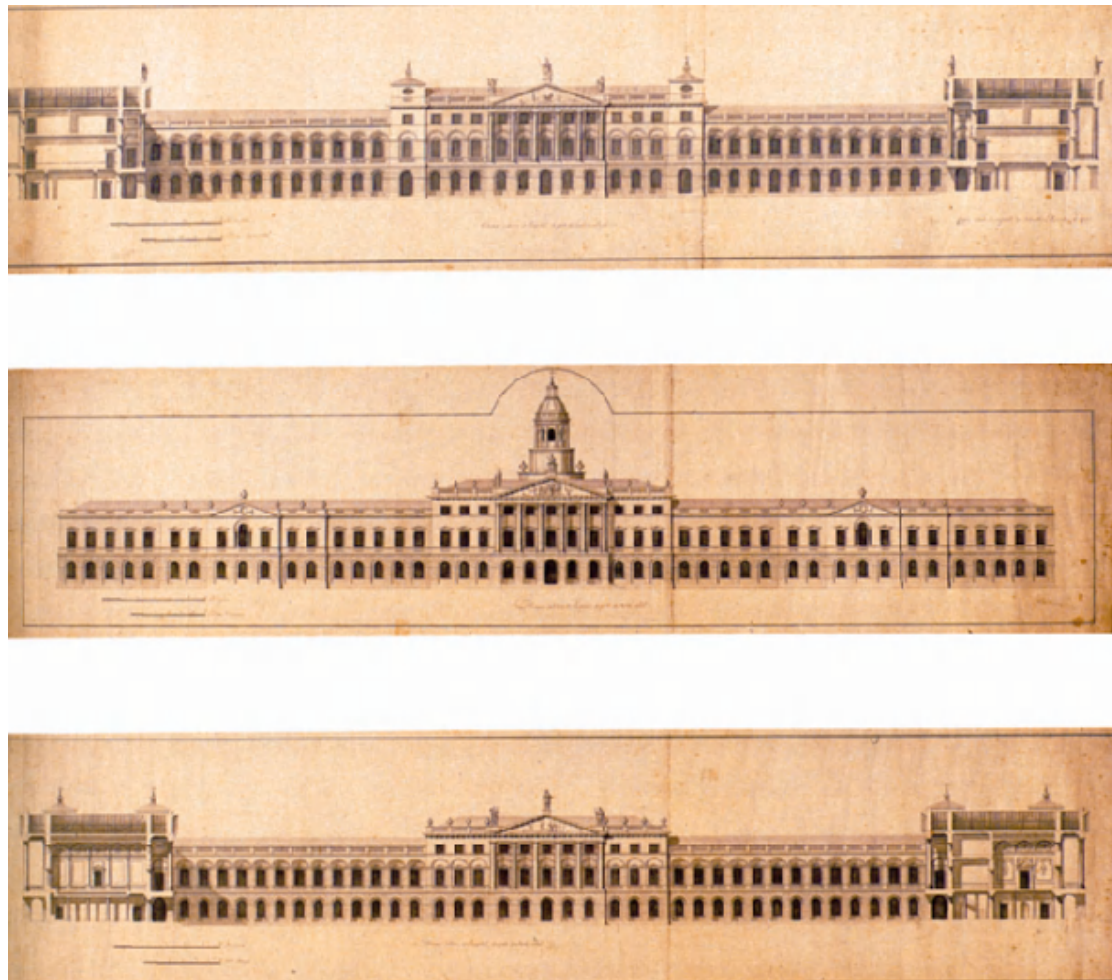


Ilustração 51: Plantas do Projecto inicial de John Carr.

In Guedes; 2007; pag 13.

¹⁰⁷

Guedes; 2007; pag 72-74

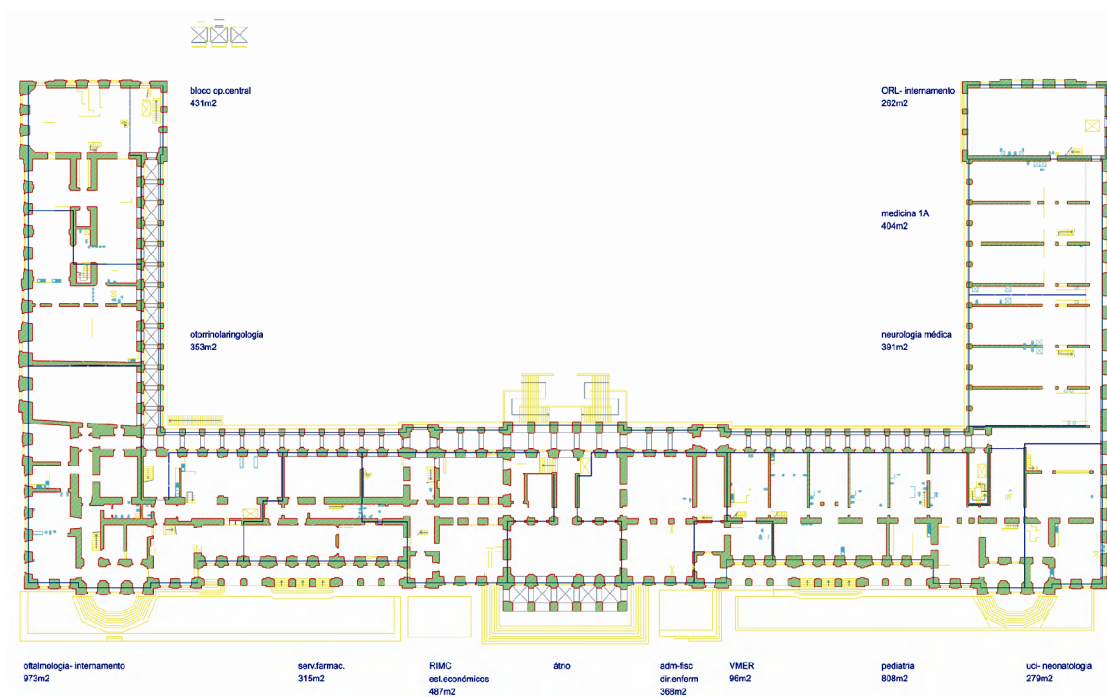


Ilustração 52: Planta do piso 2 do Hospital de Santo António do Porto.

In Guedes; pag 69.

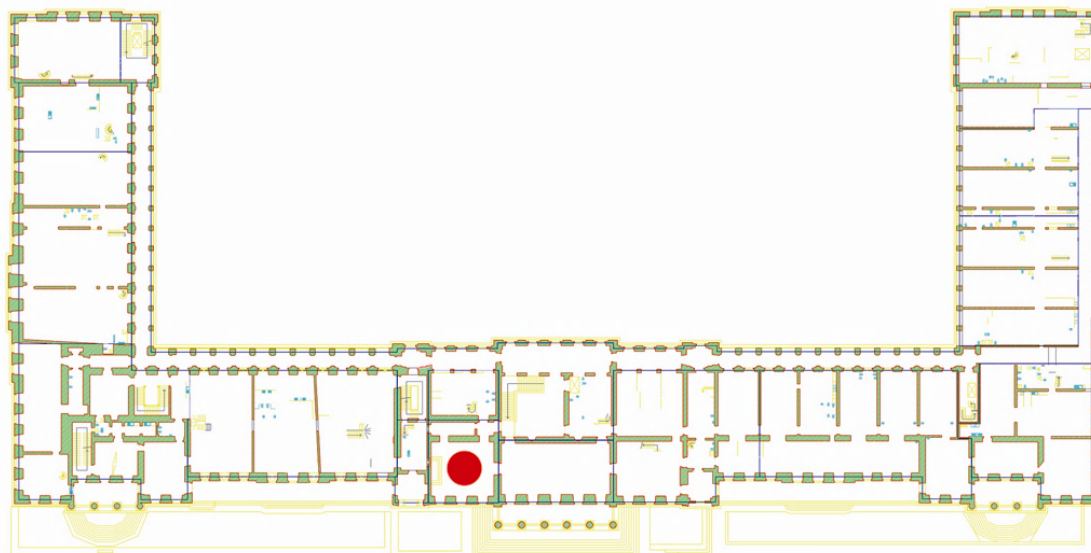


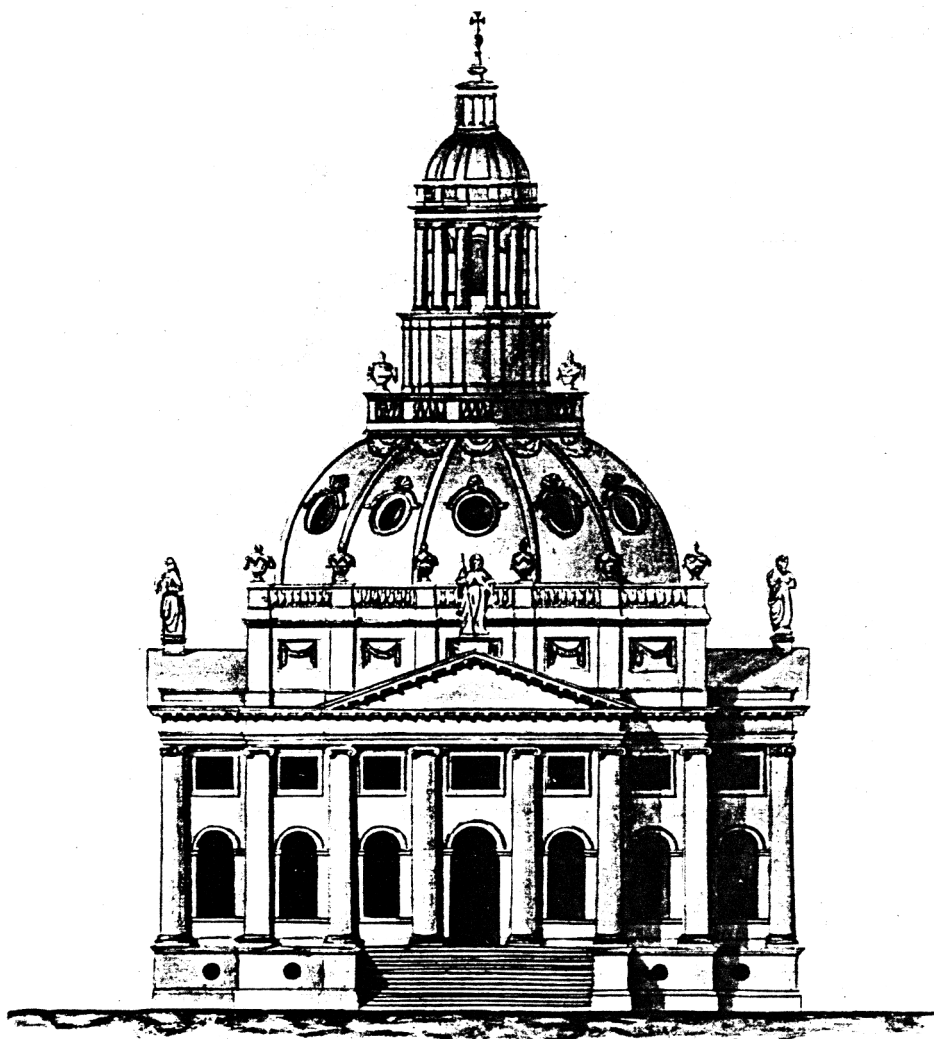
Ilustração 53: Planta com localização da Capela assinalada, no piso 4.

In Guedes; pag 73.

Num trabalho que analisa as relações entre hospital e igreja, e depois de expostas as regras construtivas, importa deixar as notáveis excepções. Se são tantas, não as encontramos em Hospitais de Misericórdia, objecto do estudo. Este Hospital de Santo António do Porto, Hospital de Misericórdia é a notável excepção: “A monumental construção disporia de um amplo pátio interior, no meio do qual se elevaria uma belíssima capela (?!) circular¹⁰⁸, com o seu zimbório”¹⁰⁹. Ou seja, não haveria comunicação entre as enfermarias e a igreja; eventualmente as capelas devocionais nas enfermarias supririam essa falta. Hoje existe uma igreja no bloco principal no piso 4, (vide ilustração nº 53), mas ela não estava prevista nestes esquissos originais de Jonh Carr...

¹⁰⁸ Olhando para a planta apresentada creio ser mais correcto falar de igreja de planta centralizada em cruz grega.

¹⁰⁹ Guedes; 2007; pag 66.



*Elevação da Igreja do Hospital, que fica no pario emmeio,
do mesmo Hospital.
Esta he oparte de Oriente, ou Nascente &c*

*Feito no Porto por Manoel (de Santos) Barbosa Architecto do Hospital
Alexandre de Gouveia em Agost. de 1777*

Ilustração 54: Alçado da Igreja do Hospital de Santo António do Porto.

In Guedes; 2007; pag 12.

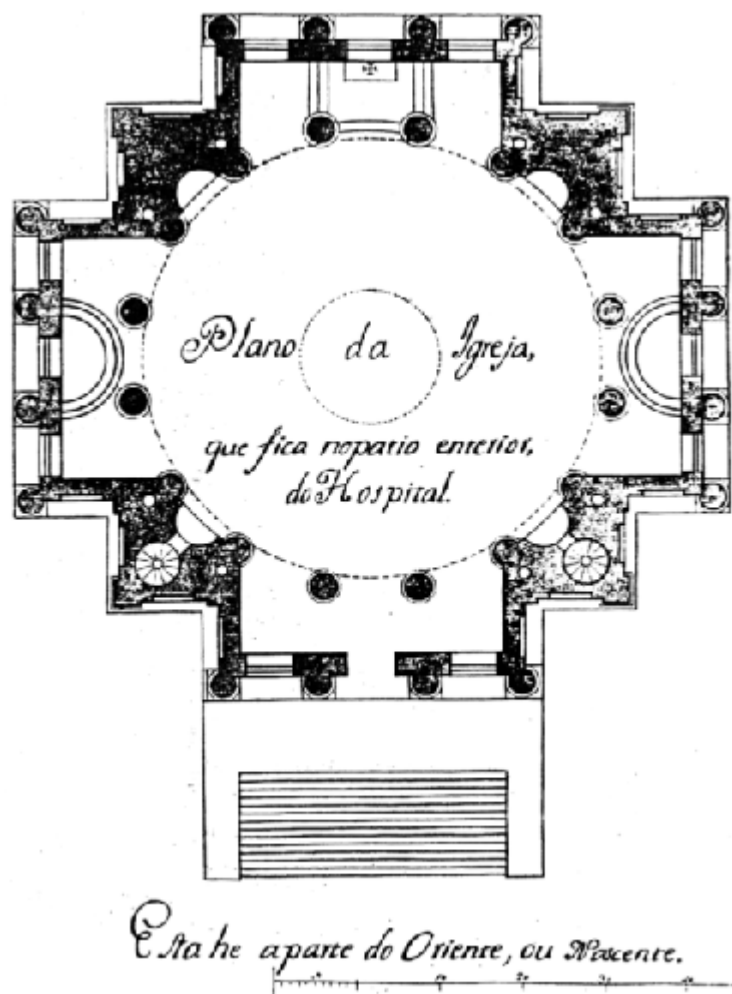


Ilustração 55: Planta da Igreja do Hospital de Santo António do Porto.

In Guedes; 2007; pag 12.

As ilustrações 54 e 55 são bastante eloquentes referindo claramente que são o “plano da igreja que fica no pátio exterior do Hospital”...Há Igreja mas não em comunicação directa com qualquer enfermaria! Ora num contexto de Hospitais de Misericórdia isto não era regra e nesse ponto de vista convém chamar à atenção para tal diversidade.

Se efectivamente não encontramos grandes diferenças entre as igrejas comuns e as que serviam os Hospitais anexos para além da sua conexão física cabe aqui, no

entanto, referência a uma tipologia retabular, segundo Lameira¹¹⁰, ímpar em Portugal, existente na Igreja do Hospital do Espírito Santo de Portel (Hospital que tinha começado por ser um albergue¹¹¹). Esta Igreja tinha ligação física ao Hospital, em particular com os doentes internados no 1ª andar. Esta igreja possuía um conjunto de retábulos: um em cada piso, de tipologia e funções diferentes. Os retábulos foram concluídos em 1751 e estavam localizados no presbitério, sendo o do piso superior o principal, onde estava colocado o sacrário com o santíssimo (“sobre um passadiço em forma de varanda ao nível do coro alto”¹¹²). Este era de uso preferencial dos doentes, para quem aí a missa era celebrada, sendo retábulo secundário o do piso inferior, onde era celebrada missa para os fiéis, de um modo geral.

¹¹⁰ Lameira; 2008; pag 153-161.

¹¹¹ Peres; 1932; vol IV; pag 532.

¹¹² Idem pag 155.

3.6. Os Hospitais Algarvios

Quanto às referências achadas de **Hospitais Algarvios**, até ao século XVIII e para além do Hospital de Faro, objecto de abordagem mais pormenorizado neste trabalho, encontrou-se:

Tavira¹¹³:

-Hospital do Espírito Santo de Tavira.: funcionando como tal a partir de 1430 onde, pelo menos desde 5 anos antes, funcionava uma albergaria.

-Hospital dos Mareantes, do Corpo Santo: pertença do Compromisso Marítimo.

-Hospital da Confraria de Santa Maria Nova e S. Brás, de Tavira: fundado em 1442, tendo funcionado como hospital de acolhimento para tratamento de doentes vindos de África.

-Hospital Militar de Tavira, construído em 1760 no Largo do Cano, e que foi extinto em 1953 passando a Messe de Oficiais e Sargentos.

Loulé¹¹⁴:

-Hospital de Loulé: no local onde anteriormente estava instalada uma gafaria tem como data de sua abertura 1470, sendo no ano seguinte referenciado como ‘Hospital Colonial’ pelo apoio que deu aos feridos das expedições do norte de África, da mesma forma que o anterior.

¹¹³ Correia; 1944; pag 435.

¹¹⁴ Correia; 1944; pag. 434



Ilustração 56: Portal de entrada do Hospital da Misericórdia de Loulé.

Foto do Autor

Em contacto recente havido com o Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Loulé (Novembro de 2008) foi-nos referido a perda do Arquivo da Misericórdia, no pós-25 de Abril, razão pela qual dificilmente se terá acesso a dados anteriores a um passado muito recente, na própria Misericórdia.

Silves¹¹⁵:

-Hospital do Espírito Santo de Silves: fundado em 1491 e reunindo nesse espaço funcionalidades de outros pequenos hospitais nessa localidade existentes.

Lagos¹¹⁶:

¹¹⁵ Correia; 1944; pag. 435.

-Hospital de Lagos: dois hospitais - o da Misericórdia e outro de Lourenço Esteves, ambos com igreja anexa.

-Gafaria: fora do perímetro urbano¹¹⁷.

Monchique:

-nas suas Caldas, um pouco afastado da povoação propriamente dita, documenta-se a existência fortemente provável de termas desde tempos de ocupação romana¹¹⁸, século IV¹¹⁹, o que veio a determinar a construção de edifícios de apoio logístico aos que aí procuravam as suas águas para tratamentos. As edificações que aí existiram foram diversas quer em tamanho quer em funções; sendo certo porém que o Bispo do Algarve, D. Sebastião da Gama, ciente das “ pequenas casas das Caldas de Monchique, que estavam arruinadas, não prestando agasalho pelo menos aos que a frequentavam (e) mandou fazer uma enfermaria”¹²⁰. Efectivamente o despacho da fundação do Hospital das Caldas de Monchique é datado de 2 de Outubro de 1691 e este ficava localizado sobre as nascentes.

¹¹⁶ Lopes; 1988; pag 234.

¹¹⁷ Correia; 1944; pag442.

¹¹⁸ Pensamos ser o estabelecimento termal em laboração regular, mais antigo em Portugal.

¹¹⁹ Carvalho; 1939; pag. 14.

¹²⁰ Padre Francisco Fonseca em *Évora Gloriosa* citado em Carvalho; 1939; pag. 62.

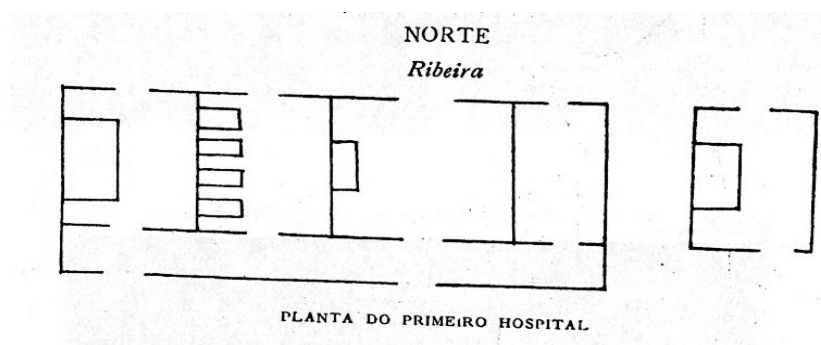


Ilustração 57: Planta do Primeiro Hospital das Caldas de Monchique

In Carvalho; 1939; pag 54

A descrição que a ele se refere data de 1777 e passamos a transcreve-la: "o hospital tem um corredor com celas para homens e outro para mulheres e no centro uma capela que passara a chamar-se de S. José, onde se dizia missa e administrava a comunhão. Além do banho de lodo tinha três casas de banho ordinário, ao longo do mesmo corredor."¹²¹.

Estoi¹²²:

Há uma referência no texto das Visitações da Ordem de Santiago de 1554 à existência de um pequeno hospital nesta localidade.

Vale a pena deixar aqui referida, uma regra seguida na admissão de doentes nos hospitais da Época Medieval, para se ter uma noção do papel da Igreja no funcionamento do Hospital, e o seu papel 'misericordioso' no tratamento dos doentes;

¹²¹ Carvalho; 1939; pag. 69.

¹²² Lameira; 1988; pag.58-59.

vejam a referência que nos deixa Correia: “ os que podendo, não fizessem confissão, comunhão; e testamento, eram despedidos do Hospital, passados dois dias, não recebendo ‘mais caridade nem esmola alguma, nem serão aí mais agasalhados’ ...”¹²³:

¹²³ Correia; 1944; pag. 535.

4. Origens do conjunto Igreja/Hospital da Misericórdia de Faro

Na passagem do século XV para XVI há um conjunto de factos determinantes para o futuro do Hospital e Igreja da Misericórdia:

-em primeiro lugar, a vila de Faro e o seu termo são doados por D. João II a D. Leonor, em 1491¹²⁴.

-em 15 de Agosto de 1498 a mesma D. Leonor funda as Misericórdias¹²⁵ e, neste mesmo ano de 1498, surgem as irmandades da Misericórdia de Lagos e Tavira¹²⁶.

-em 9 de Outubro de 1499, D. Manuel I promove a mudança das Alcaçarias para a praça da Ribeira, doravante chamada da Rainha¹²⁷. Esta modificação urbana traz a alfândega para esta praça da Rainha.

-em 1559, D. Sebastião concede a mercê, ao Hospital, de 1% de todo o rendimento da Alfândega de Faro e “do almoxarifado das sisas desta cidade e vilas de Loulé e Albufeira”¹²⁸.

Para além de todos estes factos referidos, há no entanto um pormenor aparentemente insignificante que irá condicionar o futuro hospital e igreja: a localização da Alfândega, na Ribeira, aonde todas as mercadorias em trânsito para Faro deviam terminar o seu percurso; pois num espaço contíguo, com um mero arruamento de permeio, vamos encontrar uma igreja Manuelina (*Ermida do Espírito Sancto*) e um

¹²⁴ Lameira; 1999; pag.35

¹²⁵ Serrão; 1998; pag.9.

¹²⁶ Serrão; 1998; pag.9.

¹²⁷ Lameira; 1999; pag.35.

¹²⁸ Pinto; 1968; pag. 22. Mais recentemente em Portugaliae Monumenta Misericorarum

hospital (o *Hospital de João Dias*), condicionados no seu crescimento para poente por esta mesma alfândega.

Que referencias concretas temos para buscar as origens deste conjunto?

Fundamentalmente duas:

1. A carta régia de 26 de Janeiro de 1501 (ver Documento nº 2) que concede a João Dias, casado, cego e sem filhos e a sua mulher a mercê de anexarem umas taracenas para a construção de um hospital.

2. O texto das Visitações da ordem de Santiago de 1554 que, quando se refere à *Igreja do Esprito Sancto da cidade de Farão*, nos dá dois conjuntos de textos pertinentes para a análise em curso:

A páginas 84 e 84v. “(...) os mareantes pedem esta casa que a quereẽ fazer de novo e asi ornamentá-la e prover de tudo o necessário e que lha deixẽ a seu cargo e elles sós emtenderẽ na governação e//administração per que dizem que a isto se obrigarão, Vossa Alteza devia de prover o que lhe parecese niso per que está danificada a casa e não se conçerta nẽ está como deve. (...)”

A página 84 uma pequena parte de uma frase assaz significativa “(...) § Aqui está a Misericórdia da cidade por não ter outro lugar, (...)”

Se bem que apenas o texto da Visitação das Igrejas Algarvias de 1554 se refira à “Igreja do Esprito Sancto da Cidade de Farão” ele fornece-nos uma datação, obrigatoriamente anterior a esse ano para uma igreja, um hospital e uma Misericórdia.

Será importante deixar aqui nota que a referência a esta Igreja do Esprito Sancto e Hospital de João Dias apenas se encontra nesse texto das Visitações das Igrejas Algarvias da Ordem de Santiago datado de 1554, facto que foi por nós especificamente

pesquisado nos textos das outras Visitações existentes, no sentido de fornecer mais dados sobre o conjunto.

Interessante no entanto notar que, para a fundação das Misericórdias de Lagos e Tavira encontramos datação concreta reportada a 1498 e para Loulé data de 1570¹²⁹. Por outro lado Silva Correia citando Silva Lopes apenas nos diz que o Hospital de Faro é anterior à Misericórdia¹³⁰. Dado que ele nos fornece como datação para a Misericórdia de Faro 1581 há aqui uma discordância óbvia, pois nesta data já há muito que o Hospital de João Dias existia.

¹²⁹ Correia; 1944; pag.585.

¹³⁰ Correia; 1944; pag. 434: textualmente diz H. de Faro - anterior á Misericórdia (Silva Lopes).

5. O Hospital de João Dias

No que diz respeito aos antecedentes do actual Hospital da Misericórdia, encontramos como factos mais antigos os atribuíveis a João Dias. Efectivamente há uma carta régia de D. Manuel I datada de 26 de Janeiro de 1501 autorizando-o a anexar umas taracenas para a construção de um Hospital. Esta doação já é referida no texto das Misericórdias Algarvias¹³¹. No entanto, consultado o texto original na Torre do Tombo, de que se dá uma reprodução em anexo (ver Documentos nº 5 e 6), verifica-se uma discrepância em relação ao publicado no dito livro, pois trata-se de uma mercê dada a João Dias e sua ‘mulher’ (sic) e não sua mãe. Se já existia no local um outro estabelecimento hospitalar, a leitura do texto não nos fornece esse dado, apenas nos faz pensar que esse benemérito cego e sem filhos, com sua mulher, queriam fazer essa ‘obra de misericórdia’. Teria havido outro Hospital em Faro anterior a este ou será realmente este o primeiro? Referências não as encontramos. Admitamos pois o Hospital João Dias como o primeiro Hospital fareense.

Uma dúvida nos queda quanto a João Dias: quem seria e que factos poderemos relatar da sua biografia – nada! Há referências de um João Dias piloto de embarcações do tempo de D. Manuel I ¹³² e de um João Dias (almoxarife de el-Rei) que em 1444 possuindo seis barcos foi com Gil Eanes e Rodrigo Alvares, em expedição à Ilha das Garças situada a sul dos Baixos de Arguim e ao Cabo Branco¹³³, também referido num

¹³¹ Pinto; 1968; pag. 28.

¹³² Peres; 1932; vol III; pag 610: “(...) Na profissão de pilotos é justo também que registemos mais alguns dos grandes obreiros de Portugal dos séculos XV e XVI. (...) No tempo de D. Manuel I: (...) João Dias (1515) (...)”.

¹³³ Em Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira; volume VIII; pag 936.

conjunto de navegadores quatrocentistas da costa africana¹³⁴. Pretender que estas referências correspondem ao ‘nosso’ João Dias não nos é lícito por falta de suporte documental, embora pensamos que não será de todo impossível...

Se fizermos uma leitura atenta das Visitações da Ordem Militar de Santiago, feitas em 1534 e em 1554 poderemos obter dados interessantes para ordenarmos as origens deste conjunto da Misericórdia. Em 1554 existiria uma *Igreja do Espírito Santo da Cidade de Farão* de planta quadrada de 32 palmos de comprimento e de largura e de 28 palmos de altura¹³⁵.

Uma vez que não há referência a esta ermida na visitação de 1534...teremos necessariamente que fazer conjecturas quanto à sua existência, ou não. Entretanto o Visitador de 1554 ao dizer que “(...) está danificada a casa e não se conçerta nã está como deve (...)” é lícito nos levar a pensar que ela existia antes dessa data, até porque é habitual os hospitais da época se articularem com Igrejas preexistentes, e o Hospital João Dias é do princípio desse século.

De notar que mais tarde aparece a designação de Hospital da Misericórdia o que nos faz recordar *conversões* semelhantes¹³⁶.

¹³⁴ Peres; 1932; vol VI; pag 497: (...) Viagens a países longínquos ou destes a Portugal, nos séculos XV e XVI, merecem relevo especial, ligando-se-lhes os nomes de Rodrigo Álvares, Gil Eanes, Lançarote, Estêvão Afonso, João Dias, e João Bernardes, quatrocentistas (costa africana de Cabo Verde em diante); (...)

¹³⁵ Lameira; 1988; pag. 68 e 69.

¹³⁶ Vide a este propósito o que escreve Isabel Sá sobre o ocorrido nos Açores: Sá; 1997; pag 119: (...) na ilha Terceira existiam dois hospitais do Espírito Santo, em Angra e na Praia. Quanto ao

De resto Isabel Sá apresenta uma data: 1521, para a passagem de alguns hospitais para a posse das Misericórdias¹³⁷, ou noutros casos um pouco antes¹³⁸.

Após uma descrição breve da Igreja propriamente dita encontramos uma referência em páginas 84v e 85 ao Hospital que existia por detrás; sendo comum haver pelo país hospitais sustentados por confrarias do Espírito Santo¹³⁹.

Dessa descrição pode concluir-se pela existência de internamento em enfermarias que se localizariam no 1º andar, como aliás era hábito na época¹⁴⁰, e que estas teriam uma forma que se assemelhava a um dormitório¹⁴¹ (possivelmente alongada).

de Angra sabemos que era administrado por uma confraria do mesmo nome, que aparece *convertida* em Misericórdia em data ainda por apurar (...)

¹³⁷ Sá; 1997; pag 59 “(...) o certo é que em 1521, por exemplo; D. Manuel ordena que os antigos hospitais municipais de várias cidades passem para a posse das Misericórdias (...)”.

¹³⁸ No caso de Montemor-o-Novo o Hospital da confraria do Espírito Santo passa para a tutela da Misericórdia em 1518 vd. Abreu, Laurinda; 2008; pag. 33.

¹³⁹ cf. A propósito Peres; 1932; vol. IV; pag 543 “(...) Àquela mesma invocação de Santo Espírito ou Espírito Santo se ligaram inúmeras confrarias, dispersas por todo o País, e que sustentavam albergarias, hospícios, hospitais e gafarias (...)”.

¹⁴⁰ Idem: “(...) Uma escada de alvenaria de 14 degraus sem encostos (...)”; esta escadaria sem corrimão levaria a um 1º andar onde se fazia o internamento.

¹⁴¹ Idem: “(...) uma enfermaria a modo de dormitório (...)”.

Refere o texto como pessoal que mora no hospital o “hospitaleiro” e sua mulher e não mais; isto estaria de acordo com o habitual no início do século XVI como cita Conde para o Hospital do Espírito Santo de Sesimbra¹⁴².

Quanto a pessoal trabalhando em permanência, pela descrição das visitas depreende-se que no Hospital de João Dias apenas “(...) pouso o espiroleiro cõ sua molher, (...)”¹⁴³. Laurinda Abreu dá-nos a propósito do Hospital do Espírito Santo e de Santo André de Montemor-o-Novo a formação técnica do “enfermeiro” ou “hospitaleiro” João Mendes: sapateiro!?”¹⁴⁴

Hoje, século XXI, não temos grandes dúvidas quanto a três tipos diferentes de outras tantas instituições diversas: Hospital (local de tratamento de doenças), Albergaria (local de acolhimento temporário de pessoas mediante pagamento) e Asilo (local de recolhimento mais ou menos definitivo de carenciados); mas estas separações hoje mais ou menos evidentes não o eram em 1500 pois que num mesmo edifício podiam coexistir diversas modalidades de assistência, e é o que se verificava aqui no Hospital de João

¹⁴² Conde; 2004; pag. 36.

¹⁴³ Lameira; 1998; pag.69.

¹⁴⁴ “(...) Admitiram como “enfermeiro” ou “hospitaleiro” o sapateiro João Mendes, com as seguintes obrigações: quando os doentes dessem entrada, “os despiria e tosquiaria e lavaria” e lhes “vestiria camisa lavada”; quando fossem receber a comunhão, levá-los-ia “pela mão e os ajudaria a trazer na cadeira”, caso fosse necessário; teria de dormir na enfermaria, quando algum doente corresse perigo de vida(...) A mulher do hospitaleiro desempenharia funções idênticas na enfermaria feminina. Além disso, teria de ir “buscar mezinhas à botica”, fazer “as camas aos doentes cada dia”, bem como “o comer para os doentes”. O hospitaleiro varreria ainda diariamente “o pátio e varandas” e semanalmente “os alpendres da igreja”.(...)” in Livro dos Termos da Misericórdia (de 1598 em diante), fl.41 do Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia de Montemor-o-Novo, citado em Abreu; 2008; pag. 52.

Dias. De resto sobre esta temática já nos referimos no início deste trabalho, no entanto aqui fica apenas uma pequena chamada de atenção.

”Uma casa com quatro leitos velhos onde dormem os passageiros”¹⁴⁵; e aqui está mais uma referência a uma função meramente ‘hoteleira’ e não curativa, neste conjunto, como aliás era regra em hospitais da época. Parece-nos importante mostrar a diferenciação já havida de separação de áreas ‘médicas’: as *enfermarias*, por um lado e por outro as áreas de mera hospedaria para os *passageiros*.

A não referência a corpo médico privativo não espanta num hospital desta dimensão pois nesta data (princípio do século XVI) os hospitais de pequena e média dimensão recorriam habitualmente aos serviços dos médicos locais residentes que prestavam serviços nos Hospitais públicos quando solicitado. Exemplo de exceção é o Hospital de Todos-os-Santos de Lisboa e poucos mais.

No decurso das nossas pesquisas sobre o Hospital de João Dias não encontramos qualquer desenho ou ilustração da sua forma. Ciente dessa lacuna, correndo risco de bastas críticas, com base no texto das Visitações da Ordem de Santiago de 1554, e socorrendo-nos, do saber e disponibilidade do Designer Luís Pereira, pensamos poder apresentar um primeiro conjunto de esboços da forma plausível que teria esse primeiro Hospital de Faro.

¹⁴⁵ Lameira; 1998; pag.69.

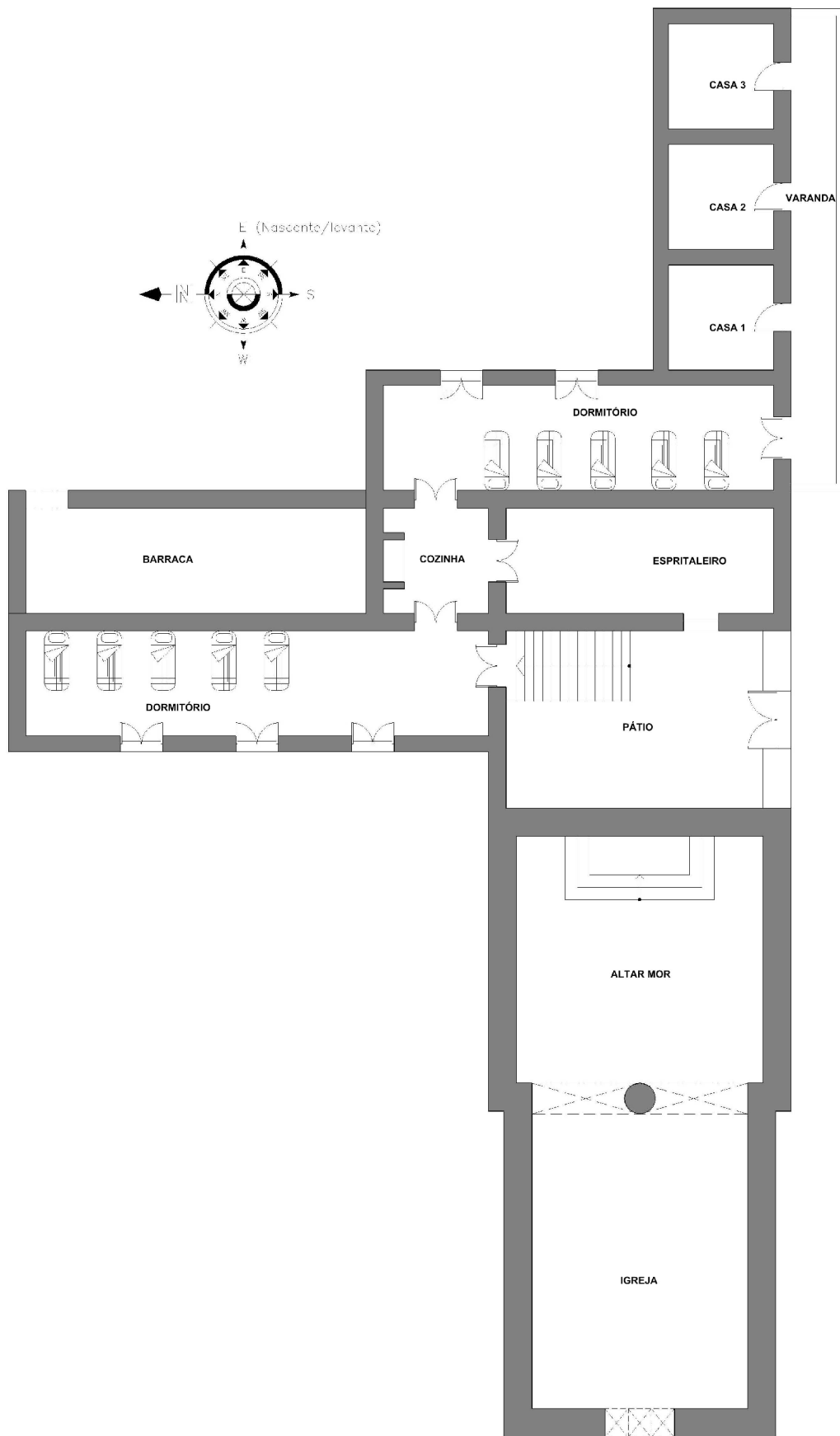
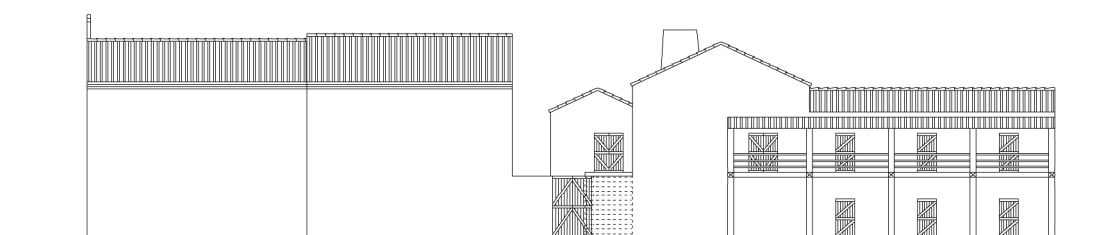
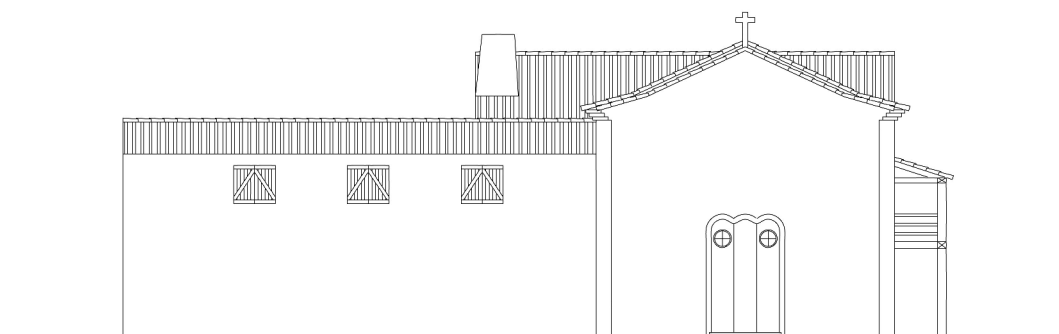


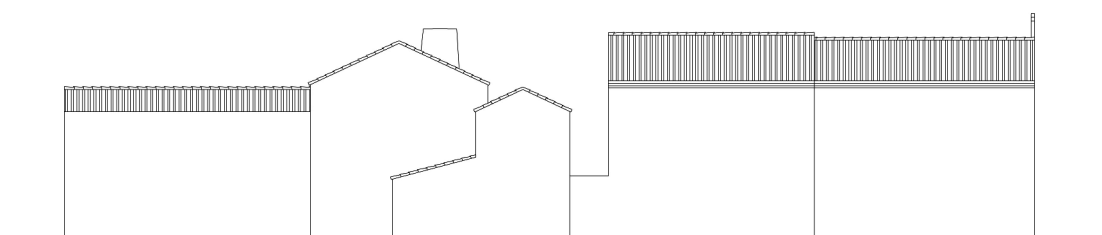
Ilustração 58: Planta hipotética do conjunto Ermida do Espírito Sancto e Hospital João Dias.



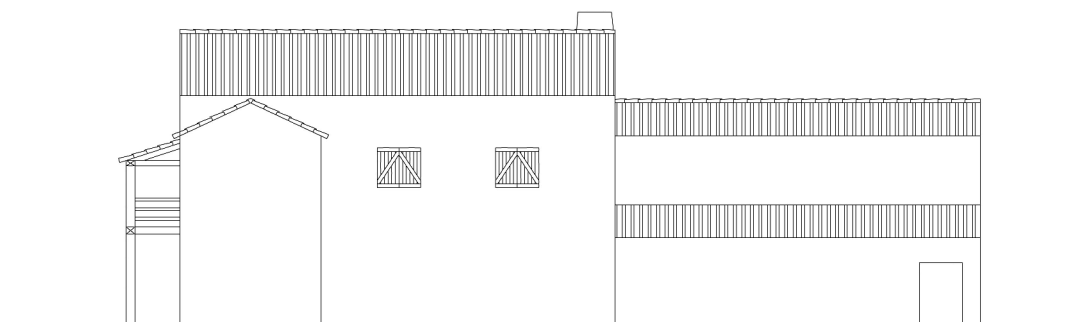
VISTA SUL



VISTA POENTE



VISTA NORTE



VISTA NASCENTE

Ilustração 59: Vistas hipotéticas Sul, Poente, Norte, e Nascente do conjunto Ermida do Espírito Sancto e Hospital João Dias.

As duas ilustrações anteriores são propriedade do Autor realizadas pelo Designer Luís Pereira.

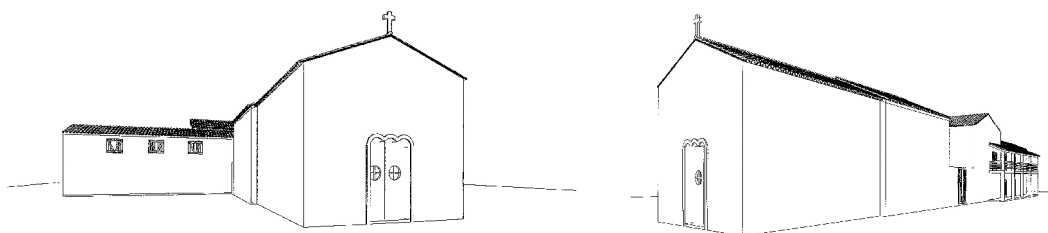


Ilustração 60: Perspectivas hipotéticas Poente/Norte e Poente/Sul do conjunto Hospital João Dias e Ermida do Espírito Sancto.

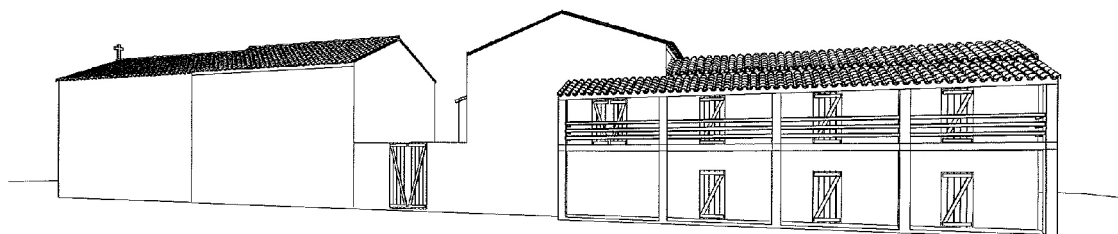


Ilustração 61: Perspectivas hipotéticas Sul do conjunto Ermida/Hospital

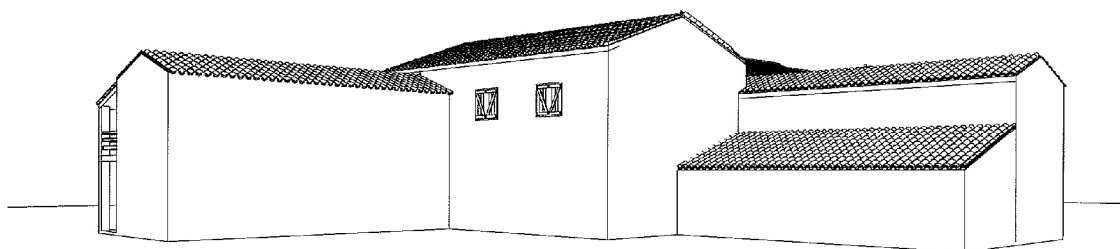


Ilustração 62: Perspectiva hipotética sul/nascente do conjunto Ermida/Hospital.

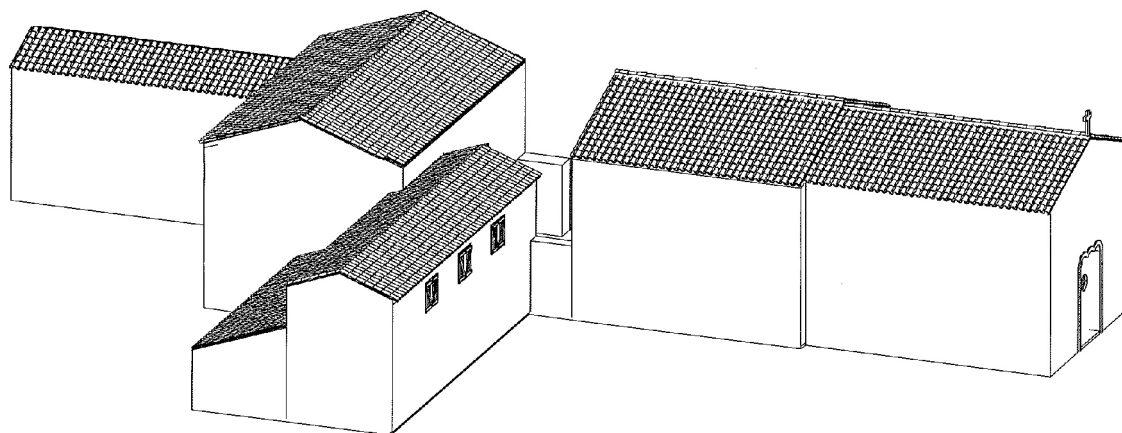


Ilustração 63: Perspectiva hipotética norte/poente do conjunto Ermida/hospital.

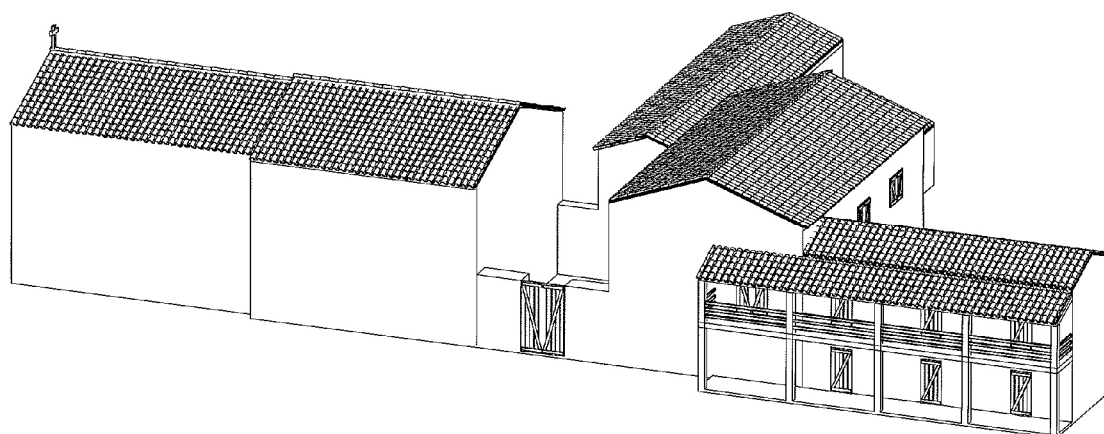


Ilustração 64: Perspectiva hipotética sul/nascente do conjunto Ermida/Hospital.

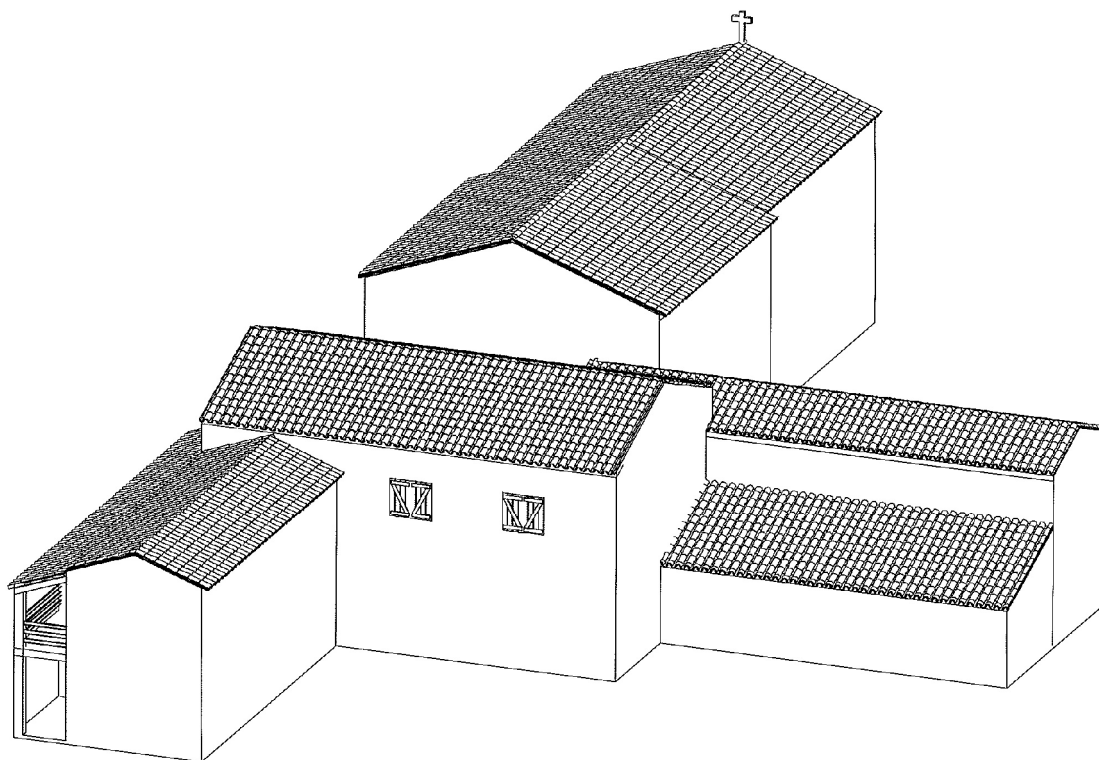


Ilustração 65: Perspectiva hipotética nascente/norte do conjunto Ermida/Hospital.

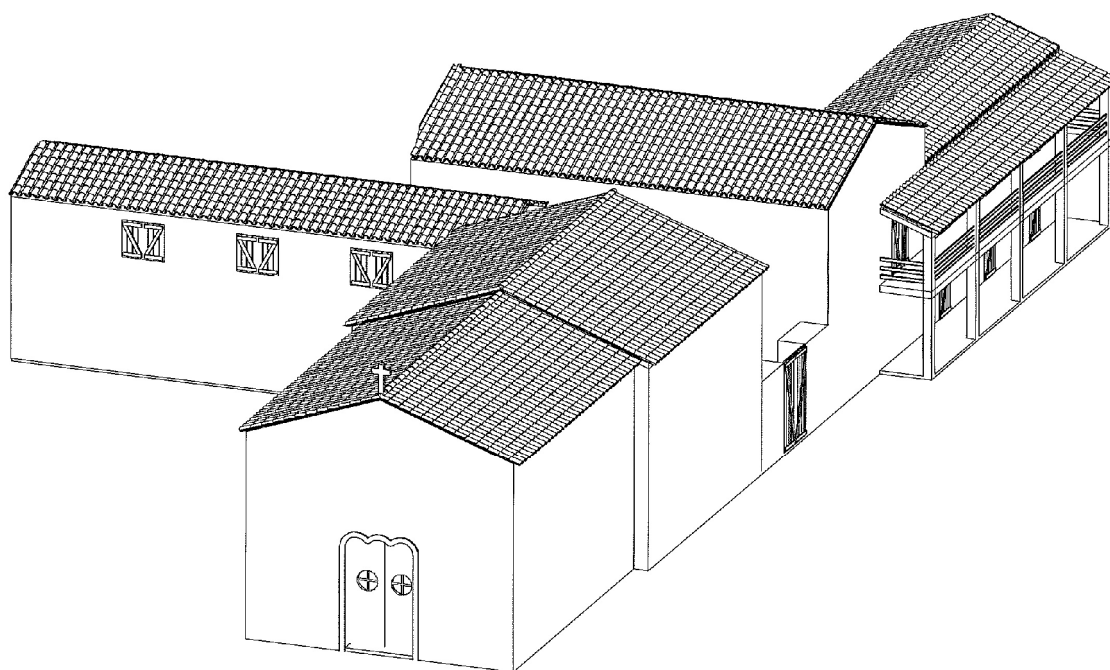


Ilustração 66: Perspectiva hipotética poente/sul do conjunto Ermida do Espírito Sancto/Hospital de João Dias

As oito ilustrações anteriores, perspectivas do conjunto Ermida/Hospital são propriedade do Autor realizadas pelo Designer Luís Pereira.

Da análise do suporte gráfico construído uma nota final teremos que fazer: a não comunicação física de uma enfermaria com o interior da Ermida do Espírito Sancto. Razões para isso poderão estar no aproveitamento de taracenas, pedidas a D. Manuel I por João Dias para a construção do seu Hospital, e que não estariam necessariamente anexas à Ermida. Também aqui é patente o presumível internamento no 1º andar concomitante com a existência de armazéns no andar térreo.

6. A Igreja do Esprito Sancto

Hoje, percorrendo o edifício da Igreja da Misericórdia de Faro nada encontramos desta Ermida; no entanto esta partilhou o mesmo espaço com aquela. E não há efectivamente nenhum estudo documental ou meramente um achado arqueológico que nos forneça relações entre as duas. No entanto esta ‘igrejinha’ foi um antecedente importante no conjunto actual da Misericórdia Fareense e dela apenas perduram umas pedras do lintel, de um portal de inspiração manuelina, no Museu de Faro. Olhando para elas poderemos reler o texto das citadas Visitações de 1554: “(...). /O portal (...) cercado à roda de hũ cordão grosso cõ hũ nó em riba lavvrado de folhagem, (...)”, e ficarmos surpreendidos pela clareza e rigor da sua descrição.



Ilustração 67: Cantaria do lintel da Igreja do Espírito Sancto de Faro

(foto gentilmente cedida pelo Museu de Faro)



Ilustração 68: Cantaria do lintel da Igreja do Espírito Sancto de Farão
(foto gentilmente cedida pelo Museu de Faro)

Tendo como base o texto das *Visitações da Ordem de Santiago de 1554*¹⁴⁶ podemos, no entanto, tecer algumas considerações.

A Ermida pertenceria a uma confraria de Navegantes, uma associação de cariz solidário que tinha neste templo lugar próprio para encomendações, orações e outros ofícios religiosos destes homens do mar. Mas quando se dão as *Visitações* atrás descritas, o edifício encontrava-se em muito mau estado de conservação, porventura resultado de terramotos havidos. Desta forma encarava-se em 1554 a sua substituição por uma outra, visto haver referencia explícita a que não teria conserto...

Por outro lado, sendo habitual nesta época anexarem-se hospitais a igrejas e não o inverso e estando a igreja em mau estado, poderemos aceitar ter mais de cinquenta anos para poder ser anterior ao hospital de João Dias ao qual está ligada...

¹⁴⁶ Uuma cópia da publicação de suporte ao texto é apresentada como documento em anexo nº2

Não existem referências arqueológicas à *Ermida do Espírito Sancto*, pelo que, com base no citado texto das *Visitações* solicitámos a colaboração do Designer Luís Pereira no sentido de se construírem modelos da sua presumível forma. Graças a ele pensamos estar na posição de poder apresentar o que julgamos ser os primeiros desenhos perspectivados, à escala, da referida Igreja.

Assim:

“(...) he quadrada, esta igreja tem de comprimento 32 palmos, de llargo o mesmo e d’alto 28(...)”¹⁴⁷; tiramos daqui as medidas da cabeceira.

Do seu estilo construtivo podemos apontar no sentido de uma retórica manuelina face às molduras de pedra encontradas no local. A escultura na pedra em forma de corda grossa aponta nesse sentido. A falta de elementos de qualquer ordem sobre a ermida não nos deixa precisar uma data para a sua construção. Fiquemo-nos pois com a primeira presunção 3D da sua forma e aguardemos outras investigações.

¹⁴⁷ Lameira; 1998; pag.68.

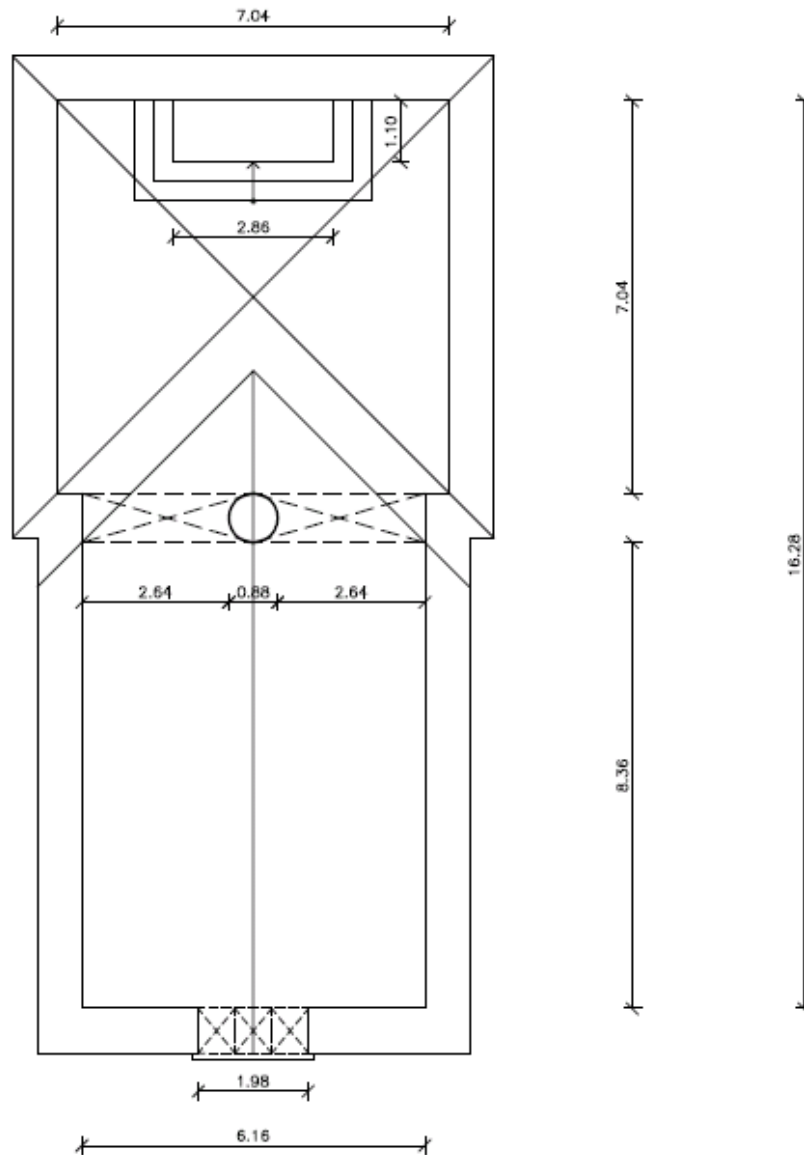


Ilustração 69: Planta da Ermida do Espírito Santo; conjectura: vista 1.

(propriedade do Autor realizada pelo Designer Luís Pereira)

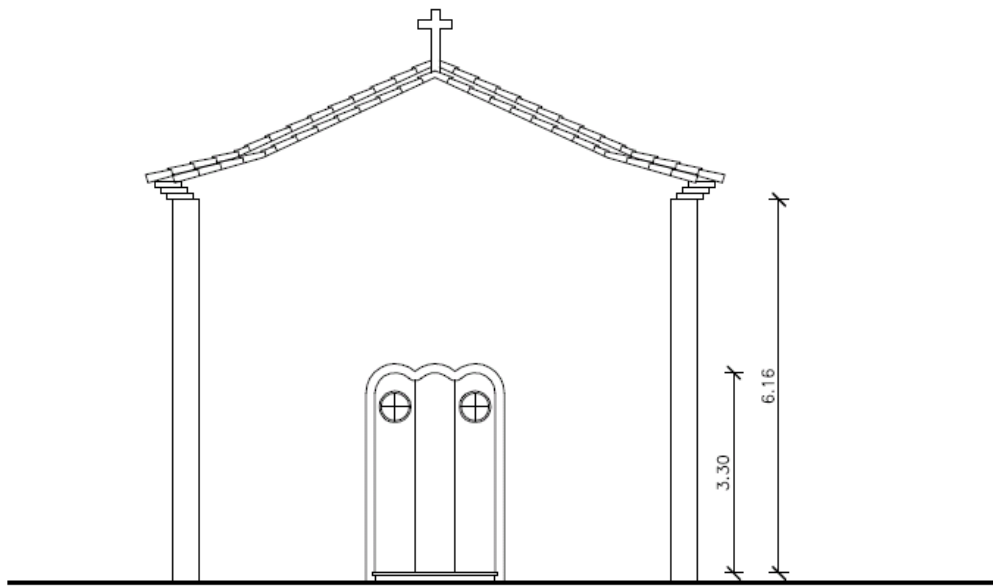


Ilustração 70: Idem; conjectura: vista 2.

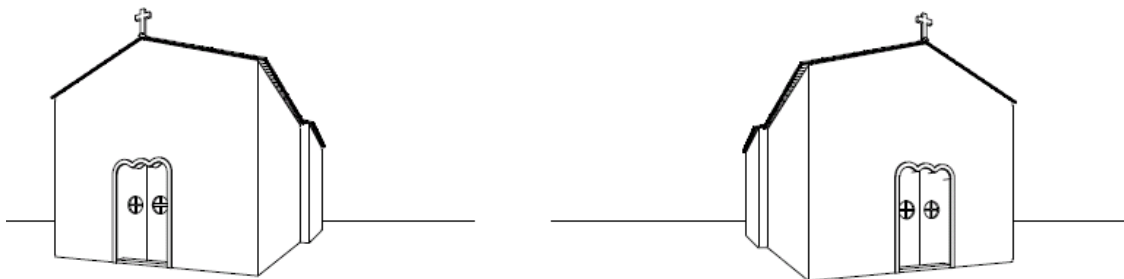


Ilustração 71: Idem; conjectura: vistas 3 e 4.

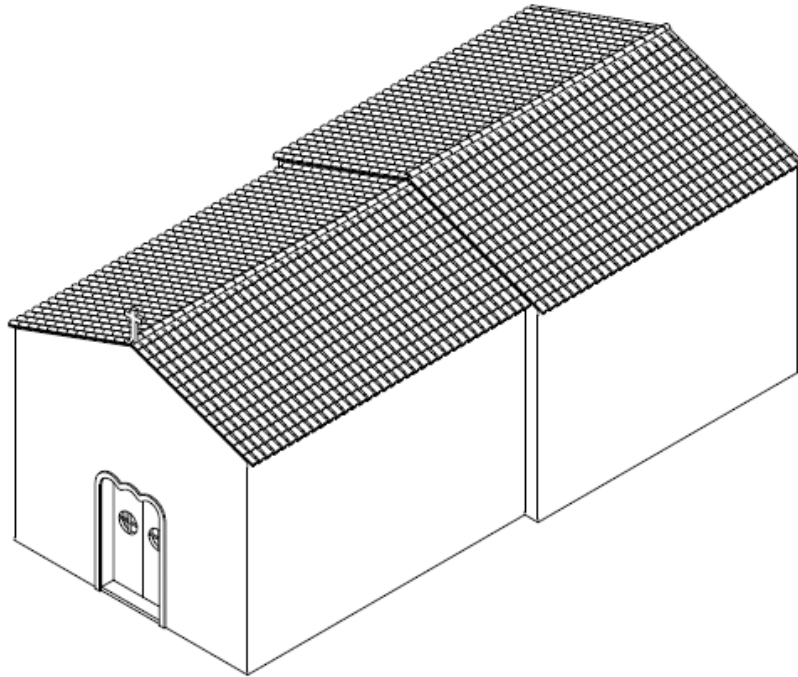


Ilustração 72: Idem; conjectura: vista 5.

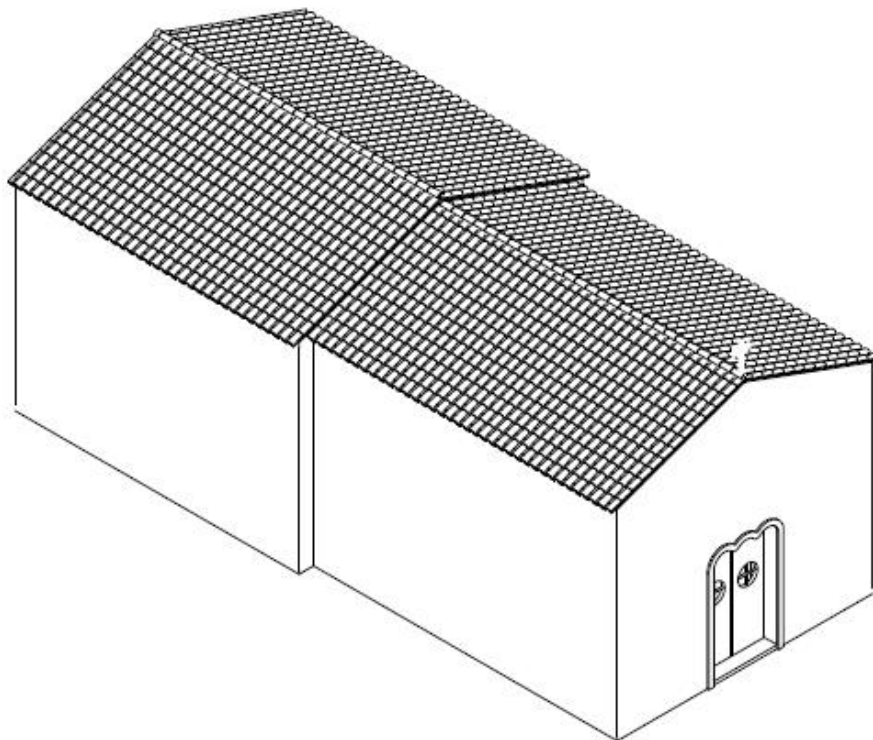


Ilustração 73: Idem; conjectura: vista 6.

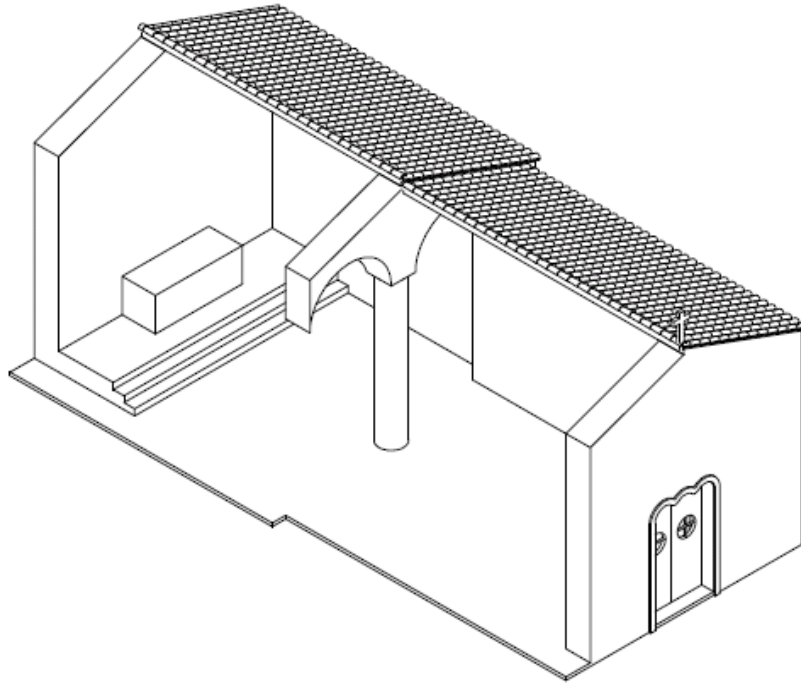


Ilustração 74: Idem; Conjectura: vista 7.

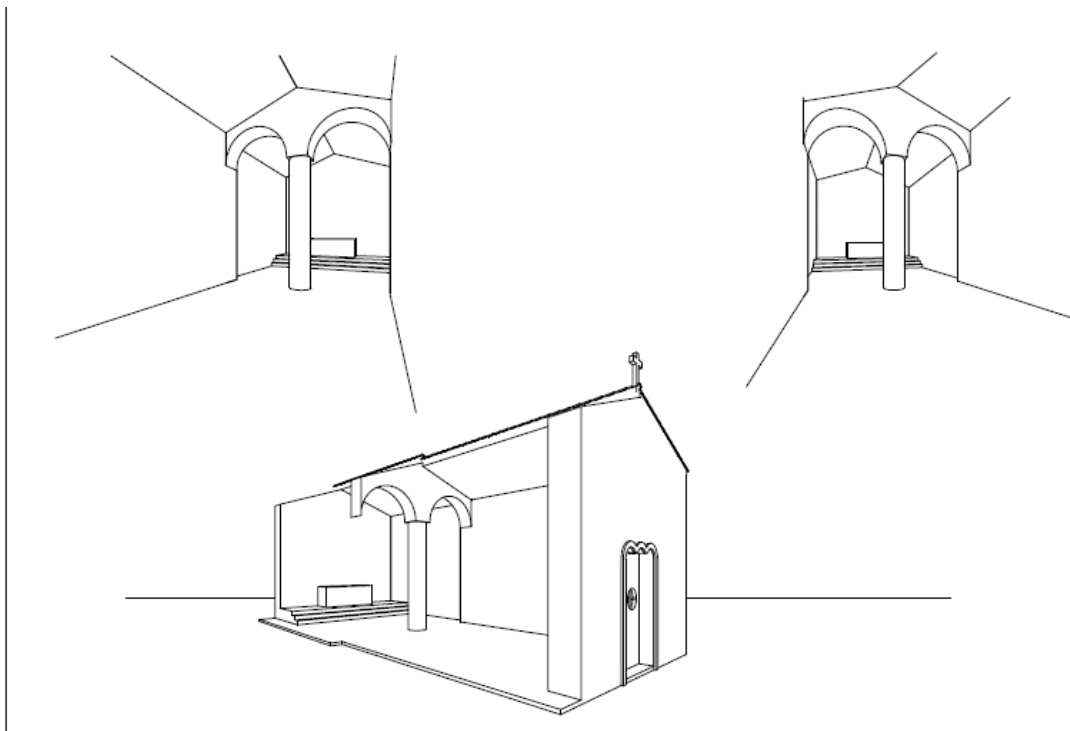


Ilustração 75: Idem; Conjectura: vista 8.

De posse destas representações a três dimensões poderá ser mais fácil, mais objectivo analisar o conjunto. De qualquer forma a análise dos dados obtidos permite-nos concluir que se tratava de uma modesta igreja de formas simples e com eventual presença de duas campanhas de obras, mercê da análise do cruzeiro e das larguras do corpo da igreja e da sua cabeceira. A diferença de larguras, com a justaposição de um volume alongado pode-nos sugerir estar em presença de uma nave para fiéis assistirem a cerimónias religiosas aí celebradas. A presença de uma coluna¹⁴⁸, na transição dos eventuais dois corpos de datações diferentes, não faz sentido como peça arquitectónica no meio do campo visual de quem assiste aos officios religiosos no que poderia ser o corpo da igreja; quer-nos parecer que a dita coluna fosse, com o vão em que se encontra inserida, o remanescente do portal da igreja, de época anterior ao portal manuelino da entrada.

Feita esta análise, poderemos entender que terá sido edificada uma igreja de modestas dimensões, eventualmente por marítimos, que poderiam usar o areal fronteiro como local de partida e chegada da faina marítima; e que mais tarde teria sido aumentada, o que não deixava de ser frequente ao tempo. Este aumento claramente apontava para uma retórica manuelina diferente da arcaria interior.

Quando se faz o enquadramento geográfico/social desta ermida deve ser lembrado que a alfândega teve localização na Praça da Rainha, no lado esquerdo do actual edifício da Misericórdia, e as suas origens remontam à reforma administrativa da Época Manuelina¹⁴⁹.

¹⁴⁸ Lameira; 1998; pag.68: “(...) §O cruzeiro he de dous arcos de pedreria, redondo, cõ hũa colluna no meio cõ sua vasa e capitel de pedra.(...)”.

¹⁴⁹ Muzavor; 2006; pag41.

7. A Igreja de planta centralizada

A actual Igreja da Misericórdia, estando edificada num local eventualmente coincidente com a Ermida do Espírito Sancto, não apresenta evidências de reaproveitamento desta outra precedente. Não são conhecidos relatos arqueológicos¹⁵⁰ ou fundamentações bibliográficas para tais coincidências; tão-pouco o Arquivo da Misericórdia não organizado nos fornece dados concretos. No entanto as referências à Ermida remetem-na para este espaço em que D. Afonso Castel-Branco manda edificar a Igreja da Misericórdia em 1583.

Erudito o bispo, aceita como tipologia para a Igreja da Misericórdia local a planta em cruz grega, uma planta adequada a igreja hospitalar¹⁵¹.

¹⁵⁰ Recentemente foram feitas prospeções arqueológicas prévias a obras no perímetro da Misericórdia e não achamos meio de aceder a dados recolhidos, nomeadamente aos esboços do trabalho, no sentido de podermos situar os antecedentes desta Igreja da Misericórdia.

¹⁵¹ Refira-se a este propósito o escrito em tese de doutoramento por Paulo Varela Gomes: (...) A planta em cruz grega, que não tinha precedentes clássicos evidentes, chegou a ser identificada pelo arquitecto jesuíta G. Valeriano como uma planta tipicamente hospitalar a propósito de um desenho de Bustamante (cit. Lanaspá, 1993, p. 244, n. 35). Foi afinal a planta escolhida por D. Afonso de Castelo Branco na sua obra do Hospital da Misericórdia de Faro. (...): Gomes; 1998; vol.1; pag. 63.

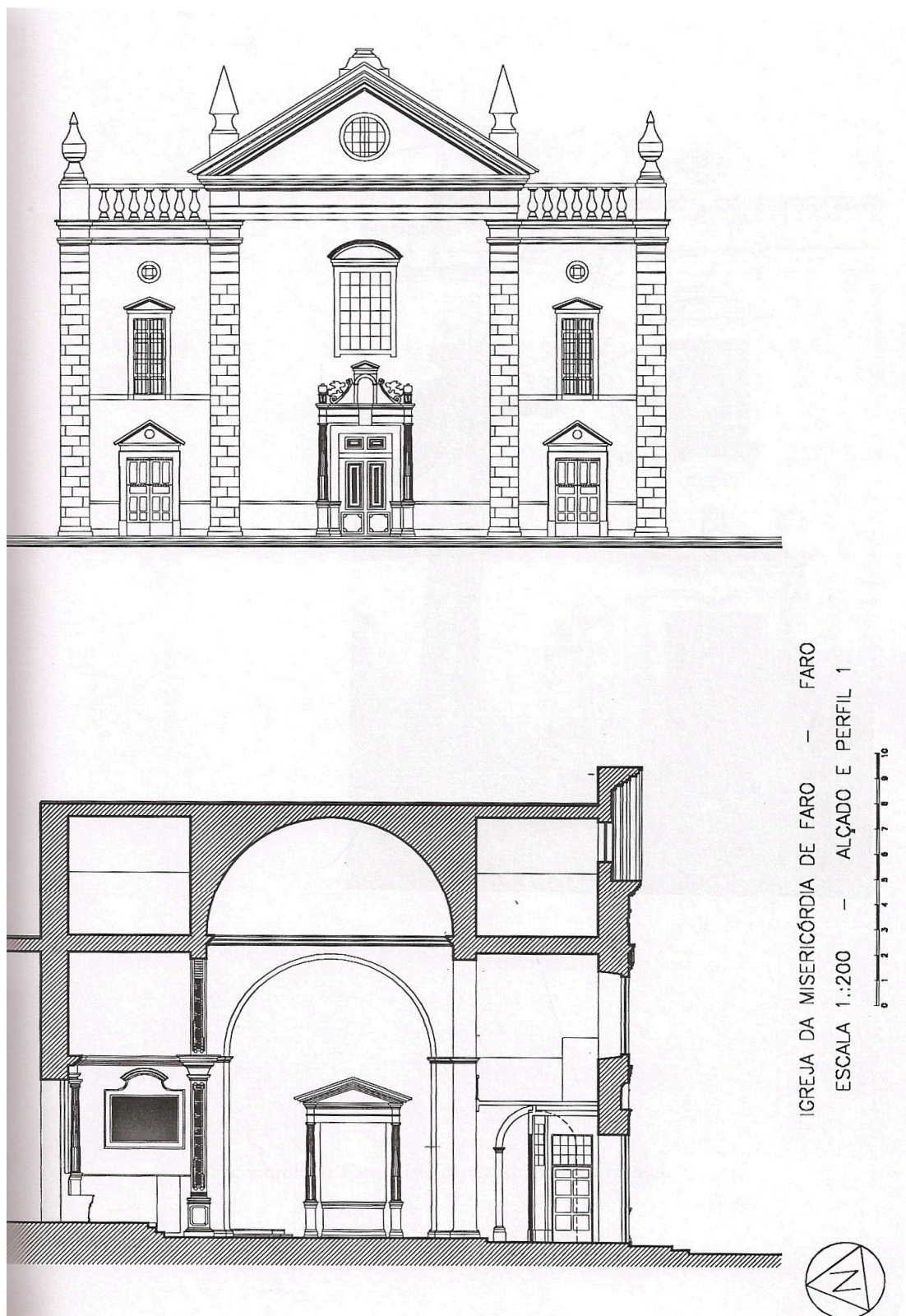


Ilustração 76: Alçado da Igreja da Misericórdia de Faro.

In Gomes; 1998; II vol s/n.

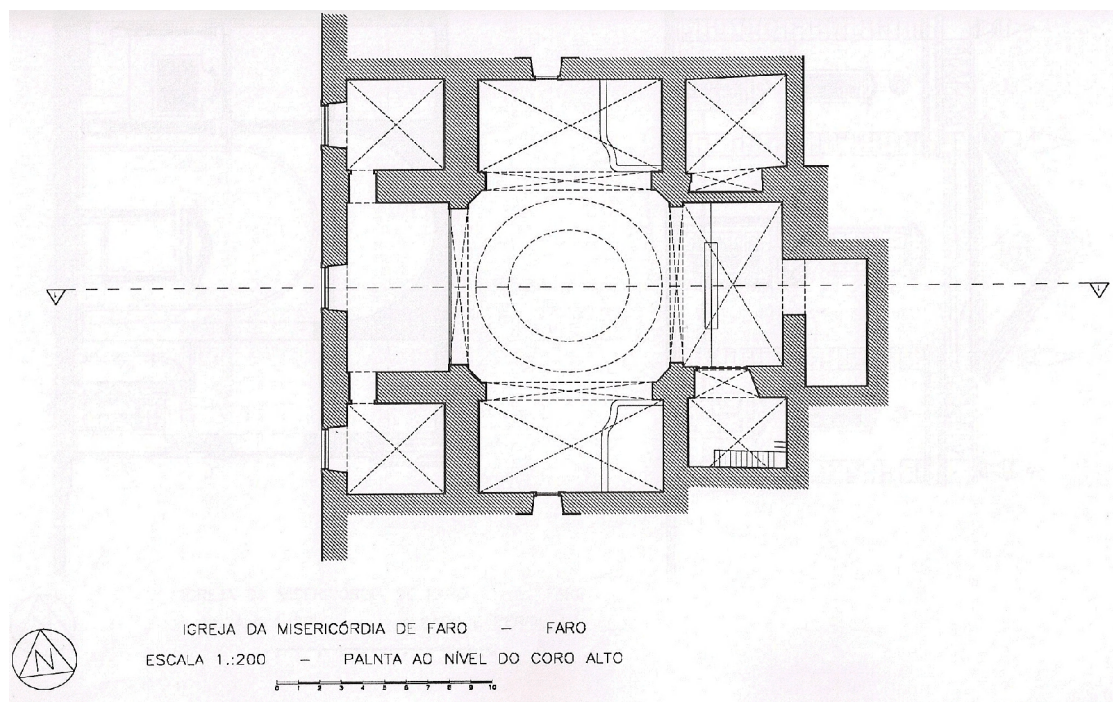


Ilustração 77: Planta da Igreja da Misericórdia de Faro.

In Gomes; 1998; II vol s/n.

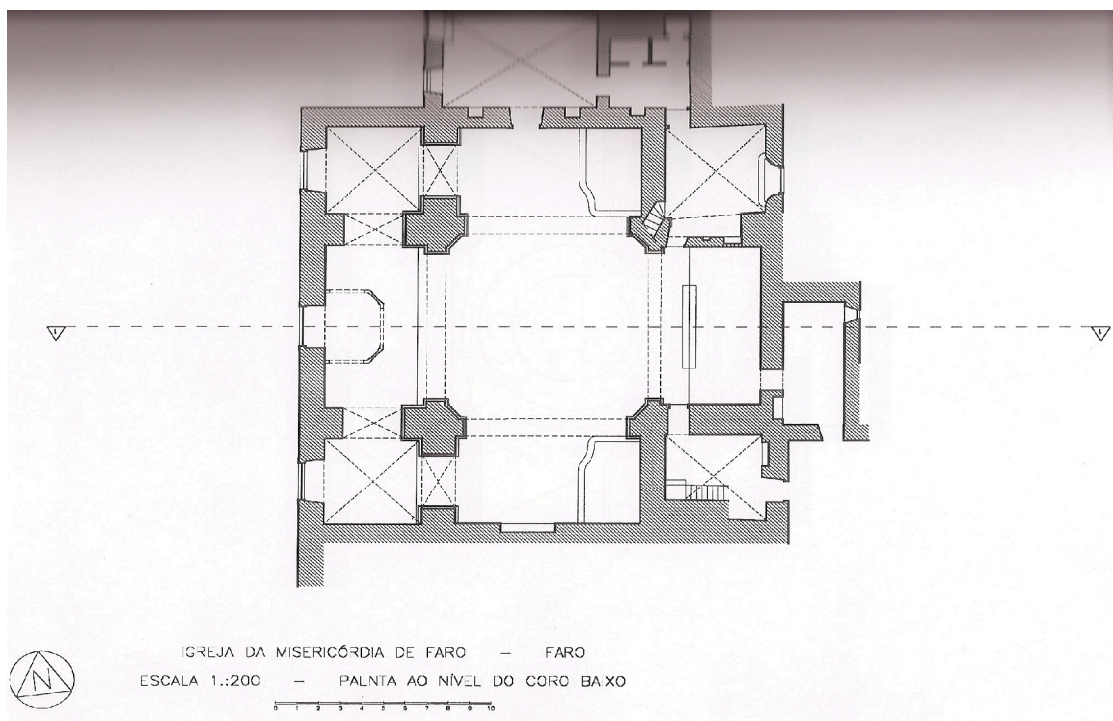


Ilustração 78: Planta da Igreja da Misericórdia de Faro.

In Gomes; 1998; II vol s/n.

O edifício de planta de cruz grega inserida num quadrado¹⁵²; atribui-se a Nicolau de Frias¹⁵³, representa caso único de “micro arquitectura centralizada (...) em igrejas de Santa Casa da Misericórdia”, segundo Vítor Serrão¹⁵⁴. Esse mesmo quadrado tem no interior uma cúpula semi-esférica e no exterior zimbório cego e telhado.



Ilustração 79: Cúpula da Igreja da Misericórdia de Faro.

In Paula; 1993; pag 237.

Quais terão sido os primórdios deste templo cristão?

Segundo Paulo Varela Gomes, as Igrejas de planta centralizada¹⁵⁵, são, via de regra, em Portugal de dedicação ao Santíssimo Sacramento¹⁵⁶. Diz-nos também o

¹⁵² Serrão; 1999; pag. 235

¹⁵³ Lameira; 1999 Pag.43

¹⁵⁴ Serrão; 1999; pag 235

¹⁵⁵ Para este autor edifício de planta centralizada é aquele que foi gerado a partir de uma planta em figura geométrica caracterizada pela convergência de eixos para um único centro.

¹⁵⁶ Gomes; 1998 pag 7.

mesmo autor que, nos anos oitenta do século XVI, aparece uma tipologia de igreja quadrangular com cruz grega, por influência escorialense¹⁵⁷, como é o caso desta de Faro. Não hesita em citar a propósito Horta Correia que a classifica de um caso à parte na arquitectura algarvia¹⁵⁸ pois que se estrutura com base numa geometrização radical em que o módulo era o cubo¹⁵⁹.

O portal actual de moldura de cantaria, tem verga recta, de sabor quinhentista e tem forma de duplo quadrado. Está enquadrado por colunas de capitel jónico adossadas e que suportam entablamento; sobre ele está um nicho central de pilastras laterais e arco superior de volta perfeita. Dentro do nicho a imagem de Nossa Senhora. Lateralmente a este aletas e por cima pequeno frontão triangular. Por baixo, entre o entablamento e a verga recta da moldura do portal, as armas do Bispo D. Afonso Castel-Branco. Paulo Varela Gomes acha que o portal central com colunas de ordem jónica convém a uma igreja de planta centralizada dedicada à *Mater Misericordiae* e são o elemento mais erudito de todo o edifício¹⁶⁰. O pano central está encimado por frontão triangular com óculo oval no tímpano apresentado nos seus remates laterais pináculos piramidais e cruz de ferro central. O pano lateral tem no seu topo acrotério e sobre ele fogaréu.

O interior, actualmente bastante alterado, mormente pelo fecho dos pequenos recortes quadrados, dos cantos, da planta inicial, apresenta uma sucessão de três níveis:

¹⁵⁷ Diz taxativamente Paulo Varela Gomes: “(...) Está estabelecido que o partido planimétrico do templo que centraliza o complexo do Escorial foi determinado por Francesco Paciotti cerca de 1562-1563: a cruz grega inscrita num quadrado (...)”: in Gomes; 1998; pag. 50.

¹⁵⁸ Correia; 1987; pag 61.

¹⁵⁹ Correia; 1987; pag 55.

¹⁶⁰ Gomes; 1998; pag 53.

a entrada, um seguinte central mais elevado e um plano de fundo para o altar-mor três degraus mais elevado.

De uma forma sintética poderemos dizer com F. Lameira que o recheio desta Igreja da Misericórdia tem três retábulos com um arco triunfal em talha que lhes serve de elemento unificador. O retábulo da capela-mor maneirista e os colaterais barrocos.¹⁶¹



Interior da igreja de planta centralizada da Misericórdia de Faro, traça de Nicolau de Frias (?), c. 1583

318

Ilustração 80: Interior da Igreja da Misericórdia de Faro.

In O Algarve da Antiguidade aos nossos dias; 1999; pag 318

¹⁶¹ Lameira; 1997 pag 11

Referência à pia de água-benta, curioso reaproveitamento de um capitel visigótico¹⁶², possivelmente vindo de um presumível templo, que Ossoyba teria possuído antes de ser ocupada pelos árabes¹⁶³.



Ilustração 81: Pia de água benta.

Fotos do Autor.

¹⁶² Pinto; 1968; pag 36.

¹⁶³ Rosa; 1984; pag. 48.

**8. A Misericórdia de Faro e suas figura chave no
conjunto em apreço**

8.1. D. Afonso Castel-Branco

O bispado do Algarve vê a sua sede transferida de Silves para Faro em 1540 por indicação do Papa Paulo III (Bula Sacrossancta Romana Ecclesia de 20 de Outubro de 1539), o que por resistências de várias ordens só se vem a efectivar 17 anos mais tarde. É precisamente o Bispo D. Afonso Castel-Branco, 6º Conde de Arganil, o segundo a usar esse título, que vem residir em 1581 em Faro, e ser o Provedor da Santa Casa da Misericórdia. Maria Helena Mendes Pinto atribui-lhe a fundação da irmandade da Misericórdia em 1581¹⁶⁴ (!) e três anos mais tarde 1583 a construção da Igreja da Misericórdia no local da primitiva Capela do Espírito Santo. Aparentemente essa autora não terá tido em conta os textos das Visitações da Ordem de Santiago de 1554...De facto, na página 68 das referidas visitas está escrito (...)” Aqui está a Misericórdia da Cidade por não ter outro lugar (...) (sic), o que para além de nos relatar a localização da Misericórdia nos revela que a esta data (1554) ela já existe, ou seja bem antes da vinda do bispo D. Afonso Castel-Branco. em 1581.”

A atestar fisicamente o patrocínio deste prelado na edificação da igreja da Misericórdia temos o seu brasão a encimar o portal da Igreja ainda hoje patente a quem por ela passa.

¹⁶⁴ Aparentemente esta autora poderá ter ido buscar a sua informação á obra citada no texto de Fernando da Silva Correia: Origem e formação das misericórdias Portuguesas que refere a pagina 585 essa datação de 1581 para a fundação das misericórdias de Cuba, Vila de Rei e Faro.



Ilustração 82 Portal da Igreja da Misericórdia de Faro.

Foto do Autor

Em 1583, o então Bispo do Algarve, D. Afonso Castelo Branco, Provedor da Misericórdia local terá mandado construir a respectiva Igreja da Misericórdia. O texto das Visitações de 1554 refere-nos que a ermida do Espírito Sancto está em mau estado e

carente de obras; e aqui se abrem duas hipóteses de trabalho: construir ou reconstruir? Como voltaremos a referir mais adiante terá sido uma nova edificação sem aproveitamentos de obra anterior. O seu projecto parece dever-se a Nicolau Frias¹⁶⁵, arquitecto que irá estar ligado a outras obras de patrocínio deste mesmo bispo aquando da sua ida para Coimbra.

Em 1585 o Bispo D. Afonso Castel-Branco será transferido para Coimbra, terminando a sua curta carreira no bispado do Algarve.



Ilustração 83: Igreja da Misericórdia em 2008.

Foto do Autor.

¹⁶⁵ Lameira; 1999; pag.43.

8.2. D. Francisco Gomes de Avelar

D. Francisco Gomes de Avelar, nasceu a 17 de Janeiro de 1739 frequentou aulas no Convento das Necessidades, com boas provas o que levou a que segundo Lopes “os padres da Congregação dos Oratório o *admittirão* ou antes *attrahirão* ao seu grémio”¹⁶⁶.

Na segunda metade do século XVIII, Roma continuava a ser um centro artístico de primeiríssimo plano mundial pelo pioneirismo, qualidade e quantidade de obra produzida. Assim, quando aí esteve, a convite do cardeal Ranunzzi, (Antigo Núncio Apostólico) Francisco Gomes de Avelar, um jovem sacerdote oratoriano, aproveitou essa sua estadia em Itália (de 3 de Setembro de 1786 até 1788) para tomar contacto com a nata artística da altura, sobretudo dado o conhecimento do meio artístico por parte do Cardeal e o estreito relacionamento entre ambos. Ranunzzi era Bolonhês e fácil será associar este facto ao mais que provável relacionamento do padre Avelar com os elementos da Academia Clementina de Bolonha. É aqui que toma contacto com a mudança de gosto estético, de um barroco agonizante para um neoclassicismo nascente. E citando Horta Correia “Terá sido importante para o futuro Bispo do Algarve a percepção de que as questões estéticas não estavam desligadas das preocupações iluministas, que os problemas vitais eram o carácter do útil e do verdadeiro e não já o do espectáculo e da representação. Apercebe-se certamente que a Felicidade Publica é o escopo da estética e que a Architectura goza de indiscutível primado, como arte civil

¹⁶⁶ Lopes; 1988; pag. 54.

por excelência, e deve estar subordinada ao respeito pela natureza dos materiais e pela funcionalidade dos espaços”¹⁶⁷.

Esta estadia em Roma prolongou-se por dois anos, após o que retornou à Casa das Necessidades. Entretanto o bispo do Algarve na altura D. José Maria de Melo é chamado à capital para substituir o Arcebispo de Tessalónica, tendo sido nomeado para o bispado vacante D. Francisco Gomes do Avelar, que aceitou a nomeação pela Rainha D. Maria I¹⁶⁸, após uma renúncia inicial. Sagrado a 26 de Abril de 1789 vem para o Algarve onde celebra Pontifical na sua Diocese no Domingo de Pentecostes. Já no Algarve apercebe-se que os planos Pombalinos para a Restauração do Reino dos Algarves foram um pouco mais que um voto de intenções, uma vez que as consequências nefastas do terramoto de 1755 eram ainda bem patentes. Para tanto está documentado que percorre por três vezes todas as freguesias algarvias. No entanto, e afastando um espírito redutor que visse na sua acção apenas uma vertente eclesiástica, poderemos recordar o que sobre o bispo foi dito sobre a sua acção nas Caldas de Monchique.

O sentido da apreciação do humanismo iluminista de D. Francisco de Avelar é unânime e como exemplo tomemos as afirmações do Padre José Cabrita Júnior e de Baptista Lopes citadas por José de Sousa Costa:

Diria o Padre José Cabrita Júnior¹⁶⁹:

¹⁶⁷ Correia, Horta; 1996; pag 91.

¹⁶⁸ Carvalho; 1979; pag. 137.

¹⁶⁹ Júnior, José Cabrita; *O bispo santo D. Francisco Gomes do Avelar*; 1940: citado em Costa; 1957; pag 21.

– “Já os seus antecessores (do Bispo) as haviam zelado (as Caldas de Monchique); mas foi o humilde Bispo quem mais as beneficiou, pois ao Santo e benemérito Bispo se devem: o conserto e melhoria da estrada do Banho e a construção de uma ponte chamada do Bispo, a plantação do olival em todo o vale sul do Estabelecimento, bem como a sementeira de pinheiros de que ainda hoje, há vestígios. Construiu quartos sobre a primeira enfermaria dos homens e disciplinou os empregados do banho”¹⁷⁰.

Dizia Batista Lopes sobre o Bispo:

–“Além dos reparos e novas acomodações que fez no hospital propôs-se aumentar ainda mais o edifício, para o que tinha mandado juntar materiais. Comprou também propriedades que muito melhorou e ao Estabelecimento fez aplicar o produto do que rendiam”¹⁷¹.

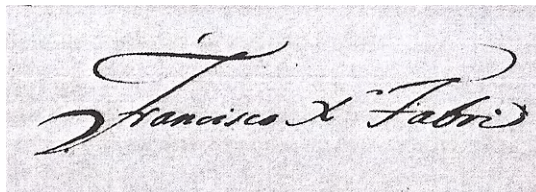
É pois a constatação no terreno das necessidades de reconstrução daquilo que o terramoto destruiu que levou o Bispo Avelar, servindo-se dos contactos havidos com intelectuais italianos, a convidar Fabri a vir para o Algarve.

¹⁷⁰ Júnior, José Cabrita; *O bispo santo D. Francisco Gomes do Avelar*; 1940: citado em Costa; 1957; pag 21.

¹⁷¹ Lopes, Batista; *Memórias para a Historia Eclesiástica do Bispado do Algarve*: citado em Costa; 1957; pag 21.

9. Francisco Xavier Fabri:

Vida, obra e papel no conjunto.

A rectangular image showing a handwritten signature in black ink on a light-colored, textured background. The signature is written in a cursive style and reads "Francisco X. Fabri".

Francesco Saverio Fabri nasceu em Medicina a 12 de Janeiro de 1761, filho de Giovanni Battista Fabri e Antónia Capucci. Veio para Portugal em 1790 onde viria a falecer na rua de S. João de Deus, freguesia de Santos-o-Velho, em Lisboa a 23 de Outubro de 1817¹⁷² Casou em Lisboa com Francisca Xavier Barbara de Sousa Vieira, filha do sargento-mor Carlos António Ferreira, mestre de equitação da Casa Real e do Conde de Óbidos, em 10 de Fevereiro de 1799¹⁷³.

Francesco Fabri estudou em Bolonha na célebre Academia Clementina, um estabelecimento criado para a formação de artistas, pintores, escultores, arquitectos. Era uma escola de muito prestígio na época que tinha uma tipografia própria aonde se imprimiram em primeiro lugar os tratados de Serlio e Vinhola. Nesta Academia, além de Fabri, estudou entre 1769 e 1778 um português, com o qual, por coincidência, viria a trabalhar em Portugal, nomeadamente no Palácio da Ajuda: José da Costa e Silva (1747-1819).

Vem para Portugal, para o Algarve, entrando em Tavira no dia 1 de Novembro de 1790, com direcção a Faro; o que se encontra documentado pela relação das pessoas ‘desconhecidas’ que entraram em Tavira nesse mês¹⁷⁴.

Inúmeras foram as obras deste arquitecto quer em Itália quer em Portugal, e cá, quer no Algarve, primeiramente, quer depois em Lisboa. Interessante nos parece a quase simples enumeração dada a sua diversidade e importância pelo que aqui deixamos um apanhado:

¹⁷² Carvalho; 1979; pag 89.

¹⁷³ Carvalho; 1979; pag 86.

¹⁷⁴ Carvalho; 1979; pag 88.

Obras:

Em Itália:

Antes de vir para Portugal realizou diversas projectos, alguns dos quais premiados¹⁷⁵, e outros prenúncios ou ensaio de obras que viriam a ter congéneres em Portugal

-1784-1790: Ospedale di S. Maria del Suffragio – projecto hospitalar pioneiro na carreira de Fabri, mas que mercê de vicissitudes várias, ficaria incompleta e que nunca se viria a acabar; teve a sua primeira pedra lançada em 29 de Abril de 1789¹⁷⁶. (vide Documento nº 7)

-1784-1790: Altar de Nossa Senhora da Boa Morte (1784-1790) que apresenta semelhança ao altar da Capela do Palácio da Ajuda¹⁷⁷.

¹⁷⁵ -1782: desenho de um templo funerário “Pantheon” – Prémio Fiori desse ano (Rimondini; 1979; pag 89).

-1783: – Prémios: Marsigli-Aldrovandi – projecto para a fachada de um Magnífico Teatro e Fiori para o Mausoléu do General (Rimondini; 1979; pag 90-92).

-1784: desenho de um projecto de Palácio Prémio Fiori desse ano (Rimondini; 1979; pag 95).

-1788: projecto de uma Alfândega Marítima – prémio Marsigli-Aldrovandi desse ano (Rimondini; 1979; pag 103).

¹⁷⁶ Idem; pag 97.

¹⁷⁷ Idem; pag 88.

Em Portugal:

1. No Algarve:

-A Igreja de Santa Maria do Castelo de Tavira (?-1800¹⁷⁸)¹⁷⁹: este ‘espaço’ religioso tem uma evolução temporal assaz interessante. Aquando da tomada de Tavira aos Mouros pelos Cavaleiros de Santiago este ‘espaço’ talvez tenha sido a mesquita maior, e numa lógica de reutilização dos espaços, esta foi reconvertida num templo cristão dando lugar o minarete à actual torre do relógio. Com o terramoto de 1755, o corpo da então igreja gótica de três naves, quatro tramos e cobertura de madeira, foi destruído; a atestar tal facto temos a transferência da paróquia para a Misericórdia por impossibilidade física de Santa Maria. Vale a pena referir que, tendo o terramoto destruído bastante do conjunto das Igrejas algarvias, as limitadas finanças de D. Francisco Gomes de Avelar apontavam para uma contenção de custos nas obras. Foi isso que notavelmente Fabri fez, preservando num sentido patrimonialista as preexistências. A sublinhar este facto temos o portal gótico mendicante respeitado na sua traça original, mas propondo para a fachada sul um portal de gosto neoclássico, de desenho bem aparente no retrato oficial do bispo seu empregador (retrato de autoria de Joaquim Rasquilho). A fachada mostra os três corpos correspondentes às três naves

¹⁷⁸ Fernandes; 2000; pag 116.

¹⁷⁹ Correcto seria deixar aqui a datação correcta para a campanha de obras de Fabri mas nem Carla Varela Fernandes, com monografia sobre esta igreja, nem Isabel Macieira abordando o assunto no seu livro sobre Pintura Sacra apresentam balizas cronológicas estreitas, antes referem apenas a sacração pelo Bispo Gomes de Avelar em 1800.

interiores: o central mais elevado delimitado por duas pilastras e encimado por um frontão triangular¹⁸⁰.

Refere a este propósito Horta Correia que consolidando as paredes exteriores maltratadas pelo terramoto conseguiu manter as capelas interiores de estilos diversos e manter o portal ogival¹⁸¹. É segundo o mesmo autor provavelmente a mais paladiana igreja portuguesa e das melhores obras do arquitecto¹⁸².

-Seminário em Faro (1789-1816):

A construção deste edifício representa mais do que a simples edificação de um projecto deste arquitecto, antes deve ser antes olhada como uma grande intervenção urbanística, pois a ligação a noventa graus do Seminário com o Paço quinhentista irá definir perenemente a forma e dimensões do Largo da Sé. A integração do conjunto será feita quer pela homogeneidade da sua volumetria e dimensão dos vãos barrocos quer pela uniformidade das coberturas: os bem expressivos telhados de tesoura.

O edifício do Seminário tem ao centro uma porta de entrada principal encimada por janela de sacada, fazendo lembrar portões pombalinos que Fabri teria certamente visto em Vila Real de Santo António, como escreve a propósito Horta Correia¹⁸³. Nele poderemos apontar exteriormente os dois curiosos lanternins e no interior o mesmo

¹⁸⁰ Correia, Horta; 2006; pag 378.

¹⁸¹ Correia, Horta; 1996; pag 95.

¹⁸² Idem.

¹⁸³ Correia, Horta; 1996; pag.93.

autor ressalta “a expressividade das abóbadas assentes sobre pilares no piso térreo e a utilização de reixa algarvias no sistema de ventilação no quarto dos seminaristas”¹⁸⁴

-Igreja da Misericórdia de Faro (1795-1815): esta obra dada a sua importância no contexto do presente trabalho será abordada no capítulo seguinte.

-Ermida de São Luís: recuperada com arranjo neoclássico apresenta frontão triangular com óculo e acrotério¹⁸⁵; o retábulo principal, datado de 1806, é atribuído por Francisco Lameira a F.X. Fabri: neoclássico, devocional a um só tema de corpo único e um só tramo¹⁸⁶.

2. Em Lisboa:

-Palácio dos Castelo-Melhor traçado por Reynaldo Manuel dos Santos por volta de 1764, com início de obras em 1777 e que mereceu por parte de Fabri uma renovação da sua fachada em estilo Neoclássico¹⁸⁷. José Sarmiento de Matos no seu artigo sobre o Palácio de Castelo-Melhor (In Monumentos nº11), escreve a dado passo que “o edifício actual, geralmente atribuído à iniciativa deste 2º Marquês e desenhado por Francesco Saverio Fabri (ou Francisco Xavier, aportuguesando-lhe o nome de baptismo) partiu de uma preexistência”¹⁸⁸. No entanto poder-se-á achar uma datação para este plano: 1769.

-Cemitério de Campo de Ourique: a Fabri se deve o primeiro cemitério urbano lisboeta: o de Campo de Ourique, delineado em moldes higienistas e modernos; foi

¹⁸⁴ Idem ; pag 94.

¹⁸⁵ Idem, pag. 96.

¹⁸⁶ Lameira; 2007; pag 137.

¹⁸⁷ Carvalho; 1979; pag.97.

¹⁸⁸ Matos; 1999; pag 16.

começado a construir em 1796. Cabe aqui uma pequena nota em relação à cultura enciclopédica de Fabri: a referência que lhe faz Ayres de Carvalho, à sua preocupação higiénica de sepultar os cadáveres em terra, em locais próprios (cemitérios) e não nas Igrejas¹⁸⁹.

-Teatro Romano: as preocupações patrimonialistas de Fabri ficam bem atestadas com o seu relatório sobre o Teatro Romano, descoberto em Lisboa, junto à rua da Saudade. Datado de 16 de Março de 1799 nele diz ao rei “no caso de querer S. Majestade conservar o antigo Monumento no mesmo lugar, em que se achou, sou de parecer, que se compre o Terreno, e a Parede dos Edificantes; e se torne a colocar outra vez no seu lugar parte das Pedras da Inscrição, que se tirarão para fora”¹⁹⁰. Infelizmente as Invasões francesas e as pressões imobiliárias fizeram cair no esquecimento estas nobres preocupações.

-Hospital da Marinha: D. Rodrigo de Sousa Coutinho é nomeado Ministro da Marinha por morte de D. Martinho de Mello e Castro, e para a remodelação do Hospital da Armada Real chama Fabri para o executar em moldes modernos e actualizados¹⁹¹. Nesse sentido foi mandado erigir por Alvará Real de 27 de Setembro de 1797¹⁹². Neste caso o maior desafio estava no desnível do terreno o que leva Rimondini a escrever “...Esta obra de Fabri tem um notável valor urbanístico unindo o edifício aos diversos

¹⁸⁹ Carvalho; 1979; pag. 139

¹⁹⁰ Carvalho; 1979; pag 153

¹⁹¹ Carvalho; 1979; pag 55

¹⁹² in Documentos para a História da Arte em Portugal. Arquivo Histórico Ultramarino – Núcleo de pergaminhos e papéis dos Séculos XVII a XIX.

desníveis da praça e da estrada...”¹⁹³ Seguramente que Coutinho não deixou de ter em conta os projectos hospitalares italiano (Medicina) e português (Faro) de Fabri...

-Um lugar à parte merece a referência ao Palácio da Ajuda de construção iniciada em Março de 1795 com projecto de Manuel Caetano de Sousa (1742-1802)¹⁹⁴ nascido e criado na Escola de Mafra. Foi-lhe retirada a direcção da obra sendo a mesma suspensa por decreto real a 21 de Janeiro de 1802.¹⁹⁵ É recorrente dizer-se que Caetano de Sousa terá morrido face á notícia do seu afastamento. Nesse sentido apontam algumas referências bibliográficas...¹⁹⁶

Em Novembro de 1801, é decidida uma reavaliação da obra, quer por via dos seus custos, quer por via do estilo, sendo disso encarregados além de José da Costa e Silva o próprio Francisco Xavier Fabri.¹⁹⁷ (ver também Documento nº 10) Em 26 de Junho de 1802 são nomeados “Arquitectos Gerais “ das Obras Publicas “com obrigação de delinearem e fazerem executar o novo Palácio Real no sítio da Nossa Senhora da Ajuda, na forma e no modo que se acha determinado”¹⁹⁸.

¹⁹³ Rimondini; 1979; pag 129.

¹⁹⁴ Pinho; 2002; pag 13

¹⁹⁵ Carvalho; 1979; pag 19.

¹⁹⁶ Carvalho; 1979; a pag 19 diz textualmente: “ A indignação de Manuel Caetano foi tal e o seu desgosto tão grande por lhe tirarem a obra, que de uma discussão com o ministro D. Rodrigo de Sousa Coutinho, resultou a sua morte no próprio Paço de Queluz”. No entanto a pag. 58 já nos dá versão diferente : “Manuel Caetano não resistiu aos insultos e acusações de D. Rodrigo e nesse mesmo instante deve ter caído fulminado na própria sala do Trono onde fora recebido”

¹⁹⁷ Pinho; 2002; pag.135.

¹⁹⁸ Carvalho; 1979; pag 156

Fabri nutre a ideia de transformar, aumentando o Palácio da Ajuda para uma dimensão que Costa e Silva acham desmesurada pelos custos que iria acarretar. Nesse sentido, os acrescentos e demolições serão diminuídos no sentido de um maior reaproveitamento do que já se encontra edificado, mantendo-se de perto as dimensões de Caetano de Sousa. Embora Costa e Silva e Fabri sejam ambos oriundos da Academia Clementina e habituados a projectos grandiosos, aquele neste caso foi manifestamente mais contido que este. Mas reunidos consensos, as obras irão ter lugar a partir de 1804 a 1807, data em que estando a Família Real no Brasil, e, apesar da intromissão dos invasores franceses, as obras vão diminuindo de ritmo até pararem (26 de Agosto de 1809). Quando, a 8 de Novembro de 1813, as obras são reiniciadas, já Costa e Silva não se encontra em Portugal e será o Visconde de Santarém em conjunto com Fabri, e mais dois ajudantes (Gayão e Rosa), que asseguram a direcção da obra¹⁹⁹. É neste contexto que Fabri vem a falecer, em 1817 numa altura em que fervilhavam intrigas palacianas e misteriosos desaparecimentos de esquisos seus.

Outras obras a ele se devem, tendo deixado um pouco por toda a Lisboa, um testemunho do seu génio²⁰⁰.

¹⁹⁹ Pinho; 2002; pag 15 e 16.

²⁰⁰ -Os novos Armazéns para a Alfândega do Porto Franco por redução (sic) do Forte da Junqueira. Alterações no nível das águas do Tejo levaram a que não tivesse o préstimo para o qual tinha sido construído pelo que dele hoje nada resta sendo o local sede de outras ocupações (Carvalho; 1997; pag 140)

. -Torre de S. Julião da Barra: obras para dar mais 'comodo aos degredados enquanto não embarcam para os presídios de África e Ásia, datados de 1805 (Carvalho; 1997; pag161).

Do reconhecimento público, em vida, da valia da sua obra, poderemos lembrar que em 30 de Maio de 1804 é nomeado pelo príncipe, em face do assentamento das seis colunas da Porta do Palácio Real, cavaleiro da Ordem de Cristo²⁰¹.

-Paço Real de Sintra: obras para reabilitar a ruína post-terramoto, em 1809 (Carvalho; 1979; pag 161).

-Túmulo do Príncipe de Waldeck em que na parte escultórica há a colaboração de Machado de Castro e seus colaboradores. Interessante referir que este príncipe general terá vindo ao Algarve cumprimentar o Bispo F. Gomes Avelar; assim se acha escrito no artigo da Vigararia de Monchique num artigo publicado por ocasião do centenário do seu falecimento (S. A. Memória (...); 1916; pag 131).

-Trono com dossel e balaustrada para o Príncipe Regente em 1800, para ficar no Palácio das Necessidades onde o Príncipe Regente dava audiência (Carvalho; 1979; pag 129).

-A última obra que se deve a Fabri foi o levantar da forca do General Gomes Freire de Andrade, a 18 de Outubro de 1817, cinco dias antes de morrer (Carvalho; 1979; pag 137).

²⁰¹ Carvalho; 1979; pag 85.

10. A campanha de Fabri no conjunto da Misericórdia

Farense

Com o terramoto de 1755, a Igreja e a Casa da Misericórdia ficaram muito danificadas tendo o culto sido transferido para outro edifício, “uma casa na Rua Nova do Pé da Cruz”, até poder voltar a realizar-se no templo que lhe pertencia²⁰².

Ao contrário do que sucedeu com a Igreja e a Casa da Misericórdia, o Hospital não terá sofrido muito com o terramoto (de 1755), pois, pelo livro de admissão, vê-se que recebeu doentes nos dias que imediatamente se seguiram ao 1º de Novembro²⁰³. No entanto, quando da chegada a Faro de D. Francisco Gomes de Avelar, “o Hospital da Misericórdia de Faro não era mais que uma pobre casa com duas estreitas enfermarias, muito abafadas, e que mais serviam para comunicar doenças do que para as curar”(sic)²⁰⁴... Por isso, o Bispo, numa perspectiva de futuro, fez incorporar no património da Misericórdia casas de D. Catarina Fonseca Henriques e do capitão Manuel Roiz Correia, dando uma dimensão suficiente ao espaço edificável, de forma que século e meio depois ainda era **Q** Hospital da cidade.

Quantas vezes esquecidos investigadores portugueses, neste caso médico de renome europeu, Ribeiro Sanches de seu nome²⁰⁵, contemporâneo de Fabri, deixa escrita obra²⁰⁶ onde preconiza que os hospitais devem ter janelas rasgadas (para boa ventilação), o andar térreo ser de serviços ou de habitação do pessoal e os outros

²⁰² Pinto; 1968; pag 22.

²⁰³ Idem.

²⁰⁴ AAVV; Memória (...); 1916;pag 133.

²⁰⁵ Nomeado médico da Imperatriz da Rússia em 1740: in *Ribeiro Sanches-Obras*; vol. II; 1966; pag 10.

²⁰⁶ Referencia ao Tratado da Conservação da Saúde.

andares para os doentes²⁰⁷, dando destes factos exposição detalhada. Apenas aqui queremos deixar coincidência de obra escrita e edificada, pois Fabri realiza um hospital em que estes princípios estão presentes.

Fabri irá fazer uso do espírito construtivo hospitalar da época, com predomínio de dependências administrativas ou de cariz alheio à saúde no andar térreo e internamento no andar superior. Desta forma pode-se constatar que já no século XX, quando após múltiplas obras terem sido levadas a cabo, ainda se mantinha o internamento preferencial fora do andar térreo. Com uma planta perfeitamente adequada ao fim a que se destina, e não uma costumeira adaptação de um edifício conventual a funções hospitalares²⁰⁸, temos o nosso Hospital.

No que diz respeito ao Hospital da Misericórdia de Faro temos então que analisar os factores intervenientes na época: um bispo culto, viajado, recém-chegado a uma região periférica, pobre e com sequelas graves de um terramoto recente nas múltiplas igrejas e outros edifícios danificados, e, acima disso, a existência de um velho Hospital a precisar de alargamento e modernização.

Em função disso, D. Francisco Gomes de Avelar resolve convidar através dos seus contactos italianos, um arquitecto jovem com boas credenciais académicas (tinha ganho diversos prémios da Academia Clementina de Bolonha): Francesco Saaverio Fabri (ver Documento nº 3). E recordando Horta Correia, Fabri não vem para construir

²⁰⁷ Sanches; 1996; pag 256 e 305.

²⁰⁸ Rosa; 1984; pag. 49.

uma catedral mas para um conjunto imenso e urgente de obras que o seu programa de governo iluminista lhe impunha²⁰⁹.

Assim em 1790 chega a Faro e é-lhe proposto o projecto de um novo Hospital da Misericórdia. Quais serão os seus condicionantes?

O terreno tem uma igreja de planta centralizada (cruz grega), ao qual o hospital deverá ficar anexo, como era habitual nos Hospitais de Misericórdia. Apesar de o Bispo ter comprado os citados terrenos com casas anexos havia limitações de expansão tais como: a Norte o arruamento separador do hospital à alfândega, a Poente a praça da Rainha e a Sul a igreja da misericórdia.

Com o desenvolvimento urbano já havido era importante a frente hospitalar quedar virada para a praça da Rainha, e daqui que se impunha o alinhamento e unificação de frontarias.

²⁰⁹ Correia; 1996; pag 93.



Mapa da Cidade de Faro em 1872

Ilustração 84: Mapa da cidade de Faro em 1872 (Hospital da Misericórdia construído).

In Santos; 1997; pag 7.



Ilustração 85: Pormenor da imagem anterior.

In Santos; 1997; pag 7.

Com estes condicionantes o arquitecto vai construir um hospital com limites definidos para Norte e para Sul.

Para Poente alinha a fachada com a da igreja na frente da praça. Neste sentido, cria mais um corpo lateral à Igreja da Misericórdia, fechando o quadrado estrutural em que se inseria a sua planta de cruz grega, com a qual foi fundada.

Faz-lhe seguir uma arcada com arcos de volta perfeita, que daria acesso a um pátio interior, através de uma portaria central. No topo nascente desta galilé, cria uma porta de acesso à sacristia.

Desta forma o edifício estende-se para nascente através de um claustro impositivo, mas semelhando fortemente $\frac{1}{4}$ do famoso *Ospedale Maggiore de Milano*, de Filarete. Este Hospital da sua Itália natal continua ainda nesta época, a ter a planimetria de referência, no modo construtivo. No Hospital de Faro mantinham-se os

dois pátios interiores, mas dada a exiguidade do espaço, só haveria lugar para um dos torreões limitadores da fachada, que neste caso seria ocupado pela Igreja.

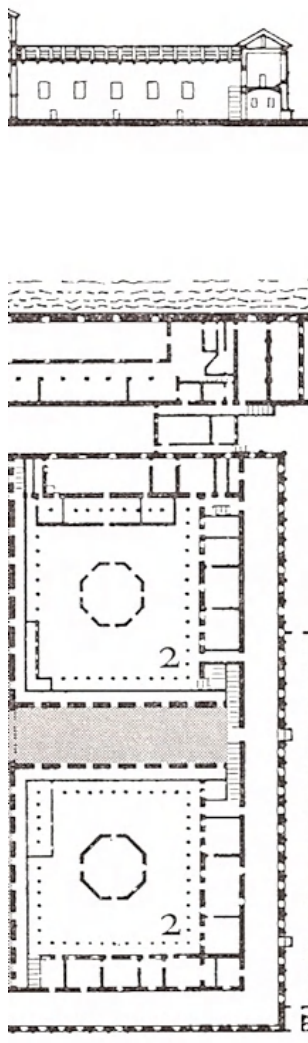


Ilustração 86: Parte da planta do Ospedale Maggiore de Milão apresentado acima no texto.

A fachada poente virada para a praça da Rainha mostra três pisos, sendo o inferior desenhado por nove arcos de volta perfeita sobre pilares rectangulares que dão acesso pelo seu interior ao núcleo central do edificio. Globalmente como foi referido, trata-se de dois conjuntos quadrangulares unidos entre si por um lado comum delimitando dois pátios interiores.

Importante referir um tecto de reixa no 2º andar que servia para ventilação,

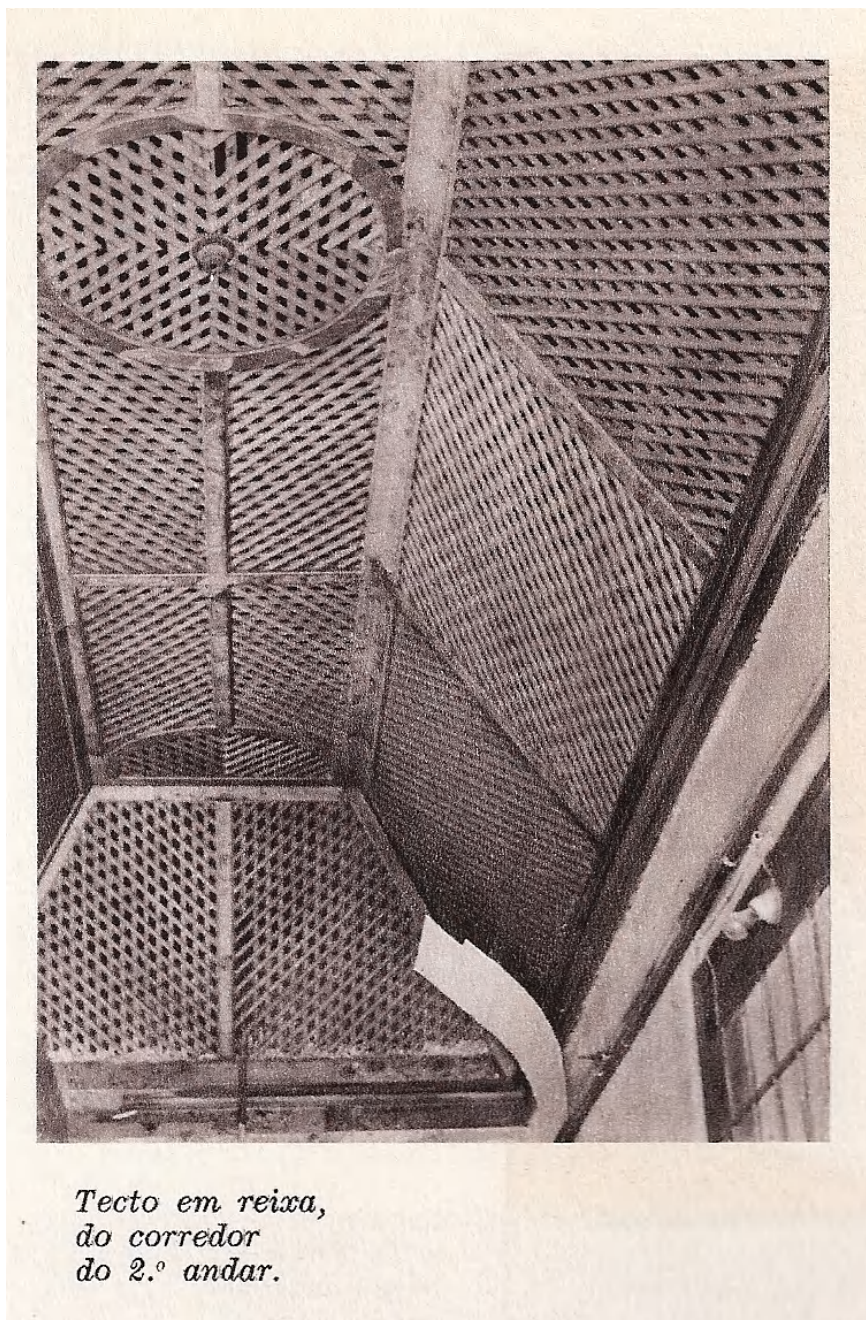


Ilustração 87: Tecto em reixa de inspiração algarvia.

In Pinto; 1968; pag 42.

e existência de um pequeno corredor sobre uma balaustrada que servia para vigilância dos doentes pela enfermagem no caminho de ronda.



Ilustração 88: Enfermaria das Mulheres.

In Pinto: 1968; pag 42.

No que diz respeito à divisão dos espaços interiores não podemos fornecer muitos dados com suporte documental, no entanto com base de plantas posteriores, poderemos admitir a existência de duas grandes enfermarias perpendiculares entre si e uma delas com abertura para o interior da igreja; aliás recentemente fechada.



Ilustração 89: Interior da Igreja da Misericórdia de Faro²¹⁰.

Foto do Autor.

²¹⁰ Imagem captada no interior da Igreja da Misericórdia de Faro com vista do lado do Evangelho onde por cima da porta de acesso á sacristia se vê, de forma quadrangular, o vão existente que fazia comunicação com a Enfermaria das Mulheres.



Ilustração 90: Pormenor do referido vão de ligação á Enfermaria das Mulheres.

Foto do Autor.

Hoje, profusamente adulterado com sucessivas obras que no final do século XX tentam adequar partes da obra de Fabri às necessidades de momento. Tal facto não mereceria reparo se continuasse a permitir a leitura desta peça do nosso Património o que não se verifica. Se acrescentar a isso a falta de um arquivo organizado... (apenas alguns documentos dispersos podem ser encontrados e não um conjunto que permita uma leitura correcta da história da instituição).

Remetemos para os Documentos anexos as plantas de pormenor conseguidas do Hospital (vide Documento nº 11).

Tanto quanto é perceptível nos desenhos de Sande de Vasconcelos, antes da construção do Hospital da Misericórdia, a fachada da Igreja era de um único pano, com um portal de pilastras, sendo os cantos do edifício recortados, traduzindo exteriormente a cruz grega interior. Este *Plano*, sendo anterior (1795) à edificação do Hospital da Misericórdia (1795-1815) por Fabri, dá-nos uma noção precisa das pré-existências em redor da Igreja da Misericórdia de Faro. Por outro lado também nos mostra o espaço disponível para a edificação de um hospital que sendo da Misericórdia teria de ficar ligado à igreja (vide também Documento nº 9).

Analisando estes factos parece-nos evidente que Fabri alinhou a sua frente de Hospital com a frontaria da igreja dando-lhe continuidade com mais um corpo lateral. Neste corpo lateral criou-lhe de forma semelhante ao corpo central, um vão no primeiro andar, rectangular de maior eixo vertical, encimado por frontão triangular, tendo o vão do andar inferior também o mesmo frontão triangular de inspiração neoclássica. Só mais tarde se fará a simetria da fachada de conjunto da Misericórdia, com a criação de um outro corpo lateral, no qual se criaram vãos idênticos aos anexos ao Hospital.

A evolução da fachada é bem patente com a sequência das ilustrações 92,95 e 96, que a seguir apresentamos.



Ilustração 91: Plano de Faro de Sande Vasconcelos.

(Vasconcelos, José Sande; Plano do terreno que circunda o armazém da pólvora construído nos subúrbios de Faro. Biblioteca Nacional; CDU 914.696.01 (084.3)^{211, 212}).

(ver também Documento nº 8)

²¹¹ Trata-se uma representação de data bem próxima da edificação do Hospital da Misericórdia de Faro por Francisco Xavier Fabri e que pelos planos de pormenor obtidos, não evidenciam a existência de nenhum Hospital com frontaria parta a praça da Rainha...

²¹² Este *Plano* que foi recentemente adquirido pela Biblioteca Nacional encontra-se em mau estado e por isso a sua localização é a dos reservados; como não possuía digitalização fomos nós



Ilustração 92: Pormenor do plano de Faro de Sande Vasconcelos²¹³.

próprios que a solicitamos e aqui apresentamos. Para tanto indispensável a dedicação da Dra. Joaquina Feijão a quem muito agradecemos.

²¹³ Esta ilustração sendo anterior à edificação do Hospital da Misericórdia (1795-1815) por Fabri, dá-nos uma noção precisa das preexistências em redor da Igreja da Misericórdia de Faro.

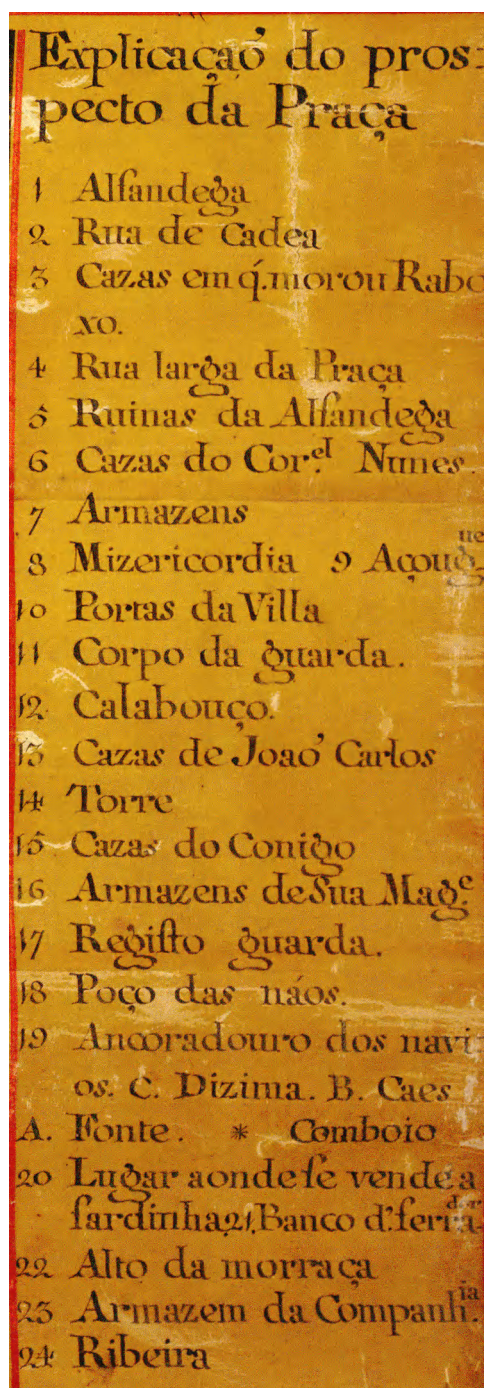


Ilustração 93: Pormenor do Plano de Sande Vasconcellos²¹⁴

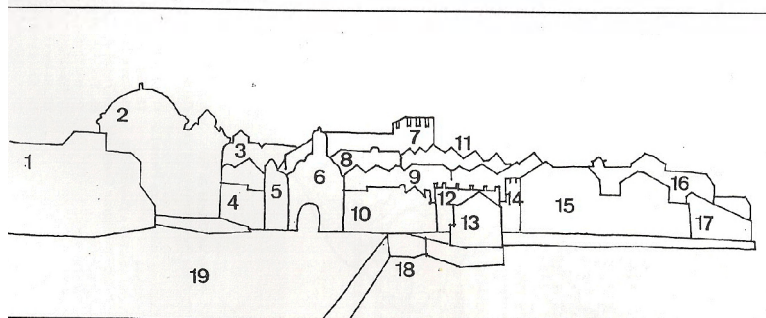
²¹⁴

Este pormenor dá-nos a legendagem do Plano de Faro de Sande Vasconcellos



59. Gravura - Vista da Praça da Cidade de Faro no Reino do Algarve . Novembro de 1793

60. Esquema explicativo da gravura anterior



1. Hospital da Misericórdia
2. Igreja do Espírito Santo
3. Convento das Freiras
4. Assougue
5. Capela de N.ª Sr.ª do Ó
6. Porta da Vila
7. Sé
8. Casas da Câmara
9. Casas do Enviado da Rússia
10. Corpo da Guarda
11. Paço Episcopal
12. Varanda
13. Registo
14. Torreão
15. Casas da Mitra
16. Seminário
17. Armazém e Torreão
18. Cais
19. Praça da Rainha

Ilustração 94: Vista de Faro em 1793²¹⁵.

In Paula; 1993; pag 85²¹⁶.

²¹⁵ Há uma ilustração apresentada na documentação anexa (Documento nº), bastante semelhante a esta, com a datação de 1780, mas de melhor qualidade no que diz respeito á Igreja da Misericórdia.

²¹⁶ Em função do mapa de Faro de autoria de Sande Vasconcelos e no qual o próprio faz a legendagem parece-nos carente de suporte valido a atribuição do nº 1 a esta legenda visto que não há correspondência entre as atribuições e o hospital da Misericórdia, que sendo de edificação posterior não pode ter esta correspondência... De resto Rosa (Rosa; 1990; pag 20) num trabalho intitulado *Gente de Faro em 1711* refere especificamente na linha 28 o Hospital de João Dias...



74

- '4. Gravura da Praça da Rainha, em Faro . Revista *Ocidente*, 1884
- '5. A Doca de Faro nos finais do séc. XIX
- '6. Gravura da Igreja de N.º Sr.º do Carmo . Revista *Ocidente*, 1885
- 7. Procissão da Santa Infância

Ilustração 95: Faro, Praça da Rainha 1884.

In Paula; 1993; pag 96.

Se analisarmos a figura anterior datada de 1884 e a seguinte datada (eventualmente...) de 1910, então teremos uma baliza cronológica entre essas datas para a construção do Recolhimento anexo à Igreja; pois é claramente visível o acréscimo de dois panos na fachada da Misericórdia. Um corresponde a simetrização com o construído por Fabri quando fez o Hospital: pequeno espaço quadrangular, fechando o recorte da inicial planta de cruz grega da Igreja. O outro mais para a sul, adossado a este primeiro e fronteiro ao Arco da Vila corresponde, então, ao Recolhimento.



Ilustração 96: Praça da Rainha 1910(?)²¹⁷.

In Paula; 1993 pag 109.

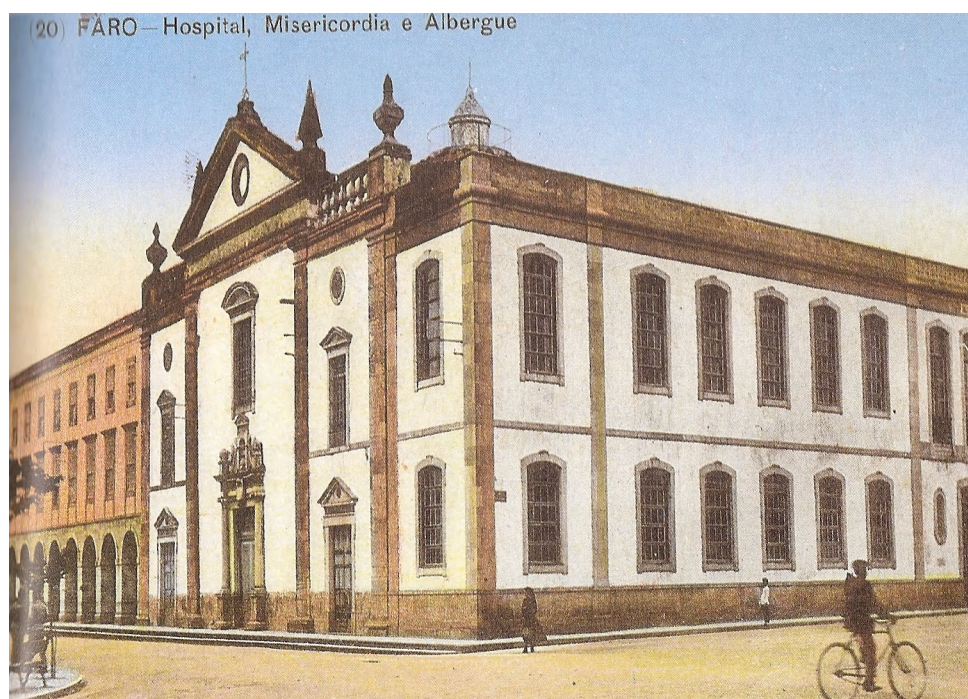


Ilustração 97: Conjunto da Misericórdia no início do Século XX (Hospital, Igreja e Recolhimento).

In Paula; 1993; pag 121.

²¹⁷ Igreja da Misericórdia de 3 panos. A datação aqui aposta no Postal ilustrado encontra-se no livro de Rui Paula: *Faro- Evolução Urbana e Património* não tendo sido possível confirmá-la numa obra específica de José Passos: *O Bilhete-Postal Ilustrado e a História Urbana do Algarve*.

Se cronologicamente seguirmos para a planta do conjunto retractada no quadro póstumo de D. Francisco Gomes de Avelar existente na Misericórdia Fareense aí encontramos o Bispo segurando o projecto da Misericórdia em que está bem patente o Hospital exteriormente igual ao que o conhecemos hoje, e a representação da igreja apenas com frontaria de dois panos com decoração exterior também semelhante ao que hoje apresenta.



Ilustração 98: Retrato póstumo do bispo D. Francisco Gomes de Avelar²¹⁸

Foto do Autor.

²¹⁸ O quadro pertença da Santa Casa da Misericórdia de Faro é de autoria de Vicente Bianchini e como se reconhece na ilustração seguinte, de pormenor, foi concluído em 30 de Maio de 1817 e nele apresenta como data de falecimento do Bispo 16 de Dezembro de 1816.

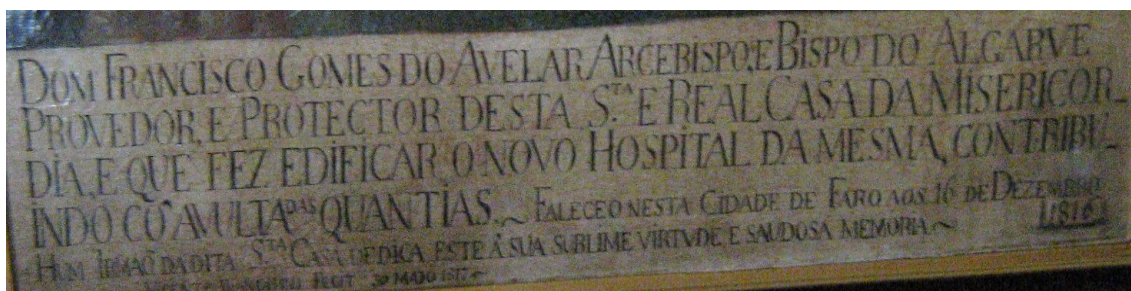


Ilustração 99: pormenor da ilustração anterior.

Foto do Autor.



Ilustração 100: Conjunto da Misericórdia - 2008.

Foto do Autor.



Ilustração 101: Conjunto da Misericórdia - 2008.

Foto do Autor.



Ilustração 102: Hospital + Misericórdia de Faro.

Foto do Autor.



Ilustração 103: Interior da arcaria frontal – 2008.

Foto do Autor.

Como nota final de análise à problemática das construções hospitalares e da sua tipologia, queremos aqui deixar nota de que sendo a sua tipologia durante largo tempo uma adaptação da forma construtiva às necessidades médicas contemporâneas, com a constante evolução do saber médico as suas necessidades específicas vêm na centúria de oitocentos a dar lugar a edificações singulares e reveladoras de um avanço científico recheado de novos pressupostos²¹⁹. Pela sua diversidade e pequena divulgação deixo

²¹⁹ cf. Mary Lindemann em *Medicina e Sociedade no início da Europa Moderna* que diz nomeadamente na pag. 121: “(...) só no final do séc. XVIII é que a melhoria na construção, nos cuidados de enfermagem e na prática médica começaram a transformar os hospitais em instituições de ensino de Medicina, de cuidados médicos e de cura. Considera-se que grandes passos para esta evolução foram

referência ao Hospital de Santo Isidoro das Caldas da Rainha (1888-1893), obra do seu administrador Rodrigo Maria Berquó arquitecto de formação que usando um sistema desenvolvido em França por Tollet deu primazia à desinfecção pela ventilação e fumigação²²⁰. Ribeiro Sanches curiosamente, em 1760, faz referência nas suas obras e de uma forma detalhada a um sistema idêntico²²¹. Estávamos pois a caminhar num sentido próprio: eram os antibióticos que estavam a chegar, eram os progressos da anestesia que iriam determinar especificidades construtivas evidentes. Não é de estranhar, pois, que o Hospital da Misericórdia de Faro venha a conhecer a primeira grande campanha de obras de remodelação interna nos anos vinte do século homónimo.

dados com a introdução do ensino de cabeceira, no séc. XVIII, e com a ascensão da Medicina clínica, baseada na anatomia patológica e na patologia na década de 1790. Os grandes passos que se seguiram foram dados com as descobertas bacteriológicas, a meio e final do séc. XIX, e com os primeiros protocolos sobre *anti-sepsiae* depois *assepsia*, perto do final do mesmo século. Igualmente importante para o avanço da cirurgia foi, obviamente, a descoberta da anestesia pelo éter, em 1846.(...)”:

²²⁰ Mangorrinha, Jorge e Serra, João B.; *O Hospital de Santo Isidoro*; Caldas da Rainha; Património Histórico, grupo de Estudos; Cadernos de História local, pag. 27, linha 14 (diz o Arq. Berquó)” é de todos conhecidos que o melhor agente de destruição dos micróbios é o calor, sendo mais poderoso quando for acompanhado pela chama. O fumo parece ter também um papel importante na desinfecção, porque destrói micróbios alojados em pontos onde a desinfecção directa dificilmente se pode fazer” (...). O fogo era produzido nas fornalhas existentes nas caves e propagava-se pelas paredes duplas com caixa-de-ar, abertas inferiormente para o exterior.

²²¹ “(...) pello fogo, fornos, ou chimines, se inventar vento artificial dentro de cada enfermaria,(...)” in Sanches; 1966; vol. II, pag 255 e seg.

11. Conclusões

Estudando o conjunto da Misericórdia de Faro podemos encontrar um conjunto de factos interessantes quer da nossa história Hospitalar quer do Património de todos nós. Assim:

A sua origem conhecida de um Hospital em Faro leva-nos até D. Manuel I e até à data de 1501 a João Dias. Esse hospital de João Dias mantém-se até 1795, data da construção de um novo por Francisco Xavier Fabri, por encomenda do Bispo da altura D. Francisco Gomes de Avelar.

Quanto a nós o Hospital de João Dias de andar térreo e 1º andar localizar-se-ia por detrás da actual Igreja da Misericórdia, estando ligado à primitiva Ermida do Espírito Sancto da forma que atrás deixamos exposto graficamente.

O Hospital da Misericórdia tem forma e volumetria condicionada pelo local e o arquitecto/autor (Francisco Xavier Fabri) tem em conta as preexistências mantendo-as, no essencial, embora fazendo algumas alterações. A estrutura geral do conjunto parece ser uma simplificação do esquema de Filarete para o Grande ‘Ospedale’ de Milão, ficando-se por ¼ da volumetria deste.

Estamos em presença de um dos poucos hospitais portugueses de estilo neoclássico construído de raiz a par do Hospital de Santo António do Porto e do Hospital da Marinha em Lisboa. As soluções formais aqui deixadas têm uma modernidade notável, pelo que só virá a precisar de obras de actualização/modernização no século XX²²². Na grande linha evolutiva da relação Igreja/Hospital já estamos em presença de uma volumetria maior para a vertente médica do conjunto, mas mantendo a comunicação entre os dois espaços.

²²² Pinto; 1968; pag. 23.

E, por último, como facto não menos interessante encontramos no decorrer deste trabalho uma datação para a fundação da Misericórdia Farensis anterior a 1554 e não 1583, como é geralmente aceite.

12. Bibliografia

AAVV; *A Misericórdia de Montemor-o-Novo: História e Património*; Montemor-o-Novo; Santa casa da Misericórdia de Montemor-o-Novo;

AAVV; *Documentos para a História da Arte em Portugal*; Lisboa; Arquivo Histórico Ultramarino: Núcleo de Pergaminhos e Papeis dos Séculos XVII a XIX: Maço 21; 1972.

AAVV; *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*; Lisboa; Editorial Enciclopédia; s. d.

AAVV; *Hospital de N^a S^a dos Pobres de Loulé*; (Publicação da C.M.L. aquando da Exposição de 2004- 20 Maio a 30 de Junho); Loulé; Divisão de Cultura e Património Histórico da Câmara Municipal de Loulé; 2004.

AAVV; *Hospital Real de Todos-os-Santos*; (Catálogo da exposição do 5º Centenário da sua fundação); Lisboa; Câmara Municipal de Lisboa; 1993.

AAVV; *Medicine in Literature and Art*; New York; Koneman; 1991.

AAVV; *Memória da Vigaria de Monchique*; In Memórias do 1º Congresso das Obras Catholicas do Algarve em Homenagem ao Sr. Dom Gomes de Avelar no 1º Centenário do seu falecimento (1816-1916); Faro; Typ. União; 1916; pags. 130-138.

AAVV; *O gosto “à grega”*: Nascimento do Neoclassicismo em França 1750 – 1775; Lisboa; Fundação Calouste Gulbenkian; 2008.

AAVV (Magalhães, Joaquim Romero de; Garcia, João Carlos; Flores, Jorge Manuel: coordenadores); *Tesouros da Cartografia Portuguesa*; Lisboa; Inapa; 1997.

ABREU, LAURINDA;

2008; *O papel das Misericórdias na sociedade portuguesa de Antigo Regime; in A Misericórdia de Montemor-o-Novo: História e Património*; Montemor-o-Novo; Santa Casa da Misericórdia de Montemor-o-Novo.

BEIRANTE, Maria Ângela;

1996; *A fundação do Hospital Real do Espírito Santo de Évora: seu contexto Histórico; in Actas do congresso comemorativo do V centenário da fundação do Hospital Real do Espírito Santo de Évora*; Évora; Hospital do Espírito Santo - Évora.

2008; *O ar da cidade (Ensaio de História Medieval e Moderna)*; Lisboa; Edições Colibri.

BRITO, Salustiano Lopes de;

1987; *Memórias Paroquiais da Cidade de Faro*; Separata dos Anais do Município de Faro n.º XVII, Faro; Câmara Municipal de Faro.

BUESCU, Ana Isabel; SOUSA, João Silva de; MIRANDA, Maria Adelaide;

2006; *O Corpo e o Gesto na Civilização Medieval*; Lisboa; Edições Colibri.

CAETANO, Eduardo;

2002; *O internamento em hospitais (Elementos tecnológicos)*; Lisboa; Fundação Calouste Gulbenkian.

CALATRAVA, Juan;

1999; *Arquitectura y Cultura en el siglo de las Luces*; Granada; Editorial Universidad de Granada.

CANCIO, Francisco;

1955; *O Paço de Madeira*; Coimbra; Instituto de Coimbra e do Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia.

CARDINI, Franco;

1991; Retrato de um Continente há quinhentos anos – Europa 1492; Lisboa; Editorial Verbo.

CARMONA, Mário;

1954; *O Hospital Real de Todos-os-Santos*; Porto; Imprensa Portuguesa.

CARVALHO, Augusto da Silva;

1939; *Memórias das Caldas de Monchique*; Lisboa; Edição da Comissão Administrativa das Caldas de Monchique.

CARVALHO, Ayres de;

1979; *Os Três Arquitectos da Ajuda* (do “rocaille” ao neoclássico); 1997 Lisboa; Academia Nacional de Belas Artes.

CARVALHO, Sérgio Luís;

1989; *Cidades Medievais Portuguesas*; Lisboa; Livros Horizonte.

CASTRO, Laura e Silva, Raquel Henriques da;

1997; *História da Arte Portuguesa - época contemporânea*; Lisboa; Universidade Aberta.

CONDE, Manuel Sílvio Alves;

2004; *O Hospital Medieval do Espírito Santo de Sesimbra* (e a assistência caritativa portuguesa); Sesimbra; Câmara Municipal de Sesimbra.

CORREIA, Fernando Calapez;

1994; *Visitação da Ordem de Sant'iago á vila de Faro em 1534*; Faro; Anais do Município de Faro, XXIV.

CORREIA, Fernando da Silva;

1944; *Origens e Formação das Misericórdias Portuguesas* (Estudos sobre a História da Assistência); Lisboa; Henrique Torres ed.

CORREIA, José Eduardo Horta;

1987; *A Arquitectura Religiosa do Algarve de 1520 a 1600*; Lisboa; Publicações Ciência e Vida, Lda.

1996; *O significado do mecenato do Bispo do Algarve D. Francisco Gomes do Avelar*; Faro; Anais do Município de Faro, XXVI.

2006; *A reconstrução neoclássica de Santa Maria de Tavira*; Faro; Promotoria, Ano 4, nº4.

COSTA, José de Sousa;

1957; *Alguns elementos para a elaboração do programa de edificação do Hospital das Caldas de Monchique*; Faro; Tipografia União.

DIAS, José Pedro Sousa;

2007; *Droguistas, Boticários e Segredistas – Ciência e Sociedade na Produção de Medicamentos na Lisboa de Setecentos*; Lisboa; Fundação Calouste Gulbenkian.

DINIZ, Marcos Blanch;

1981; *Arquitectura Civil em Faro após o terramoto de 1755*; separata dos Anais do Município de Faro; Faro.

FERNANDES, Carla Varela;

2000; *A Igreja de Santa Maria do Castelo de Tavira*; Lisboa; Edições Colibri.

FERREIRA; F. A. Gonçalves;

1990; *História da Saúde e dos Serviços de Saúde em Portugal*; Lisboa; Fundação Calouste Gulbenkian.

FERRÃO, Leonor;

1994; *A Real Obra de Nossa Senhora das Necessidades*; Lisboa; Quetzal Editores.

FAURE, Paul;

1998; *O Renascimento*; Mem Martins; Publicações Europa-América; Coleção Saber nº119.

GASCON, José António Guerreiro;

1993; *Subsídios para a monografia de Monchique*; Faro; Algarve em foco.

GIL, Júlio;

1992; *Os mais belos Palácios de Portugal*; Lisboa; Editorial Verbo.

GOMES, Paulo Fernando Sequeira Varela;

1998; *Igrejas de Planta Centralizada em Portugal no Século XVII, Arquitectura, Religião e Política* (Dissertação de Doutoramento em História e Teoria da Arquitectura apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra); Coimbra.

GUEDES, Lúcia C. S. ;

2007; *Hospital de Santo António – a Arte e a História*; Porto; Hospital de Santo António.

GUERRA, Delfín Garcia;

1983; *El Hospital Real de Santiago (1499- 1804)*; La Corunha; Fundacion Barrie de la Maza.

JUNIOR, Padre José Cabrita;

1940; *O Bispo Santo D. Francisco Gomes de Avelar (Esboço Biográfico)* Faro; Tipografia União.

LAMEIRA, Francisco Ildefonso;

1999; *Faro: a arte na história da cidade*; Faro; Câmara Municipal.

2000; *A Talha no Algarve (durante o Antigo Regime)*; Faro; Câmara Municipal.

2007; *Promotória Monográfica – O Retábulo no Algarve*; Faro; Departamento de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve.

2008; *Os retábulos da Igreja do Hospital do Espírito Santo de Portel: Um caso ímpar em Portugal-* in *Sic memorat*; Faro; Departamento de Arte, Literatura e História da Universidade do Algarve.

LAMEIRA, Francisco Ildefonso, e Santos, Maria Helena Rodrigues dos;

1988; *Visitação das Igrejas Algarvias: Ordem de Santiago (1554)*; Faro; ADEIPA.

LANG, Mabel;

1977; *Cure and Cult in Ancient Corinth (A guide to the Asklepieion)*; Princeton, New Jersey; American School of Classical Studies at Athens.

LEAL, Agostinho Crespo,

1996; *Da fundação do Hospital Real do Espírito Santo de Évora ao Hospital Distrital de Évora - in Actas do Congresso Comemorativo do V Centenário da Fundação do Hospital Real do Espírito Santo de Évora*; Évora; Hospital do Espírito Santo - Évora.

LEISTIKOW, Dankwart;

1967; *Ten Centuries of European Hospital Architecture (A contribution to the History of Hospital Architecture)*, Frankfurt, C. H. Boehringer Sohn.

LIMA, J. J. Figueiredo;

2004; *Apontamentos cronológicos sobre a História da Anestesia*; Lisboa; Abbott Laboratórios.

LINDEMANN, Mary;

2002; *Medicina e Sociedade no início da Europa Moderna*; Lisboa; Editora Replicação, Lda.

LOPES, João Baptista da Silva;

1988; *Corografia ou Memória económica, estatística e topográfica do reino do Algarve*, (fac-símile Lisboa, Typografia da mesma Academia; Academia Real das Sciencias de Lisboa, 1841); 1º volume; Faro; Algarve em Foco.

MACIEIRA; Isabel

2004; *A Pintura Sacra em Tavira (Séculos XV a XX)*; Lisboa; Edições Colibri.

MAJNO, Guido;

1975; *The Healing Hand (Man and Wound in The ancient World)*; Cambridge, Massachusetts; Harvard University Press.

MANGORRIHA, Jorge e **SERRA**, João B.;

1993; *O Hospital de Santo Isidoro: assistência, higiene e arquitectura no século XIX*; Caldas da Rainha; Património Histórico, grupo de Estudos; Colecção Cadernos de História Local n.º 4,

MARTINS, José António de Jesus;

2007, *O Reino do Algarve nos Finais da Idade Média – Os concelhos Algarvios do século XV*; T. Nunes, Lda. Maia.

MATOS, José Sarmiento;

1999; *O Palácio de Castelo-Melhor*; In Monumentos nº11 pag 15-19; Lisboa; Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.

MONNIER, Gérard;

2000; *História da Arquitectura*; Mem Martins; Publicações Europa-América.

MOITA, Irisava;

1964; *Hospital Real de Todos-os-Santos* (Relatório das escavações a que mandou proceder a C.M.L. de 22 de Agosto a 24 de Setembro de 1960) In Revista Municipal ano XXV n.º 100; Lisboa; Câmara Municipal.

MOREIRA, Rafael;

1991; *A arquitectura do Renascimento no sul de Portugal -A encomenda Régia entre o Moderno e o Romano* (Dissertação de Doutoramento em História da Arte apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa); Lisboa; texto policopiado.

1993; *O Hospital Real de Todos-os-Santos e o Italianismo de D. João II*; In *Hospital Real de Todos-os-Santos (catalogo da exposição dos 500 anos)*; Lisboa; Câmara Municipal.

MUZAVOR, Merja;

2006; *A Alfandega de Faro* (Monografia do Seminário em História da Arte Portuguesa para Licenciatura em Património Cultural); Faro; texto policopiado.

NUTTON, Vivian;

2004; *Ancient Medicine*; Londres; Routledge.

OLIVEIRA, Francisco Xavier de Athayde;

1902; *Biografia de D. Francisco Gomes do Avelar – Arcebispo-Bispo do Algarve*; Porto; Typographia Universal.

OLIVEIRA; Maria Leonor Morgado Ferrão de;

2007; *Eugénio dos Santos e Carvalho – Arquitecto e Engenheiro Militar (1711-1760: Cultura e Prática de Arquitectura)*; Tese de Doutoramento em História da Arte – Época Moderna no Departamento de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa; Lisboa.

PARK; Katharine e Henderson, John;

1991; *The First Hospital among Christian: The Ospedale di Santa Maria Nuova* in Early Sixteenth-Century; Florence; *Medical History*; 35: 164-188.

PASSOS, José Manuel da Silva;

1995; *O Bilhete Postal Ilustrado e a História Urbana do Algarve*; Lisboa; Editorial Caminho, S.A.

PEREIRA, Fernando António Baptista;

1992; *História da Arte Portuguesa – época moderna (1500-1800)*; Lisboa; Universidade Aberta.

PEREIRA, Nuno Moniz;

2005; *Assistência em Portugal na Idade Média*; Lisboa; Clube do Coleccionador dos Correios.

PEREIRA, Paulo;

1999; *2000 Years of Art in Portugal*; Temas e Debates; Lisboa.

PERES, DAMIÃO,

1932; *História de Portugal (Edição Monumental)*; Barcelos; Portucalense Editora.

PINHO, Elsa Garrett;

2002; *Poder e Razão (Escultura Monumental no Palácio Nacional da Ajuda)*; Lisboa; Instituto Português de Património Arquitectónico.

PINTO, Carla Alferes;

1998; *A Infanta Dona Maria de Portugal: O Mecenato de uma Princesa Renascentista*; Lisboa; Fundação Oriente.

PINTO, Maria Helena Mendes e Pinto, Victor Roberto Mendes Pinto;

1968; *As Misericórdias do Algarve*; Ministério da Saúde e Assistência; Lisboa.

RIMONDINI, Giovanni e Samoggia, Luigi;

1979; *Francesco Saverio Fabri* (Formazione e opera in Itália e in Portogallo); Medicina; Comitato Ricerche Storiche Medicinesi.

RODRIGUES, Maria Teresa Campos;

1965; *Aspectos da Administração municipal de Lisboa no Século XV* (Cap. IV) In Revista Municipal, ano XXVI n.ºs 104 e 105; Lisboa; Câmara Municipal de Lisboa.

ROSA, José António Pinheiro e;

1990; *Gente de Faro em 1711*; In “ O Algarve”; Torres Novas; Gráfica Almedina.

RODRIGUEZ, Delfin;

1996; *Del neoclasicismo al Realismo*; Madrid; História 16, Informação e História, S.L..

SÁ, Isabel dos Guimarães;

1997; *Quando o rico se faz pobre: Misericórdias, caridade e poder no Império Português, 1500-1800*; Lisboa; Comissão Nacional para as comemorações dos Descobrimentos Portugueses.

2001; *As Misericórdias Portuguesas de D. Manuel I a Pombal*: Lisboa; Livros Horizonte

SANCHES, António Nunes Ribeiro;

1966; *OBRAS* (Apontamentos para estabelecer-se um tribunal e colégio de Medicina - Carta a Joaquim Pedro de Abreu - Tratado da conservação da Saúde); vol II; Coimbra; Universidade de Coimbra.

SÁNCHEZ, Francisco Franco;

1999; *La assistência al enfermo en Al-Andaluz. Los hospitales hispanomusulmanes*; In *La Medicina en al-Andaluz*; Granada; Junta de Andalucía, Consejería de Cultura.

SANTOS, Luís Filipe Rosa;

1996; *Faro Antigo – Colectânea de Gravuras*; Faro: Câmara Municipal de Faro – Pelouro da Cultura.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo;

1998; *Nos 5 séculos da Misericórdia de Lisboa: um percurso na História*; in *Oceanos* n.º 35; Lisboa; Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.

SERRÃO, Vítor;

1999; *A arquitectura renascentista algarvia: do modo romano ao maneirismo*; n
O Algarve da Antiguidade aos nossos dias; Lisboa; Edições Colibri.

SILVA, Jorge Henrique Pais da;

2004; *História da Arte Comparada* (cronologia); Lisboa; Edições Colibri.

SILVA, Raquel Henriques da;

1999; *O Palácio Castelo Melhor: contexto e projecto inicial*; in Monumentos
nº11; Lisboa; Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais; (pag 21-25)

SOARES; Maria Isabel;

2007; *Hospital de Nossa Senhora da Luz*; texto policopiado da II Conferencia da
Sociedade Portuguesa de História dos Hospitais; Lisboa; (13 de Dezembro)

SOROMENHO, Miguel;

1995; *Classicismo Italianismo e 'Estilo Chão': o Ciclo Filipino*; in História da
Arte Portuguesa; Círculo de Leitores; volume II.

TAPIÉ, Victor;

1998; *Barroco e Classicismo I*; Lisboa; Editorial Presença.

TAVARES, Maria José Pimenta;

1989; *Pobreza e Morte em Portugal na Idade Média*; Lisboa; Editorial Presença.

TOMAN, Rolf;

2007; *Neoclassicismo y Romanticismo* (Arquitectura, Escultura, Pintura, Dibujo:
1750-1848); Barcelona; Ullmann & Könemann.

TOUATI, Francois-Olivier;

2004; *Arquéologie et Architecture Hospitalières (de l'Antiquité tardive à l'aube des temps modernes)*; Paris; La Boutique de l'Histoire.

YUSTE, Julia Garcia-Alcaniz;

1989; *Arquitectura del Neoclásico en Galicia*; La Coruña; Fundación Pedro Barrié de la Maza.

13. Documentação anexa

Documento nº 1

Ferreira; F. A; 1990; pag 63 e 64

Albergarias: Designação de origem alemã e a mais antiga e mais genérica de pousada transitória para peregrinos, viajantes, mendicantes, doentes e estropiados que nela encontravam abrigo passageiro, na maior parte dos casos gratuitamente. Eram sustentadas por benemerência dos fundadores, instituidores, confrarias ou reis e tiveram grande expansão nos primeiros séculos da vida do País.

Hospital: designação que se confundiu durante muito tempo com a de Albergaria, que prestava cuidados curativos aos doentes, e até de hospício. O primeiro termo medieval por que foram conhecidos entre nós foi o de *sprital* ou *spital*, derivado da palavra italiana “hospital”, que significava hospedaria. Com o tempo a palavra passou a significar a casa para internamento e tratamento de doentes, e até à época dos Descobrimentos a designação mais corrente era ainda a de *sprital*. (...)

Gafaria: Hospital de leprosos com carácter independente ou funcionando junto de albergarias. O nome deriva da palavra “gafo”, ou doente leproso. A lepra foi conhecida por diversas designações: gafeira, morfeia, gangrena seca, mal de S. Lázaro, elefancia (dos árabes), fígado, etc. (...) três tipos administrativos: dirigidas e sustentadas por ordens religiosas e diversas formas de caridade; de instituição régia, sustentadas por donativos e rendas atribuídas pelos reis e dirigidas por delegados destes; de instituição municipal com administração da responsabilidade da autarquia respectiva.

Mercearia: Inicialmente instituição pia para recolhimento de homens ou mulheres que não trabalhavam e se ocupavam apenas de rezar pela alma do instituidor. As mercearias eram sustentadas por legado ou doação de pessoas piedosas. Vieram a

dar origem aos hospícios e asilos, por mudanças na sua administração e objectivos mais amplos mas caritativos.

Asilo: Instituição do tipo de hospício particularmente destinado à educação de pessoas pobres ou abandonadas e ao amparo e sustento de pobres e idosos em regime de recolhimento (...)

Hospício: Do latim *hospitium*, recolhimento, casa de caridade ou estabelecimento em que são recebidas pessoas pobres ou tratados doentes pobres. Tornaram-se recolhimentos para pobres e incapacitados, crianças enjeitadas ou abandonadas, e deram os asilos.

Documento nº 2

Visitação de Igrejas Algarvias – Ordem de Santiago



VISITAÇÃO
DE IGREJAS
ALGARVIAS

ORDEM DE SÃO TIAGO

ADEIPA

Três ferros d'ostias que lavvrão bem de crucifício.
 Tem três estantes de pao, dos altares.
 Avia-se de prover de hũ choro.
 E asi de hũ campanário per que o não tem.

IGREJA DO ESPRITO SANCTO DA CIDADE DE FARÃO

Fl. 84

Está esta Igreja na praça da dita cidade para a banda do ponente norte sul. As paredes são d'alvaneria, madeirada de castanho, telhada de valladio, está o madeiramento para se forrar, o chão he per llagear nẽ lladrilhar, he quadrada, esta Igreja tem de comprimento 32 palmos, de llargo o mesmo e d'alto 28.

Nella está hũ altar de madeira, sobe-se a elle per três degraos, tem de comprimento 13 palmos, d'alto 5 e de llargo 4, sobre elle hũ painel de portas, pintado a Vinda do Esprito Sancto sobre os Apóstollos, velhos e nas portas a Saudação, tudo velho.

O cruseiro he de dous arcos de pedreria, redondo, cõ hũa colluna no meio cõ sua vasa e capitel de pedra. Tem cada arco de llargo 12 palmos e a mesma altura das paredes. O corpo desta Igreja tem de comprimento 38 palmos e de largo 28.

O portal he de três portados redondos, lavvrado de parreira, cercado à roda de hũ cordão goso cõ hũ nó em riba lavvrado de folhagem, nelle hũas portas de bordo lavvradas de maceneria e no alto hũa pombinha, tem dous postigos de boa grandura traçados pello meio, tem d'alto este portal 15 palmos, de largo 9, tem hũa pia de ágoa benta junto deste portal.

Aqui está a Misericórdia da Cidade por não ter outro llugar, os mareantes pedem esta casa que a querẽ fazer de novo e asi ornamentá-la e prover de tudo o neçesario e que lha deixẽ a seu carego e elles sós emtenderẽ na governação e

Fl. 84 v.

administração per que dizem que a iso se obigarão, Vossa Alteza devia de prover o que lhe parecese niso per que está danificada a casa e não se conçerta nẽ está como deve.

Detrás desta Igreja à banda do llevante está hũa porta de pedreria de ponto, tem d'alto 12 palmos, de largo 7 e meio cõ hũas portas de castanho, velhas.

Está hũ pátio espasoso e grande em que se allimpão os pobres, da banda do norte vai hũa esquada d'alvaneria de 14 degraos sem emcostos, nelle está hũ portal de pedreria quadrado, tem d'alto 7 palmos e meio e de vão sinquo e meio,

nelle hũas portas de castanho, boas, vai para hũa enfermãria a modo de dormitório, tem sinquo lleitos da banda do norte, de castanho, cõ seus guardapós do mesmo.

He madeirado d'asnas, emcaniçado cõ 4 llinhas pollo meio, o chãõ bem sollado, tem de comprido 60 palmos.

Desta casa para a banda do llevante está outro portal da mesma maneira, vai para hũa casa quadrada da mesma maneira do dormitório que cerve de cozinha.

Desta casa vai outro portal da mesma maneira, he mais pequeno, para outra casa da maneira desoutra, he perllongada mais hũ pouco, com hũa genella que vai para hũ chãõ do Esprital. He argamaçada, aqui pousa o espritalleiro cõ sua molher, cervẽ bem esta casa.

Da banda do llevante está outro dormitório norte sul cõ hũa varanda de tavoado, madeirado de castanho, ripado do mesmo, telhada de valladio de hũa

Fl. 85

só ágoa cõ três portas. Hũa vai para hũa casa onde estão quatro lleitos velhos, sem camas, em que dormẽ os pasajeiros, à banda do llevante hũ buraco em que está outra casa que cerve de pobres e as outras são muito velhas, da mesma maneira. No cabo desta varanda está hũa casa sobradada, está allugada, rende para a casa. Da banda do llevante vai hũa barraca de hũs que he do Esprital, nos baixos destas casas hũas llogreas que cervẽ de sal para a barraca, rende hũs annos pellos outros dez mil reais.

Da banda do norte vai outra barraca ao llongo da parede da enfermãria que foi nave de aterecana em que o Esprital tem a terça parte do que rende a barraca, per que lha deixou João Fez Guitério, rende quatro mil reais para o Esprital, tem 360 reais de foros.

Tem 4 camas novas, outras 4 velhas.

Hũ callix de prata de pé redondo lavvrado de colheres de ramos, o cano, vaso e patena llisa. Pesou hũ marco e meio.

Tem hũa vestimenta velha cõ que se dis misa.

Quatro toalhas do altar.

Hũs corporais, hũa pedra d'ara, hũas galhetas.

Dous castiçais. Tomou-se conta ao mordomo, ficou devendo trinta mil reais, mandou-se a Câmara que fisem novo mordomo e asi entrega a dita contia ao novo mordomo.

IRMIDA DE NOSA SENHORA DE EMTRAMBALLAS AGOAS

Esta Irmida está edificada sobre a porta da Çidade, situada

Documento nº 3

Texto inserido no livro: Carvalho, Ayres de; *Os Três Arquitectos da Ajuda* (do “rocaille” ao neoclássico); 1997 Lisboa; Academia Nacional de Belas Artes; 1979

Hospital e Igreja da Misericórdia

Os historiadores de Gomes de Avelar, colocam como a obra social mais importante, deste bispo “o Hospital da Misericórdia” e para a qual nos dão a data de início dos trabalhos como 1795. Um hospital já existia nesse lugar antes da vinda do bispo (para Faro - nota minha), mas este achou-o desadequado às necessidades e de condições de higiene. Propôs à administração do hospital a aquisição de diversos edifícios adjacentes e fez erguer “o grande edifício que hoje existe, sem dúvida um dos melhores, senão o melhor da província”. A construção do hospital foi suportada com todos os meios do bispo o qual, para além de desembolsar de si “a sexta parte do custo total da obra” andava pessoalmente a recolher as subscrições “andando de porta em porta...”(1).

Enquanto no hospital de Faro são bastante reconhecíveis as intervenções de Fabri, existem outros trabalhos destinados ao benefício público nos quais o arquitecto intervém, aonde já não é possível reconhecer algum sinal. São os trabalhos no Hospital Termal d’ “as Caldas de Monchique” (2).

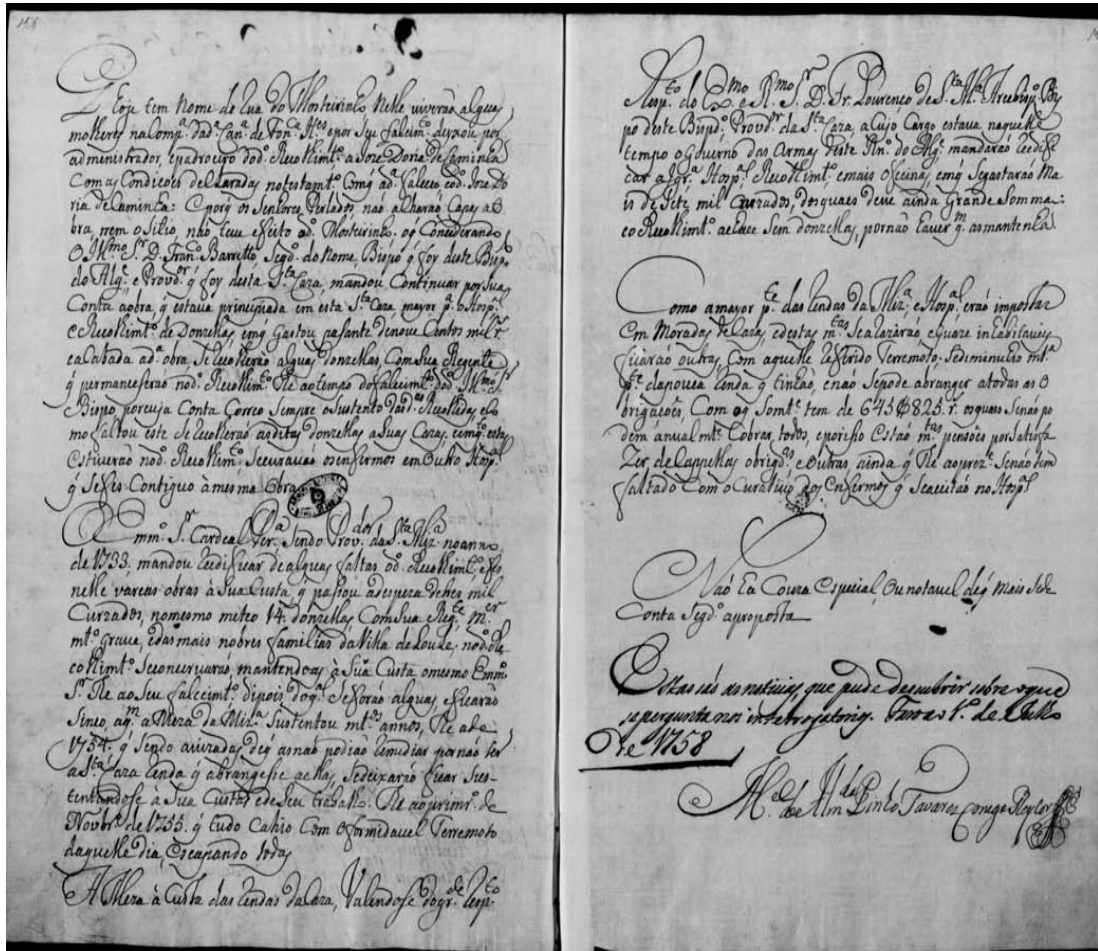
O conjunto do Hospital, um pátio e a Igreja da “Misericórdia” estão em conexão com a fachada do Arco, definindo o espaço de uma grande praça aberta sobre a rua: um enorme espaço que se encontrava delimitado até pela presença de outras

construções civis de altura nitidamente inferior. A fachada da Igreja da Misericórdia, um edifício de planta central, repleta de adornos de pedra cinzenta que segundo o uso local fazem da cornija a grande superfície pintada abaixo do que são situadas as janelas e as portas, na parte central se realçam com um tímpano de desenho simples análogo aqueles dos outros edifícios desenhados por Fabri. Por outro lado aqui, como no Arco (da Vila) e como é habitual a realização de ornamentos é sublinhada por pináculos e vasos. O interior da Igreja e a parte posterior não apresentam caracteres tais que justifiquem uma atribuição, confundindo-se a construção com a arquitectura local como se tivesse prevalecido o gosto dos operários locais ou o arquitecto se fosse deixar absorver pela tradição ou pela necessidade de ter em conta as preexistências.

J. Cabrita, D. F: Gomes; pag 32-33.

J. B. Silva Lopes; Memórias, pag 470

Idem pag.154 e 155

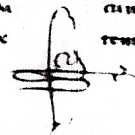


CXXXIII

mandante em todo assy e pella guisa que
 em ella he comtendo sem outo alguim em
 burgo que elle sobre ello feso posto em algua
 mandante que feso por que assy he nos ta
 merce dadi em lreba a xv dias de nouem
 bro fuy dias afex anno donagimto deno
 do de aboa fhu xpo de mill e uyluy ano
 de donadonoe. e ditoe manaboe por
 merce que the confirmasseme adita an
 to duto por nos seu fsequimento e quere
 othe huer guira e merce remoe por ben
 e the confirmamos. E potem mandamos
 a todos nosos. Congregdoe. fuzes. e
 justias. ofiaaee. e pessoas aqueo Co
 munito duto pertinet per qual quer
 que the feso que the cumpram e guar
 den e fuyam eutodo bem cumpram e guar
 den como em ella he comtendo e the no
 deo e non consentam hui comta ella e
 algua manera por quanto assy he nosa
 merce dadi em abilla desantarem aoe
 qm dize domoe. de mayo pedraluarez
 afex anno de mill e uylreyuy ano de
 donadonoe outrosy e ditoe manaboe por
 merce que the confirmasseme adita an
 to duto por nos seu fsequimento e
 querendo the fuzer guira e merce remoe
 por ben e the confirmamos. assy e pella
 guisa que em ella he comtendo E potem
 mandamos a todos nosos. Congregdoe
 a fuzes. e justias. ofiaaee. e pessoas
 que othe comtamento duto pertinet per
 qual quer que the feso que the cumpram
 e guardem e fuyam muy futeiramente
 e the e guardem como em ella he com
 tando e non consentam de nosa merce dada
 e the confirmem adex dize. domoe. de

mayo agram lue. afex anno de mill e uyl
 lreuy. ano de ...
 De beguinoe. di prouincia de santa m
 de villa de fexxi confirmamos fuy de fexxi
 puilegioe. com limitamta que posam pe
 sum bece. que the fsequidam dez moroe. pa
 sua inguitema.

Don manuell e ac. fuyamos.
 estu uosla carta vura fuzemos.
 sabet que uoe. querendo fuzer fhuolla aoe.
 beguinoe. di prouincia de santa maria di
 uilla de fexxi remoe. por ben e the outor
 gamoe. e queremos. que di que em dante
 the fexxi guardadoe. todilloe. puilegioe.
 liberdadee. que remoe. dize. e outorqu
 die. aoe. de fexxi dusa de fexxi aingre qu
 am este. fexxi Com estu declaramta que
 no que roa. ao posam dize. crumare. este
 ditoe. beguinoe. com oque agora tem fexxi
 meute posam posum bece. e crumare. q
 the remidam dez moroe. de pum pum sua
 mantencia sem embargo de nosa desenta
 e the coutamoe. sua tem dute dadi
 prouencia f. doue. tiroe. de besta delargo
 e a mago de compdo na manera que o
 he acem doe. dadi fexxi dusa. E noe.
 praz que pera seu comta posam mui
 poroe. de acooe. e can. lebre. e othe.
 per dize. com quadee. que the mudi
 thae. que the prouia. e fexxi le goe. dadi
 prouencia E potem mandamos a todos
 nosos. justias. ofiaaee. e pessoas.
 que othe comtamento pertinet que sendo
 the mostrados. e ditoe. puilegioe. ou
 otrelado dillee. em publica forma thee.
 cumpram e guardem como senelles. a
 tem com ac. ouera. coufue. nesta comete



Documento nº 6

1501, Janeiro, 16: Lisboa.

Carta de D. Manuel doando a João Dias a outra nave das terecenas de Faro para nela se fazer um hospital.

TT. ODiana, Lv 1, 189v (Mic 989) A

Johãm diaz doaçam de hv^õva nave das terece/nas pera hu^õ espitall que elle e sua mo/lher querem fazer

Dom manuell et cetera . A quantos / esta nossa carta virem fazemos / saber que johãm diaz morador em faraãm / nos disse como elle era enfermo e priva/do de vista E que porquamto elle e sua molher nom tinham erdeiros tⁱⁿham ordea/do ambos por serviço de deus gastassem sva / fazenda em hv^õ espiritall que queriam / fazer em huã das teracenas de Ribadas / da dita villa que lhe pera jssso temos dada pedindo nos que por quamto pera a outra obra que queriam fazer lhes era neçesaria / a outra nave das ditas tertecenas que estavam em par com há que já tem lhe fezessemos / della esmolla . E visto per nos seu Requeri/mento e sentimdo o assy por serviço de deus / temos por bem e lhe fazemos doaçom da dita nave pera o dito espiritall E esto em quanto se o dito espiritall nelle fazer E porem mandamos ao nosso comtador em o dito Rejno / do Algvarve e a outros quaaeesquer mossos ofiçiaaees e pessoas a que esta nossa carta / for mostrada e o conhecimento della per/ temçer que o metam lojo em posse da dita / [nave

] e lhe leixem nella fazer o dito espirital / sem dvvida nem embargo algṽ que lha / ello
ponham porque assy he nossa merçee /

Dada em lixboa a xxbj dias de janeiro gas/par Rodriguiz a fez anno de nosso
Senhor jesũ// christo de mjll e bc huã annos.

Documento nº 7

Texto inserto no livro:

Rimondini, Giovanni e Samoggia, Luigi; *Francesco Saverio Fabri* (Formazione e opera in Itália e in Portogallo); Medicina; Comitato Ricerche Storiche Medicinesi; 1979.

Ospedale di S. Maria del Suffragio

Medicina, Archivio dell'Ospedale, 1785.

Hospital de Santa Maria do Suffragio.

(o texto é originalmente em italiano, deixando-se aqui uma tradução que serviu de base ao nosso trabalho)

Nos finais de Seiscentos, com a herança de Formasini, a confraria do Suffragio tinha criado um Hospital para os enfermos cuja colocação todavia (uma casa posta por detrás da igreja e oratório da mesma confraria) não tinha conseguido ao longo dos tempos dar mais espaço aos locais, sobretudo, caminhando para os finais de Setecentos, inadequados e malsanos. Desde 1783 a “congregação” da confraria tinha separado num acordo com a Comunidade, a área que parecia mais adequada a esta função ao longo da estrada do Borgo Maggiore (hoje Via Saffi) entre o centro de Medicina e o convento dos Franciscanos observantes. O terreno propriedade dos Carmelitas, deveria ser adquirido pela Comunidade e por este colocado à disposição gratuitamente da confraria para que ali se construísse o edifício. Num primeiro tempo a operação foi muito

complicada pela oposição dos Carmelitas à venda do terreno: só a solicitação de um quirografo do Papa Pio VI acabará por induzir os frades a efectuar a transacção. Antes ainda de ter à disposição o terreno e obter do Papa a autorização de alienar alguns bens postos em Romania pertencentes à herança dos Órfãos, e o “assunto da Fábrica” encarregaram o jovem arquitecto Francesco Fabri de fazer um desenho para este edifício. De 1784 em diante iniciou a prática para a aprovação das despesas diante da autoridade religiosa competente, isto é o arcebispo de Bolonha o Cardeal Gioannetti. O personagem que com fervor, zelo e talvez em algumas vezes animosidade, segue disputa e se põe como mediador entre a confraria, da qual ele era membro, e o arcebispo, foi o monsenhor Coralupi.

Através do conjunto das suas cartas, existente no arquivo do hospital, conhecem-se inumeráveis detalhes do nem sempre claro processo do projecto: apenas efectuada a venda dos bens de Romania, entre 1785 e 1786, os desenhos foram examinados pelo arcebispo a quem tinham sido propostos para obter a aprovação, sem a qual não seria possível apresentar á comunidade de Medicina para a necessária autorização. A partir desse momento inicia-se uma complicada negociação entre o cardeal Gioannetti, monsenhor Coralupi e o arquitecto Fabri acerca do projecto do hospital, que só acabará cerca de 1788, quando se iniciaram os trabalhos.

Uma das maiores controvérsias, se não a maior, entre as partes interessadas surge a propósito do pórtico que se deveria construir na fachada anterior que dava para a estrada da Observância.

A ideia do pórtico sobre esta fachada encontrava grande apoio no âmbito da comunidade enquanto a construção do hospital não era vista como um episódio em si só mas prefigurava uma relação, um plano urbanístico já meditado e já previsto, que

compreendia a derrocada dos velhos muros e a expansão urbana na direcção da Observanza.

O acto de doação do terreno efectuado pela Comunidade á companhia do Sufrágio é de facto bastante explicita dessas intenções: no ponto 3 prevê “que exteriormente na Fábrica...deva colocar-se a memória da doação deste solo pela comunidade” e o artigo 4 prescreve que “na frente deste terreno que olha para a rua deve ser coberto por fábrica sem interrupção”; a propósito do pórtico o artigo 5 do mesmo documento diz que querendo-se construir o dito pórtico diante da fachada do hospital ou por parte da comunidade ou de qualquer outro possam-no fazer sem vir qualquer impedimento ainda que se deva deixar a construção de um muro exterior desta fachada para que se possa ligar ao pórtico...” No ponto 6 é enfim rebatida com clareza a vontade da comunidade de prever ao longo da via da Observanza uma expansão orgânica e urbanística coerente: “principalmente querendo a comunidade fabricar ou qualquer outro edificar ao lado dos edificios do hospital, se reserva o poder que essa ou outro qualquer unir-se com estes edificios aos muros da fachada do hospital especialmente na frente, assim a estrada permaneça bonita por um conjunto contínuo construído”.

Se a Comunidade tinha em vista a realização de um plano urbanístico racional, o arcebispo de Bolonha Gioannetti não entendia que a confraria gastasse dinheiro, especificamente, não estritamente ligado à função do edificio, como o referido cardeal deixa perceber numa carta enviada com data de 12 de Outubro de 1786 aos confrades do Sufrágio, com a qual exprime o seu agrado com o desenho do Hospital feito por Fabri, no qual o pórtico não está previsto e que provavelmente já representa uma simplificação em relação a um projecto anterior considerado demasiado elaborado e dispendioso: “Com minha consolação vejo o desenho do Hospital que me aparece agradável e que

parece trazer o aplauso e a aprovação daqueles professores da arte com os quais o próprio senhor Fabri, autor do projecto, comunicou. Ainda que neste projecto se omita o pórtico, o qual se pode sempre agregar sem detrimento nem deformidade do desenho...”

A existência de um desenho precedente de Fabri, desaprovado, como se disse atrás por um excessivo investimento financeiro o que é ainda comprovado por uma passagem de um texto anónimo intitulado “Breve notícia do que ocorreu acerca da Fábrica do Hospital dos Enfermos de Medicina começada no ano de 1789”, nesse texto refere-se que como o primeiro desenho de Fabri não foi aprovado “pela exagerada magnificência” e de muito excedia as “as forças da comunidade para a despesa corrente que era necessária, onde (o architecto) devia fazer um outro projecto de menor custo, mas que não foi aceite, porque a esse lhe faltava o pórtico que os membros da comunidade desejavam”. Ou seja, nem mesmo o segundo projecto o “de menor investimento”, corresponde com verdadeira verosimilhança ao qual foi aprovado pelo cardeal ainda que fosse mais sóbrio e mais barato, não agradando aos locais os quais não se conformavam a renunciar ao pórtico, e com essa sua reiterada insistência ao pórtico, acabaram por provocar no cardeal uma oposição cada vez mais nítida e irritada e estando as suas palavras numa carta de Fabri referível a Maio de 1787: “o pórtico que eu esperava poder juntar ao edifício segundo o génio comum, ainda que (o arcebispo) o tenha encontrado algumas vantagens na existência desse pórtico, proibiu-me absolutamente de o fazer, e quase em cólera disse-me que pouco importava os diversos Corpos da Companhia e da Comunidade, quisessem o pórtico ou não, o que ele não queria era que se fizesse com os dinheiros do Hospital “.

Esta questão travada, a própria Companhia do Suffragio acaba por se dividir internamente em duas posições entre a modificação do projecto e o seu reenvio, e os trabalhos andavam de tal modo atrasados que o monsenhor Coralupi, totalmente votado

à realização do Hospital tremia de impaciência e de ansiedade. Assim escrevia o impulsivo prelado ao cardeal Archetti: “se espera continuamente um novo exame ou qualquer decisão deste senhores que estão de tal modo contraditórios como estavam os do Concílio de Terento com Calvino e Lutero, então não se fará mais nada...”. O próprio Fabri sem saber a quem se dirigir, não sendo apoiado pelo cardeal Coralupi, que de algum modo o trai, por a única descrição que ele faz do artista é depreciativa dizendo que: “o inimigo do género humano terá posto em campo este perito, pigmeu de corpo e espírito para exercitar na virtude da paciência, na qual para minha desgraça não fui muito bafejado”.

Para além de colocar de acordo as partes, também aparecem obstáculos de aspecto prático que surgem no exame do desenho em si, por isso o projecto de Fabri apresentado a vários especialistas em 1786, entre os quais Cosimo Morelli, e em 1788 recorreu-se a Venturoli para resolver alguns inconvenientes que foram encontrados na zona dos serviços.

Chega-se a uma conclusão em 1788, quando um “terceiro projecto com o pórtico na frente acaba por encontrar a aprovação dos membros do Comité e do Ex. mo Cardeal D. Andrea Gioannetti, arcebispo, e obtém a aprovação geral de todos”. É lícito supor que a aprovação deste projecto com o pórtico por parte do Cardeal se tenha devido ao empenho da Comunidade, como efectivamente faz nos trabalhos iniciais, a sustentar o pagamento do pórtico ligado à fachada.

A 26 de Agosto do mesmo ano foi oficialmente apresentada à Congregação da Confraria “pelo Ilustríssimo e Reverendíssimo Monsenhor Sante Coralupi... a nova reforma do desenho do Hospital, o qual está em continuidade com o primeiro que foi mostrado no passado e exposto a esta Congregação, no qual foi acrescentado o pórtico o qual estava junto com o primeiro desenho e foi expressamente aprovado pelo Sr. Ex.mo

e Ver.mo Sr. Cardeal e Arcebispo e o Sr. Francesco Zucchi e Domenico Agostino Prandi confrades e responsáveis pelo mesmo Hospital”. No dia 7 de Fevereiro foi feito o documento notarial com o superintendente Francesco Miserocchi e o mestre-de-obras António Franzoni “ para a construção do dito edifício segundo o desenho e norma que receberá do senhor perito Fabri...”. A cerimónia da bênção e da colocação da primeira pedra teve lugar a 29 de Abril de 1789 e foi celebrada pelo cardeal Andrea Gioannetti arcebispo de Bolonha “tendo-se para tal efeito deslocado a Medicina a 28 e alojado no Palácio da Comunidade e tratado em todos os pontos e com grandeza a expensas da Comunidade de Medicina...”

Os trabalhos prolongaram-se por todo o ano levando a obra para além das fundações mas, quando acabou o dinheiro, os trabalhos não foram retomados; em seguida com a repressão Napoleónica sobre as ordens e congregações religiosas, foi demolido aquele pouco que emergia do solo de modo a suprimir todo e qualquer traçado existente. Em 1809 um novo Hospital foi construído no antigo Convento dos Franciscanos Observantes aonde ainda se encontra.

A fachada desenvolve-se horizontalmente caracterizada por um longo pórtico que recorda, simplificado, o ilustre motivo Palladiano do Palácio Chiericati: inspiração confirmada pela articulação do interior em três partes, ainda que não falem motivos Bolonheses de pórticos arquivados. Só sob a recomendação da comunidade cidadina que havia imposto o pórtico, o edifício qualifica-se como “ quinta exterior” da via do Borgo da Observanza e lembra uma operação análoga no Hospital de Imola de Morelli, e que de todos os modos se apresenta com um tom menos imponente.

O Fabri elege para a colunata a ordem Toscana a qual faz corresponder no piso superior uma divisão em simples bandas e faixas formando quadros para as clássicas janelas de tipo vinholesco: é uma modulação em sentido vertical que se repete por todo

o andamento do projecto com variações na extremidade do corpo central e nas extremidades das alas onde é fechada por meio de uma pilastra. Um simples ático coroa a fachada, elevando-se por cima da faixa central para dar apoio entre dois vasos, a um enfático brasão comunitário.

A fachada posterior revela também essa na sua pronunciada articulação em dois planos e com uma zona central que se destaca é dividida em dois blocos, utilizando uma simplificação de uma linha Palladiana; qualquer coisa da vista posterior da Villa de Foscarini que é nítido na janela termal e nos dois caminhos simétricos.

Este primeiro projecto de edificio destinado à realização de carácter imponente, mas simples no que diz respeito ao elemento expressivo, marca uma paragem na produção gráfica académica do Fabri, revelando a qualidade da ideia e o modo claro de projectar, através da simplificação, aproximando-se aos modelos racionalista, não sendo isto contraditório á recuperação Palladiana.

Complexa é a divisão do espaço interno, jogada em diversas cotas, a partir dos diferentes planos da parte de entrada e da parte posterior; que está por cima de um subterrâneo onde se colocaram os serviços permitiam fazer um plano realçado, avançando sobre a metade posterior da capela central e em duas alas destinadas a acolher indigentes segundo o esquema dos hospitais tradicionais. Na parte anterior, se sobrepõem dois planos legíveis na fachada, que encobrem a altura da sala dos doentes, e que servirão para habitação.

As diferentes deslocações do espaço interno correspondem ao aspecto do invólucro externo, especialmente na fachada posterior onde as duas ordens são (...) pelas duas faixas, a mais baixa das quais corresponde ao nível da sala dos doentes.

Documento nº 8**Informação da Biblioteca Nacional do Mapa digitalizado a nosso pedido**

Plano do terreno que circunda o armazém da pólvora construído nos suburbios de Faro

[Material cartográfico] / Jozé de Sande de Vasconcelos

- AUTOR (ES): Vasconcelos, José de Sande, 1730? -1808
- ESCALA: Escala [ca. 1:2700], meio quarto de legoa ou 343 1/2
braças = [28,25 cm]
- DESCR. FÍSICA: 1 mapa : manuscrito, color. ; 77x99 cm
- NOTAS: Mandado executar pelo Conde de Vale de Reyes
Este mapa terá sido elaborado em 1795, em
conformidade com: Brabo, F. A. D. (2004) "José de Sande
Vasconcelos: engenheiro militar e cartógrafo no Algarve nos
finais do séc. XVIII". Stilus, no 6-7 (Jan.-Dez.), pp. 145-176.
Mapa colado em tela, envernizado, apresenta pequenos
rasgões nas margens e junto às réguas
- CONTÉM: Contém 5 reproduções de vistas gerais tomadas de
vários pontos . - Nas margens possui legendas explicativas
- CDU: 914.696.01(084.3)
912"17"(084.3)

Documento nº 9

Faro. 1780. Vista da Praça de Faro.

In Santos, Luís Filipe Rosa; 1996; *Faro Antigo – Colectânea de Gravuras*; Faro;
Câmara Municipal de Faro – Pelouro da Cultura.



Documento n° 10

Documento n.º 6

Carta de Francisco Xavier Fabri
propondo o novo risco do Palácio da Ajuda
1 fl. Autógrafo

Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor

A Obra do Real Palácio da Ajuda necessita de ser riscada outra vez, porque não está em termos de se executar conforme se acha delineada, sendo as Frontarias de uma Architectura intrincada, que parece ser Obra de Entalhador, e não de Architecto, faltando-lhe aquele carácter sério, e majestoso, que pede a sumptuosidade do Edifício. O interior, que se revela de um só Espacado, mal arranjado, mostra estar inteiramente despido de toda a decoração e magnificência respectiva às Entradas, aos Pátios, às Escadas, etc.

Por tanto eu me atrevo a riscar de novo todas as Plantas, frontarias, Espacados, e mostrar sobre aqueles mesmos princípios, que se acham executados, um novo Palácio, visto por todos os lados, como se fosse um Modelo, a fim de se tirarem todas as dúvidas e ser mais pronta a sua execução; porém é necessário que S. A. R. me conceda três meses de tempo para eu poder aprontar os ditos Papéis, aos quais unirei uma ampla Descrição de toda a Obra, para serem presentes, e inteligíveis a todos os meus Planos; como também um cálculo do custo da Obra para (*sic*) aproximação, e um Plano Económico para a sua construção, como me ordena o Real Decreto. Entretanto pode-se ir cuidando nos grandes preparos dos materiais, sobre cujo assunto se me oferece comunicar a V.^a Ex.^a vários apontamentos respectivos à execução do Real Palácio. Deus guarde a V. Exc.^a muitos anos.

Casa, em 2 de Janeiro de 1802

Francisco Xavier Fabri

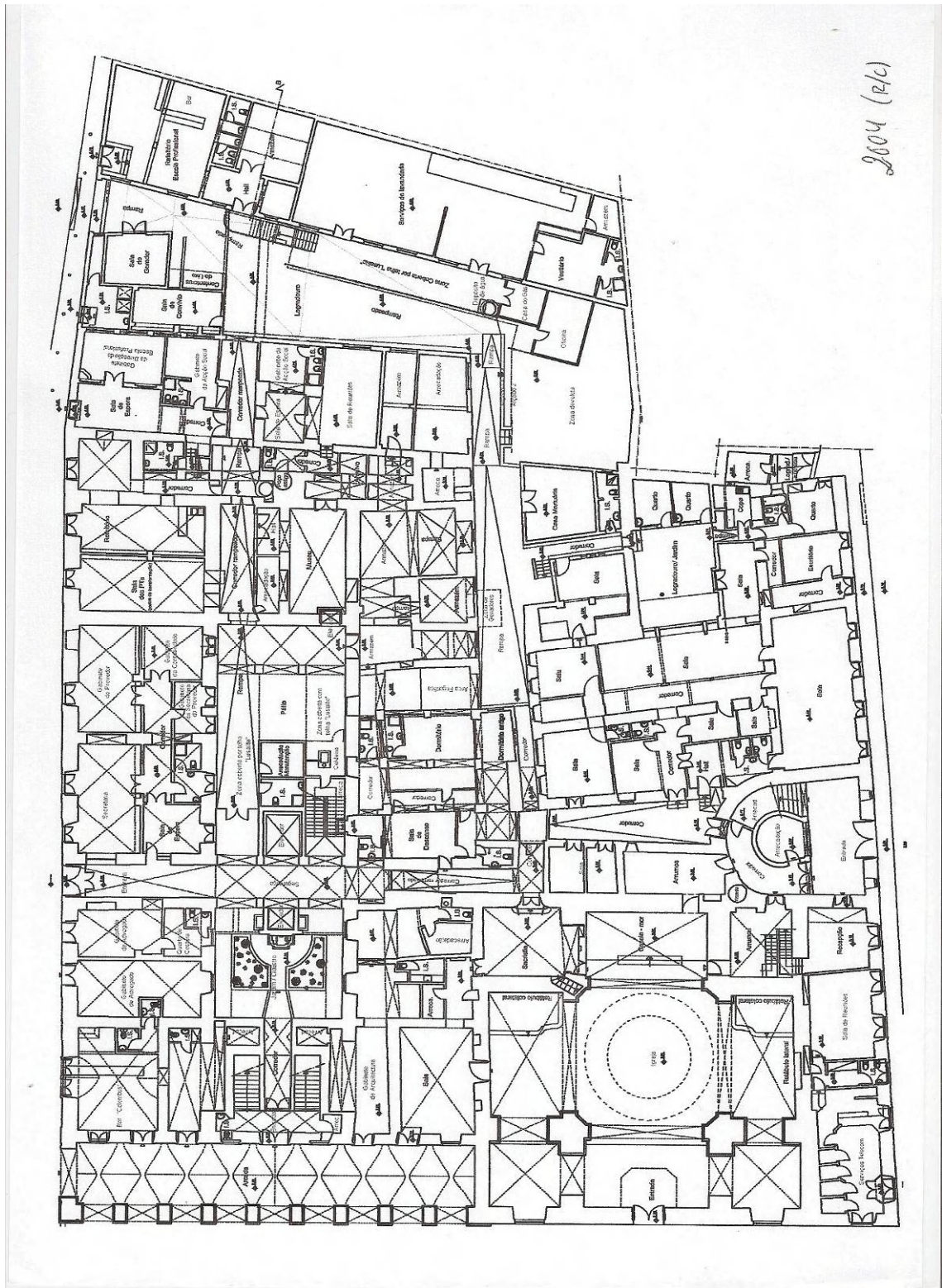
BNRJ – Coleção José da Costa e Silva. Documentação não catalogada, relativa à construção do Palácio da Ajuda. I-3, 30, Pasta n.º 2.

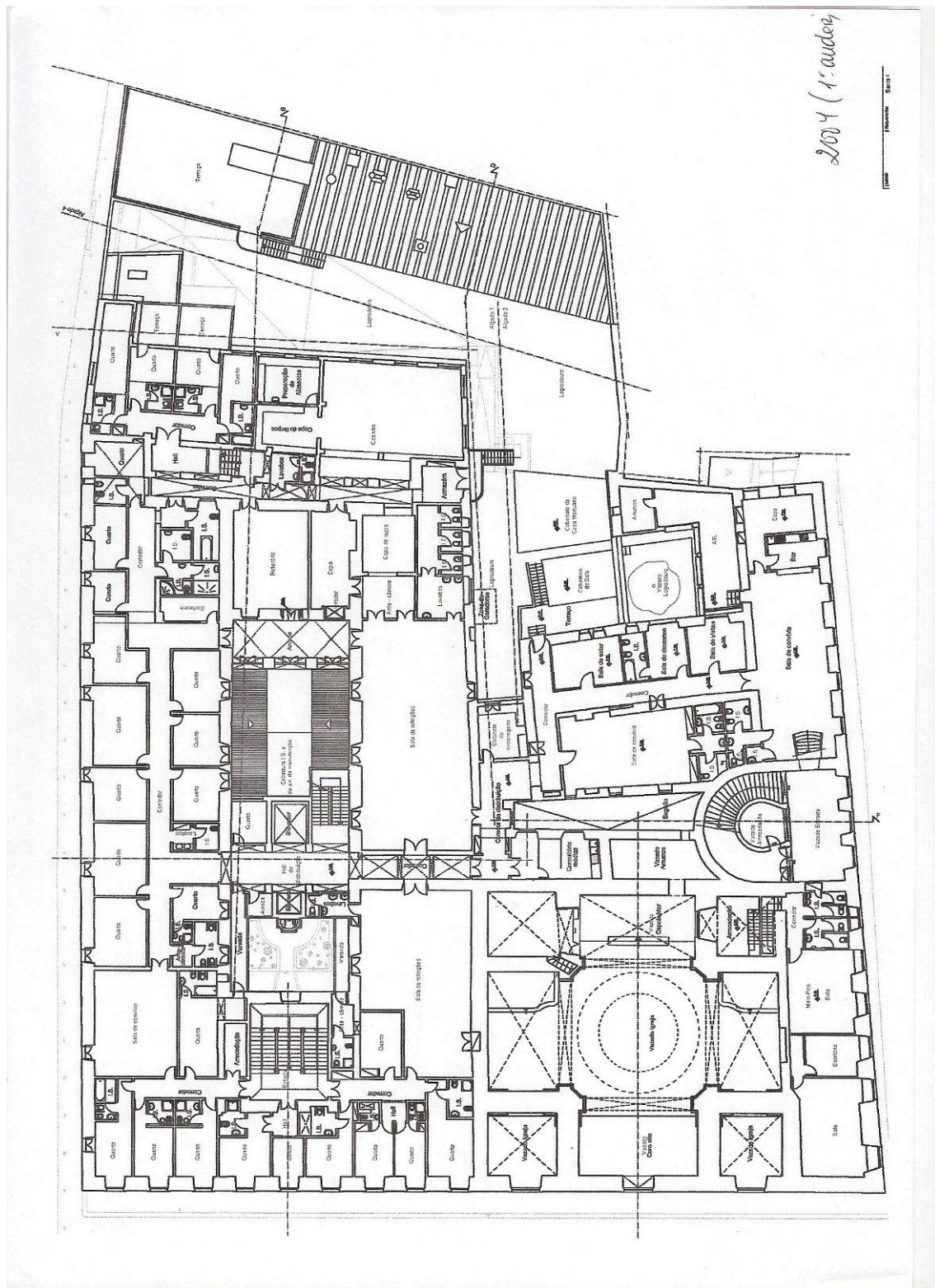
Nota: Documento também transcrito por J. AYRES DE CARVALHO, *Os três architectos da Ajuda (...)*, p. 155, com a seguinte referência: "Bibl. da Academia das Ciências – Ms. 484 V."

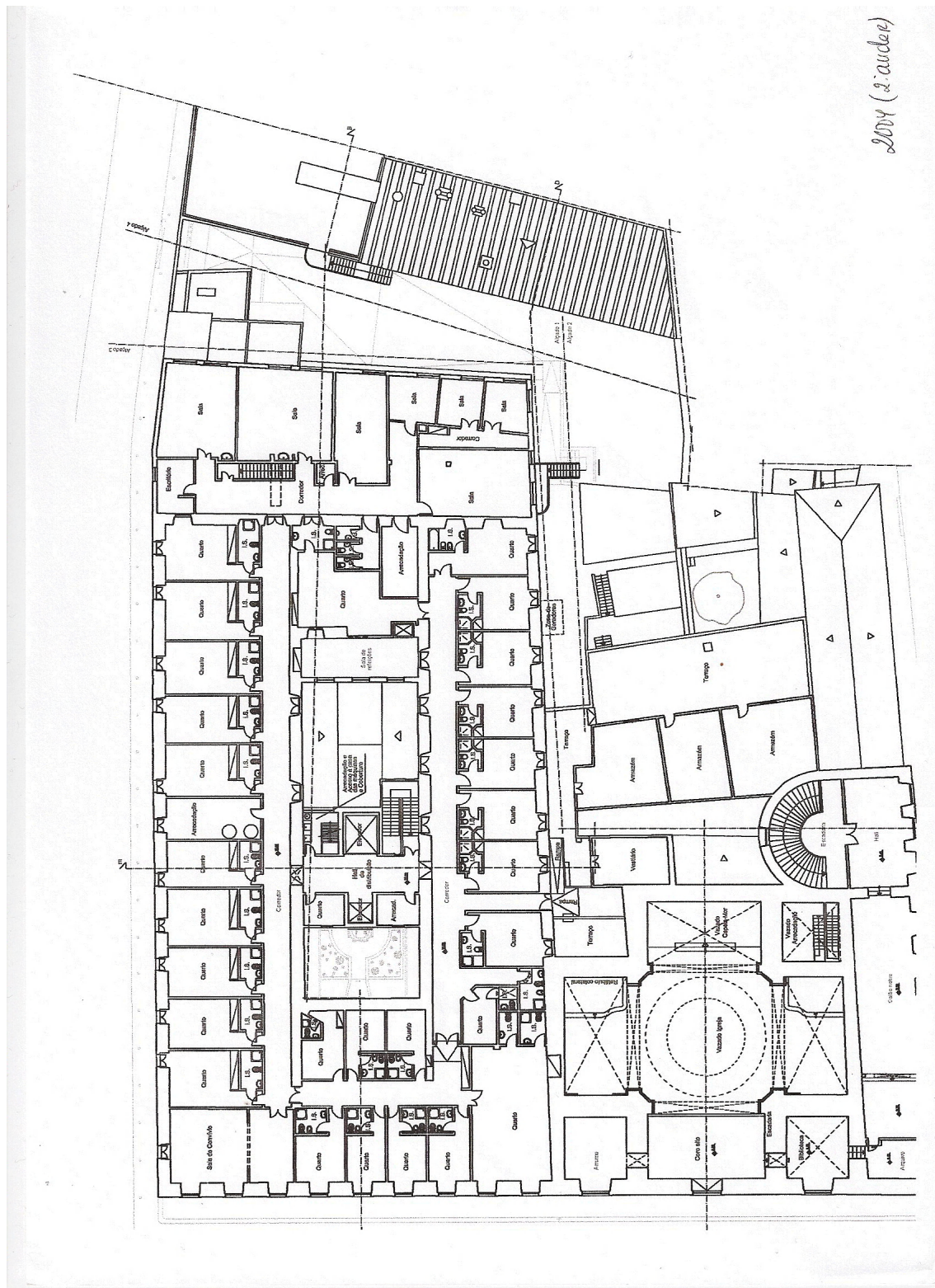
In Pinto; 2002; pag 135.

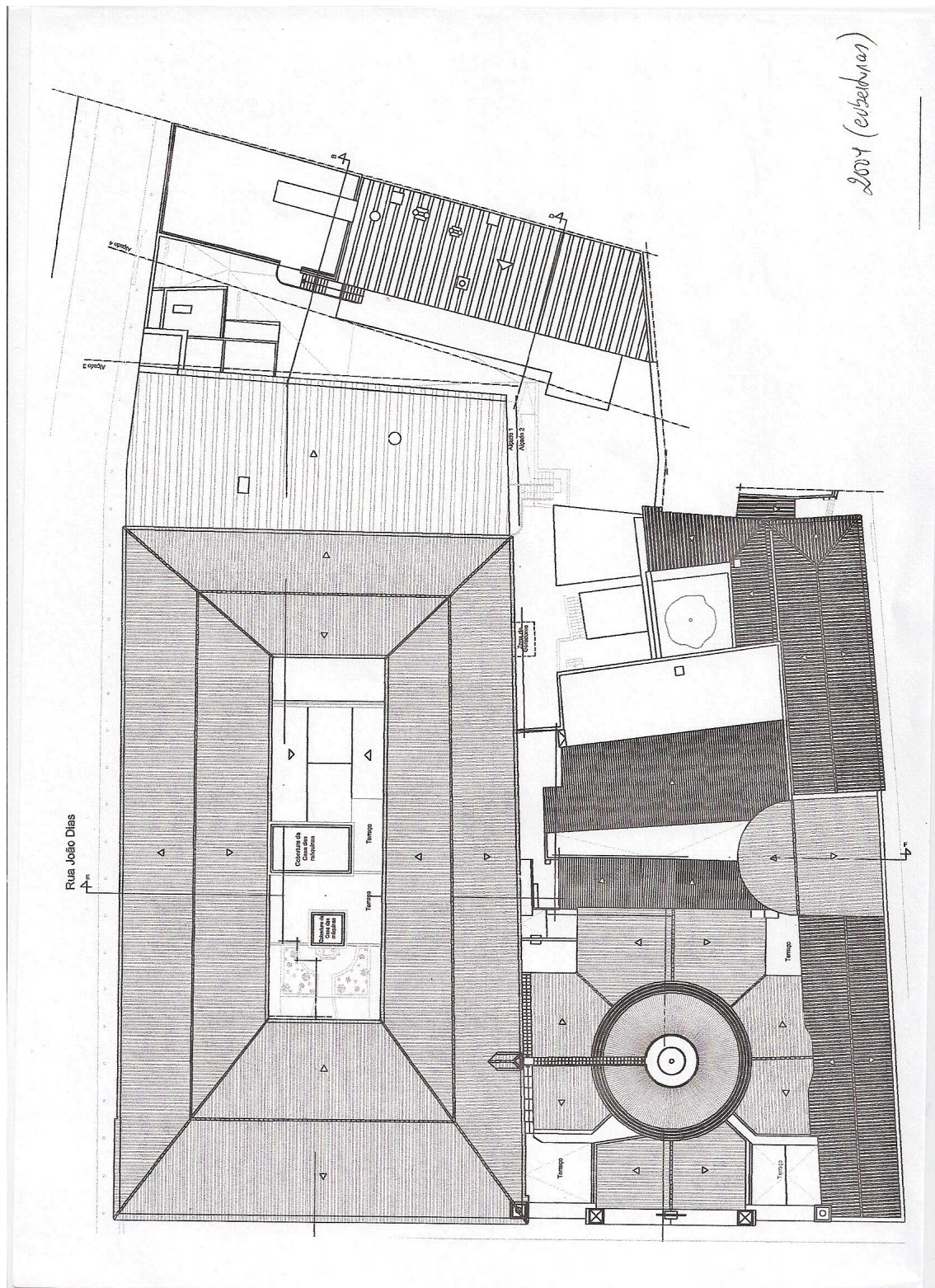
Documento nº 11

Plantas do conjunto da **Misericórdia Farense** de propriedade da Arq. Conceição Pinto, ordenadas por pisos e onde é particularmente visível ao vão aberto ao nível do 1º piso fazendo comunicação Igreja/Hospital neste caso enfermaria de mulheres.









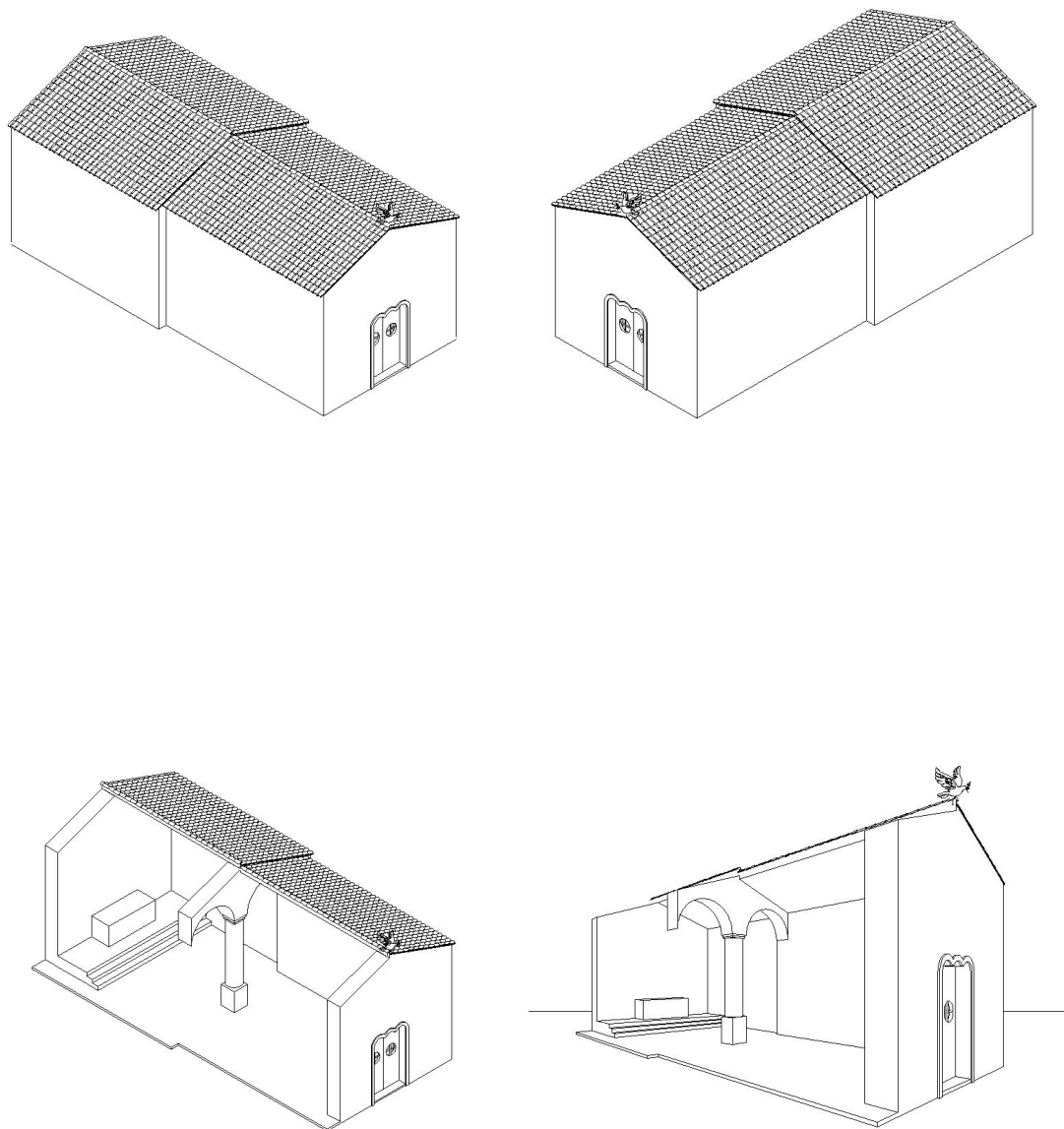
14. Adenda

Queremos deixar clara e previamente afirmado que esta adenda foi anexada à tese ora apresentada depois da sua defesa pública e apenas pretende ser uma mais uma hipótese de trabalho, com algum fundamento, na procura de clarificação da forma e neste caso a possível ornamentação da Ermida do Espírito Sancto atrás estudada.

Dado que a representação simbólica do Divino Espírito Santo se pode fazer de diversas formas, sendo talvez a de uma pequena pomba com um ramo no bico, a tipologia mais comum, não nos espantaria que essa simbologia estivesse de alguma forma presente no frontispício da citada ermida, uma vez a ele era votiva.

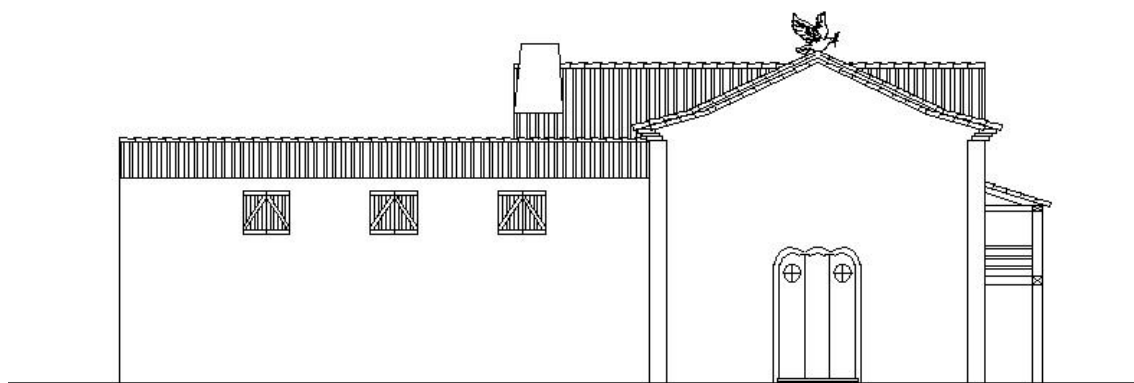


Embora menos plausível não queremos deixar de apresentar seguidamente, algumas conjecturas com essa via exploratória, seguros de que poderá ser mais uma válida hipótese de trabalho para o estudo de um património Farense tão pouco divulgado.

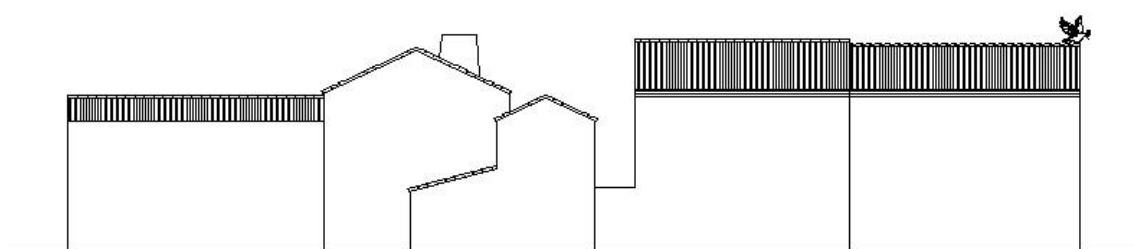


Ilustrações 1 a 4 da adenda: Novas hipóteses de trabalho para a caracterização da Ermida do Espírito Sancto

Propriedade do Autor realizadas pelo designer Luís Pereira.



VISTA POENTE



VISTA NORTE

Ilustrações 5 e 6 da adenda: Novas hipóteses de trabalho para a caracterização do conjunto Hospital João Dias e Ermida do Espírito Sancto

Propriedade do Autor realizadas pelo designer Luís Pereira.